

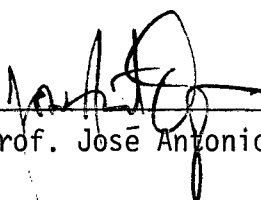
A EXTRAÇÃO DE BORRACHA NA AMAZÔNIA

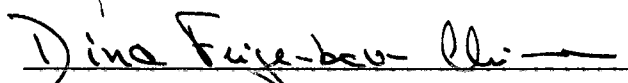
1823 - 1913

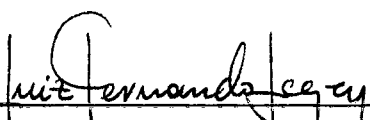
Roberto Luis Olinto Ramos

TESE SUBMETIDA AO CORPO DOCENTE DA COORDENAÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DE ENGENHARIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO COMO PARTE DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM CIÊNCIAS (M.Sc.)

Aprovada por:

  
Prof. José Antonio Ortega -(Presidente)

  
Prof. Dina Feigenbaum Cleiman

  
Prof. Luiz Fernando Loureiro Legey

RIO DE JANEIRO, RJ - BRASIL

FEVEREIRO DE 1979

RAMOS, ROBERTO LUIZ OLINTO

A Extração de Borracha na Amazônia. 1823-1913  
|Rio de Janeiro| 1979.

VIII, 169p.                    29,7 cm (COPPE-UFRJ, M.Sc.  
Engenharia de Sistemas e Computação, 1979).

Tese - Univ. Fed. Rio de Janeiro, Fac. Enge  
nharia.

1. Extração de Borracha na Amazônia. I. COPPE/  
UFRJ. II. A Extração de Borracha na Amazônia.  
1823-1913 (série).

prū Gordo  
prā Velha  
i prā Sil  
COM AMOR

AGRADECIMENTOS

- Ao Ortega pela orientação e força;
- À Dina Feigenbaum Cleiman pela amizade e pela caixa de lenços de papel compartilhadas durante esses dois anos;
- Ao Luis Paulo companheiro todo esse tempo;
- A Luiz Galvez Rodriguez de Aria a quem devo a idéia;
- Ao CNPq e ao Programa de Engenharia de Sistemas e Computação pelo apoio financeiro que possibilitou a realização deste trabalho;
- À Suely pela datilografia e paciência.

R E S U M O

Neste trabalho é estudada a exploração de borracha na região Amazônica no período que vai de 1823 a 1913. Foi durante este período que a borracha tornou-se um dos componentes fundamentais do capital constante do processo de industrialização inglês e norte-americano passando a ter importância comparável à do café em alguns momentos da economia brasileira.

No Capítulo I são apresentadas as motivações que levaram ao trabalho, a sua relevância e uma síntese.

O Capítulo II trata, inicialmente, do processo de ocupação e colonização da região Amazônica, terminando com um levantamento das características da organização da produção naquela época.

O Capítulo III faz a ligação do capitalismo internacional e a produção colonial no Brasil, com sua inserção na divisão internacional do trabalho.

O Capítulo IV aprofunda a descrição do ciclo da borracha, detalhando os diversos fatores responsáveis pela produção e expansão determinada pelo crescimento da demanda internacional.

No Capítulo V apresenta-se uma formalização da lógica da organização da produção e de como se realizou a distribuição de rendimentos. São formalizadas algumas hipóteses sobre o ciclo através de uma série de curvas e desenvolve-se uma formalização mais matemática sobre a formação dos preços de produção no Brasil.

A B S T R A C T

This work studies rubber production in the Amazon region from 1823 to 1913. During this period rubber became one of the main components of the fix capital in the English an North-american industrial process, compared in importance to coffee in some phases of the brazilian economy.

In Chapter I work motivation, its relevance and synthesis are presented.

Chapter II deals, inically, with the process of human settlement and occupation in the Amazon, ending with an appraisal of production organization characteristics at the time.

Chapter II connects international capitalism and brazilian colonial production, under the context of international labour division.

Chapter IV describes deeply the rubber production period, giving details of the several production and expansion factors determined by the growth of the international demand.

Chapter V presents a formal scheme of production organization logic and how income distribution developed. Some hypothesis on the rubber period are developed through a series of curves as well as a mathematical formalization of the production price formation in Brazil.

INDICE

	<u>Páginas</u>
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO . . . . .	1
CAPÍTULO II . . . . .	7
II.1. - INTRODUÇÃO . . . . .	7
II.2. - PRIMEIRA FASE DE COLONIZAÇÃO . . . . .	11
II.3. - SEGUNDA FASE DE COLONIZAÇÃO . . . . .	20
II.4. - ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO APÓS POMBAL . . . . .	32
II.5. - SUMÁRIO . . . . .	36
CAPÍTULO III . . . . .	39
III.1. - INTRODUÇÃO . . . . .	39
III.2. - O BRASIL E O CAPITALISMO MUNDIAL ..	39
III.3. - BRASIL NA DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO . . . . .	44
CAPÍTULO IV . . . . .	52
IV.1. - HISTÓRICO DA BORRACHA E SEUS USOS . . . . .	52
IV.2. - O ESTABELECIMENTO DO SERINGAL E DO SISTEMA DE AVIAMENTO . . . . .	56
IV.2.1. - INTRODUÇÃO . . . . .	56
IV.2.2. - O SERINGAL . . . . .	61
IV.2.3. - O SISTEMA DE AVIAMENTO E A CASA AVIADORA . . . . .	63
IV.3. - SISTEMA DE TRANSPORTES . . . . .	70
IV.4. - EVOLUÇÃO DAS TÉCNICAS . . . . .	76
IV.5. - CRESCIMENTO TERRITORIAL . . . . .	83
IV.6. - MÃO-DE-OBRA-SERINGUEIRO . . . . .	86

	<u>Páginas</u>
IV.7. - PRODUÇÃO NO BRASIL . . . . .	94
IV.8. - PRODUÇÃO NA ÁSIA . . . . .	108
CAPÍTULO V - FORMALIZAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE RENDIMENTOS . . . . .	118
APÊNDICE I . . . . .	138
APÊNDICE II . . . . .	140
APÊNDICE III . . . . .	143
BIBLIOGRAFIA . . . . .	166



CAPÍTULO IINTRODUÇÃO

O interesse pela realização de um trabalho sobre o ciclo da borracha surgiu a partir de leituras que o descreviam como um período de fausto e luxo com o enriquecimento de todos que trabalharam com o látex. As histórias fantásticas sobre a riqueza e os desvaios dos novos ricos são incontáveis e praticamente toda a literatura sobre esse período é centrada neste aspecto. As poucas referências isentas de fantasias em sua análise estão infelizmente em obras que tem outros objetivos e dedicam apenas poucas páginas ao ciclo.

Da imagem de um período de extrema riqueza unida a questões como: que papel representou essa época na economia brasileira e porque não se realizou nenhuma forma de acumulação - de maneira a diversificar sua estrutura produtiva atenuando o impacto da queda nas exportações - , resultou esta tentativa de apresentar uma descrição dos principais fatores envolvidos na produção de borracha concluindo com uma formalização que forneça de maneira simples uma idéia da dinâmica do ciclo da borracha.

Durante todo o trabalho farei referência à REGIÃO AMAZÔNICA, definir esta região é tarefa difícil e com várias questões implícitas. Limitar-me-ei a apresentar uma descrição em termos puramente geográficos extraída de Cardoso <sup>4</sup>: "os limites da floresta amazônica em território brasileiro, tomando

como ponto de partida o leste, principiam um pouco antes da capital do Maranhão (São Luís); daí ela segue em direção ao sul englobando três quartos da área desse estado, afunda-se cada vez mais para o sudoeste, incluindo o tipo norte de Goiás e um terço do norte mato-grossense. Esta área, se bem que menor, coincide, a grosso modo, com a Amazônia Legal, algo em torno de cinco milhões de quilômetros quadrados, cerca de 59% do território nacional".

No ciclo da borracha somente os estados do Amazonas, Pará e Acre tiveram um peso significativo na produção de borracha, assim pode-se considerar a região amazônica como composta por esses três estados para efeito do estudo do ciclo da borracha. Para a fase de ocupação e colonização o estado do Maranhão foi também considerado.

Limitarei o período de estudo de 1827 a 1913 pois foi neste intervalo que se iniciaram as exportações e, tanto a produção quanto os preços atingem seu máximo sofrendo grande queda no final do período. Outros motivos para limitar a pesquisa em 1913 são o surgimento da borracha sintética que modificou inteiramente o mercado nas décadas seguintes e as duas guerras mundiais, períodos extremamente particulares e importantes para a produção de borracha.

Sobre a economia da borracha é importante de início ressaltar que seu desenvolvimento não pode ser considerado como um simples "surto" quer pelo fato de seu período de desen-

volvimento ter durado meio século, quer pelo alto volume de suas exportações que, nesse transcurso, equivaleram a cerca de metade das exportações paulistas de café\*.

A economia da região Amazônica (excluindo o Maranhão) manteve-se desde sua colonização com bases no extrativismo florestal, observando-se algumas tentativas na agricultura e pecuária sem maiores resultados. A atividade extratora de borracha iniciada junto com a exploração das "drogas do sertão" teve sua maior expansão nas décadas de 1860 e 1870 devido às inovações industriais surgidas na Europa que demandavam sempre mais borracha. O alto custo de produção devido às péssimas condições geográficas e às técnicas destrutivas de extração utilizadas no Brasil, ocasionou uma grande subida nos preços, que triplicaram entre 1880 e 1910, situando-se, na média do período de 1911-1920, a nível 60% mais alto do que os preços médios vigentes no período de 1881-1890.

Pode-se avaliar qualitativamente o peso das exportações de borracha através da comparação entre a evolução da economia da borracha e a expansão cafeeira em São Paulo, no período de 1870 a 1920.

---

\* CANO |<sup>3</sup>|.

TABELA I.1  
 ESTADO DE SÃO PAULO E AMAZÔNIA  
 EXPORTAÇÕES DE CAFÉ E BORRACHA E RELAÇÃO POPULACIONAL

	EXPORTAÇÕES : 1000 CONTOS				
	BORRACHA		CAFÉ		HABITANTES
	AM	SP	AM/SP	AM/SP	
1871 a 1880	107,9	221,8	48,6%	39,7%	
1881 a 1890	185,5	490,7	37,8%	34,4%	
1891 a 1900	1163,3	2860,0	40,7%	30,5%	
1901 a 1910	2268,8	2899,2	78,3%	-	
1911 a 1920	1406,8	4942,0	28,5%	31,5%	

FONTE: CANO, WILSON - RAÍZES DA CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL EM SÃO PAULO, Rio de Janeiro, DIFEL, 1977.

Com estes dados, poder-se-ia perguntar por que não se gerou um complexo econômico tão dinâmico quanto o cafeeiro, guardando as proporções relativas entre ambos.

O problema principal residia na forma em que se desenvolveram as relações de produção na economia da Amazônia, ou seja, na preponderância do aviamento. Consiste este sistema numa cadeia de agentes, cujo primeiro elo são as grandes casas exportadoras/importadoras que concedem crédito em mercadoria (no caso da borracha) a intermediários, que por sua vez repassam o crédito ao último elo da cadeia que são os produtores di-

retos da atividade extrativa.

Esse fluxo de crédito, praticamente sem componente monetário, tem como contrapartida um outro fluxo em espécie. A diferença contábil entre os dois fluxos é o saldo do produtor, devedor na maioria das vezes, o que o torna mais e mais dependente do sistema de aviamento. Trata-se portanto, de um sistema aonde as casas exportadoras/importadoras controlam as mercadorias disponíveis.

Nem mesmo uma agricultura em nível significativo surgiu durante o ciclo da borracha, o que significa não ter existido uma empresa agrícola onde a atividade primária se desenvolveria sob o comando do capital, não existiam nem terras disponíveis nem mão-de-obra que viabilizassem tal projeto, como no caso do café. Por razões semelhantes não se criaram, também, oportunidades de inversão industrial, apesar da existência de procura, ainda que de dimensões reduzidas.

"Justamente por tudo isto, que exprime a profunda dominação do capital comercial na economia da borracha, é que boa parte dos lucros se transformou em construções suntuárias, grandes importações de bens de luxo e remessa de rendimentos para o exterior, dado a participação do capital estrangeiro no comércio exportador/importador" CANO |<sup>3</sup>|.

Ao realizar-se um balanço do ciclo da borracha pode-se encontrar três características fortalecidas durante o ciclo e que até hoje marcam a economia amazônica:

- i - sistema de aviamento (endividamento)
- ii - processo de obtenção do produto e sua circulação
- iii - organização social não permitindo uma divisão social do trabalho capaz de propiciar a criação de um setor produtivo para mercado interno.

Nos próximos capítulos além de aprofundar os elementos introduzidos aqui apresentado no Capítulo II o processo de ocupação e colonização, no Capítulo III procuro fazer a ligação do capitalismo internacional e a produção colonial no Brasil com sua inclusão na divisão internacional do trabalho, no Capítulo IV o ciclo da borracha é retomado e aprofundado e finalmente no Capítulo V apresento uma formalização da lógica da organização da produção de borracha e da distribuição de rendimentos.

## CAPÍTULO II

### II.1. INTRODUÇÃO

A apresentação do período de ocupação e colonização da região Amazônica visa que através da compreensão de como se realizou seu desenvolvimento histórico e econômico, se tenha uma maior clareza sobre as raízes do ciclo da borracha.

Chamando a atenção para detalhes que terão relevância posteriormente tento desenvolver a política de ocupação da região Amazônica acompanhando sua evolução até o início do ciclo da borracha, política esta gerada pelo sistema colonial português. Para um entendimento de todo esse período em que a borracha tornou-se um dos produtos mais importantes tanto para a balança comercial brasileira, como para o capital internacional sob forma de capital constante, acredito que seja profundamente esclarecedora uma visão de como se realizou a formação da organização da produção e das relações sociais.

A partir dos séculos XVII e XVIII a Amazônia tornou-se uma preocupação e começou a ser vista pelos portugueses como uma região de interesse.

Antes do deslocamento dos portugueses, a região era usada por holandeses, ingleses e franceses para obterem DRUGAS DO SERTÃO, isto é, produtos obtidos extrativamente da flora da região e com grande demanda na Europa. Os holandeses e ingleses haviam se estabelecido na costa do Macapã e ao longo do Ama

zonas sendo sua presença, marcada por, além de um escambo bastante ativo com os índios tupinambás, casas-fortes e feitorias. Reis |<sup>19</sup>| afirma que estes povos: "começavam a ocupar a terra com ares de permanência, através da lavoura canavieira e fabrico do açúcar e rum". Trabalhadores negros, trazidos da África, empenhavam-se nesses misteres agrícolas e industriais.

Não encontrei maiores informações sobre influências desses povos na posterior colonização portuguesa a não ser o fato de terem despertado o interesse dos portugueses pela região norte do país e provocado lutas para a sua expulsão. Acredito entretanto, que este ponto está aberto para uma pesquisa maior sobre as influências dos povos "invasores" na organização social e produtiva da região quando da vinda dos portugueses. Caio Prado |<sup>16</sup>| também faz rápida referência à tentativa holandesa e inglesa de estabelecimento na região, colocando-a como a causa do deslocamento dos portugueses para a mesma. Neste contexto este deslocamento foi uma atitude política visando a ocupação da área e com isso a expulsão de ingleses e holandeses.

Os propósitos portugueses não eram somente o de se instalarem na região de forma a que fosse garantida sua posse. Vinham com uma proposta colonizadora bem definida onde existia a preocupação de que o seu estabelecimento ficasse bem arraigado, reproduzindo o sistema colonial desenvolvido nas suas colônias da África e Ásia somente adequando-o às condições geográficas da região.

A conquista portuguesa se estende de 1600 a 1823



e, de maneira precária tentando apenas uma melhor forma de exposição, poderia ser dividida em dois períodos:

- o primeiro de 1600 a 1750, um período de instalação e adaptação do sistema colonial à região;

- o segundo de 1750 a 1823, desenvolvido a partir de uma certa estabilidade obtida através da ocupação da terra e em paralelo com uma mudança na política portuguesa. Esta mudança foi a colocação dos negócios de estado portugueses, em 1750, sob direção de Sebastião José de Carvalho e Mello, posteriormente Marquês de Pombal.

Sobre a colonização é importante observar que foi quem produziu condições superestruturais não modificadas quando o capitalismo trouxe um novo modelo econômico e, como consequência, a necessidade da borracha. A sociedade persistiu voltada para o extrativismo de maneira a suprir as exigências do mercado externo e subordinada às importações, para atender suas necessidades internas. O período de descoberta e exploração foi regido pelo mercantilismo e conseqüentemente todo o sistema colonial desenvolveu-se sob suas diretrizes: - a exaltação do valor absoluto do Estado por um lado e o da riqueza (vista como estoque) pelo outro. O mercantilismo desenvolveu a tese segundo a qual o Estado se fortalecia favorecendo o enriquecimento dos seus cidadãos. Para os mercantilistas riqueza significava o estoque de recursos econômicos disponíveis, com particular referência aos metais preciosos. A idéia dominante era a de que o estoque total de riqueza é dado como um todo para todos os países e que a riqueza de um país somente poderá crescer

às custas da riqueza de outro país.

Assim, uma compreensão da dinâmica do sistema colonial, permitirá uma visão mais profunda da política colonial portuguesa na Amazônia, a posterior crise do sistema colonial e o início do ciclo da borracha.

Segundo Viotti <sup>29</sup>: "a descoberta e a exploração das colônias europeias na América relaciona-se de um lado com a formação do Estado moderno, centralizado e absoluto e de outro com o desenvolvimento de uma poderosa classe de mercadores e armadores que se associou à Coroa nos empreendimentos marítimos e colonizadores. A empresa colonial refletiu essa aliança. A Coroa estava interessada na expansão dos seus domínios e no usufruto das rendas coloniais. Não contava, no entanto, com os recursos materiais e humanos para lançar-se a essa obra sozinha. Por isso, recorreu aos mercadores e aos banqueiros que, dessa forma, se associaram à colonização. Estes por sua vez necessitavam do apoio da Coroa para assegurar o controle dos mercados, condição essencial de acumulação do capital".

A necessidade dos mercadores e a escassez destes gerou um sistema de monopólios e privilégios para limitar a concorrência e garantir os lucros dos mercadores. Com isso as colônias foram obrigadas a somente comerciar com a metrópole, para onde exportavam a produção e importavam manufaturados, de produção proibida nas colônias. O sistema colonial criado visando os interesses da metrópole era apoiado nas colônicas pelos grupos ligados a exportação e importação.

Com o crescimento dos mercados e o fortalecimento do capital industrial o sistema colonial tem sua política econômica reformulada através das teses de livre cambismo. Essa transformação influenciou toda a economia brasileira e algumas de suas consequências foram: a abertura dos portos, a propagação dos ideais liberais e, posteriormente a independência.

## II.2. PRIMEIRA FASE DE COLONIZAÇÃO

Os portugueses preocupados com as investidas colonizadoras de franceses, holandeses e ingleses no norte do país, mudaram sua política de indiferença por essa região e dirigiram-se, a partir de Salvador e Recife, para o norte.

Os motivos principais que nortearam esse deslocamento foram a expulsão dos invasores e o aproveitamento de uma região potencialmente produtiva. A expulsão foi feita de forma definitiva e rápida, Caio Prado <sup>|16|</sup> afirma que: "com a fundação de Belém do Pará em 1616 a expulsão já estava terminada". Souza <sup>|25|</sup> considera o início da colonização nesta data. Foi nesse movimento de defesa que surgiram as cidades de São Luís, Belém do Pará, Macapá e Manaus. Inicialmente eram núcleos fortificados aos quais foram se reunindo colonos e indígenas formando os primeiros aldeamentos. Segundo Souza <sup>|25|</sup>: "uma esquematização precária dos movimentos dessa primeira fase seria a fundação de estabelecimentos militares, feitorias e missões, expedições de reconhecimento e ocupação, os resgates, as guerras justas, o descimento de nativos para os centros coloniais". Por

Cardoso |<sup>4</sup>| o povoamento da região veio do movimento de caça ao Índio por colonos já estabelecidos no Maranhão que necessitavam desta mão-de-obra na lavoura e tentavam escravizá-la. Estes colonos juntos com os Jesuítas, (ao mesmo tempo perseguidores e defensores dos Índios) foram penetrando na floresta amazônica, através das vias fluviais e matas rasas, descobrindo assim suas potencialidades: AS ESPECIARIAS. Devido à queda do mercado açucareiro e às lutas entre colonos e jesuítas pela mão-de-obra indígena, resultou uma expansão territorial constante, que foi do século XVII aos meados do século seguinte.

A colonização se baseou principalmente em tentativas de reproduzir no interior as mesmas culturas do litoral, essencialmente cana-de-açúcar, de maneira a evoluir de uma economia exclusivamente extrativista, para uma centrada em um cultivo organizado.

Este plano criado e coordenado na metrópole visava também uma contínua ocupação territorial confirmando cada vez mais a soberania portuguesa sobre a região e, reafirmando suas diretrizes mercantilistas na tentativa de aumentar sempre suas "fontes" de riquezas coloniais.

As tentativas da criação de lavouras e do cultivo organizado não progrediram. Os problemas de adaptação às condições naturais tornaram-se incontornáveis. Uma floresta extremamente densa, localizada em terrenos baixos sujeitos a um regime fluvial irregular, com cheias que inutilizam áreas enormes e com um volume de água capaz de arrancar enormes pedaços de terra eram adversários incombateis.

Para a implantação de uma economia baseada no cultivo se exigia um domínio sobre as condições do lugar que ainda não existia. Desta maneira novas formas de sobrevivência econômica foram desenvolvidas. Observa-se que pela política mercantilista o papel da Amazônia para a metrópole era de produtora de bens naturais exportáveis, toda a manufatura era proibida devendo o necessário ser importado da metrópole. Dentro deste horizonte os colonos que não haviam conseguido fixar-se através da agricultura voltaram-se para o extrativismo, obtendo as drogas do sertão que era tudo o que a floresta oferecia de exportável. Assim, o estabelecimento de uma agricultura ou mesmo de pecuária exigiria maiores esforços, o que naquele momento não interessava à metrópole que concentrava seus interesses em outros pontos mais produtivos.

Nesse quadro as atividades necessárias à produção colonial, desenvolvidas e adaptadas às condições locais eram a penetração na floresta para colher os produtos, ou para a pesca e a condução das barcas que faziam o transporte pelos rios.

Desde o início do povoamento na região amazônica existiu problema de carência de mão-de-obra surgindo sempre como solução o índio. Nesse primeiro período o indígena teve sempre um papel preponderante e esta invariavelmente ligado direto aos missionários que haviam se dirigido para a região junto com os leigos.

A política de aproveitamento do indígena como mão-de-obra variou entre a tentativa de escravizá-lo, adotada

pelos colonos auxiliados pelas tropas e a de "catequiza-lo" tornando-o um servo, adotada pelos missionários, principalmente os Jesuítas e Carmelitas.

Com os meios empregados pelos portugueses a adequação do indígena ao sistema colonial, jamais foi tranquila ou produtiva. As tentativas de escravização e emprego como mão-de-obra na lavoura ou mesmo as esparsas tentativas de mineração realizadas neste período, foram respondidas com constantes rebeliões sufocadas invariavelmente pela repressão armada. Entre as rebeliões mais conhecidas está a do tuxaua Ajuricaba, na região do rio Negro, quando na luta os portugueses chefiados por Belchior Mendes de Moraes subiram o rio Urubu destruindo em torno de 300 malocas e massacrando 15.000 índios, em 1729 foram mortos em torno de 21.000 índios. Outros meios violentos também eram usados como, jogar tribo contra tribo, ou punições genocidas. Quando não eram encontradas tribos exauridas que aderiam imediatamente aos colonizadores, ou tribos que estavam sob influência missionária, a ideologia colonial era imposta por meios violentos.

Com o fracasso das tentativas de agricultura e cultivo organizado das drogas do sertão e, a estabilização da economia de bases extrativistas, o indígena foi finalmente aproveitado como mão-de-obra. Da conjugação da repressão constante com uma série de atividades necessárias à produção nas quais o indígena era familiarizado (já citadas anteriormente) os portugueses conseguiram empregá-los.

Já a política de defesa e proteção do indígena

da escravidão junto ao "zelo cristão por suas almas pagãs" demonstrou ser mais eficiente que a violência dos portugueses. Os Jesuítas foram a vanguarda na penetração da região amazônica, essa infiltração que iniciou-se a partir da segunda metade do século XVII foi parte de um plano de assentar na América um grande império temporal sob sua direção. Caio Prado <sup>[16]</sup> justifica tal idéia afirmando: "não se explica de outra forma a empresa sistemática e, em parte realizada, de conquistar todo o coração do continente sul-americano; o que se revela nesta linha estratégica de missões que se estendem do Uruguai e Paraguai, pelos Moscos e Chiquitos do Bolívia, até o Alto Amazonas e Orenoco. Reunidas estas missões de origem espanhola às portuguesas que subiram pelo Amazonas, o conjunto apresenta-se como um bloco imenso e coeso de territórios plantados em cheio na América".

A forma inicial de lutar em defesa do indígena transformou-se na sua exploração como mão-de-obra obtida através da troca por quinquilharias, criava-se dessa maneira uma dependência a essas quinquilharias que posteriormente tiveram seu fornecimento condicionado a participação do indígena nas atividades produtivas. Com essa mão-de-obra das missões foram construídas - casas, igrejas, escolas, depósitos, etc -. E quando terminadas os indígenas se dedicavam a agricultura, caça e colheita de drogas.

As ordens religiosas tendo ao seu dispor uma mão-de-obra servil e como vanguarda no processo de penetração no vale Amazônico em vez de realizarem o objetivo tradicional das missões que era a abertura de espaços para a vinda dos colonos

tornaram-se ferozes concorrentes desses colonos, recorrendo até mesmo à violência para mante-los afastados de forma a não ameaçarem sua hegemonia na região. Essas ordens religiosas haviam se transformado em grandes empresas comerciais na maioria das vezes mais eficientes que as mantidas pela Coroa.

Tanto na política oficial portuguesa quanto na adotada pelas ordens religiosas foi fundamental a destruição da forma tribal das relações sociais para a implantação das relações sociais trazidas em seus planos de conquista.

Para uma compreensão da diferença nos resultados obtidos pelas missões religiosas e pelos colonos portugueses é fundamental a diferenciação entre seus projetos de colonização. Os Jesuítas pretendiam, como já explicitado, constituir um império temporal em toda a América do Sul, dentro desse projeto suas relações com os índios eram direcionadas para o estabelecimento de vínculos que possibilitassem uma ocupação de forma definitiva. O índio era encarado como um servo, que, desde que catequizado tinha sua função no processo de colonização da Amazônia, que seria a construção das missões e o estabelecimento de uma agricultura de subsistência para essas missões.

Os Jesuítas não tinham preocupações na criação de um excedente em sua produção para a exportação, o que era vendido eram as sobras de uma produção voltada apenas para o consumo interno, pode-se considerar essas sobras como um excedente residual bastante semelhante ao obtido nos feudos europeus durante o feudalismo.

Já os portugueses tinham em seus projetos de ocu



pação e colonização a preocupação com a criação de um excedente, constituído de mercadorias coloniais.

No projeto Jesuíta o índio não sofria pressões para aumentar sua produção, era explorado como mão-de-obra servil mas tendo como sua função principal ser uma base para a consolidação das missões, enquanto que para os portugueses tinham como função principal trabalharem para gerar um excedente, isso não conseguiu ser obtido com o escambo surgindo então a violência e a escravização como alternativa para a execução desses objetivos. Essa mudança não é uma peculiaridade da região amazônica. Guimarães <sup>8</sup> coloca que em todos os locais aonde se realizou comércio entre índios e portugueses o escambo foi substituído pela violência, como em: "todavia, não foi a falta de habilidade dos conquistadores portugueses que motivou a substituição do escambo pela violência no trato com o gentio. As mudanças que se processaram nesse terreno foram simples decorrência das necessidades econômicas da metrópole que a levaram a optar por outras formas de exploração da terra conquistada". Da diferença de abordagem dada na utilização do indígena na Amazônia pode-se compreender melhor a diferença de resultados obtidos e a posterior degeneração nas relações entre Jesuítas e portugueses.

A sociedade amazonense foi formada com a vinda dos funcionários burocráticos e soldados enviados por Portugal para a expulsão dos invasores, colonização e expansão da terra, acrescidos dos imigrantes atraídos pela fama de uma riqueza de fácil obtenção. Essa imigração foi sempre extremamente reduzi-

da e fundamentalmente o povoamento foi realizado por famílias formadas de colonos e índios, mamelucos nordestinos e famílias portuguesas atraídas pelos missionários.

Para finalizar gostaria de observar que mesmo com os fracassos na agricultura e com uma economia voltada para o extrativismo, as tentativas nesse campo nunca foram abandonadas, como também tentativas em pecuária. Persistiu sempre uma agricultura voltada para a subsistência, e em alguns pontos ligada a exportação, principalmente nas missões.

Encontra-se em alguns autores referências otimistas em relação a produção agrícola no fim deste período, como Reis [19] afirmando que a produção crescia e indo mais além declarava que a produção agrícola começava a tomar o lugar da extra<sup>u</sup>tiva. Entretanto na maioria das fontes isso não é observado, tendo havido somente uma nova tentativa colonizadora tentando incrementar a agricultura e a indústria no próximo período, tentativa esta provocada por uma série de mudanças na política colonial portuguesa.

### II.3. SEGUNDA FASE DE COLONIZAÇÃO

A partir de 1750 os portugueses iniciam uma nova fase de colonização, com sua política colonial já adaptada às condições da região.

O indígena atraído para a periferia das povoações tornou-se a maior fonte de mão-de-obra, escravizada tanto

pela força como pela fê, que, envolvida no extrativismo foi vio lentamente afastada das atividades agrícolas de sustentação e conseqüentemente houve o aniquilamento de todas as atividades a grícolas.

Com o fortalecimento do extrativismo em detrimento da agricultura, esta, que já não era muito diversificada, de cai para uma produção de subsistência, ou mesmo abaixo desta. O extrativismo dependia de exportações cada vez mais fortes para sua expansão. Com a decadência da agricultura a alternativa para subsistir era a importação de todas as mercadorias necessárias. Observamos uma concentração do poder econômico cada vez maior nas mãos da burguesia comercial amazônica intimamente ligada à exportação e importação. É importante ressaltar, no entanto, que em termos relativos, a movimentação comercial na Amazônia permanecia insignificante perante outras regiões do Brasil, o que nos indica ser esta burguesia comercial fonte apenas localmente neste momento.

Mesmo com a produção totalmente dominada por atividades extrativas, os portugueses mantinham-se assegurando os meios para uma fixação cada vez maior na região. Com isso garantiram cada vez mais a posse da terra, passando o interesse mercantil em alguns momentos até para um plano secundário. Pensavam que podiam reproduzir na Amazônia as mesmas experiências de Minas e Pernambuco, aonde o ouro e a cana-de-açúcar realizaram essa fixação com os mesmos resultados. Foram, então, realizadas experiências de certo vulto em cultivo e pecuária na região do rio Negro e algumas tentativas da criação de indústrias.

Essa política é a primeira demonstração dos reflexos de uma mudança fundamental no governo português e em toda a sua política mercantilista.

Em 1750 com a morte de D. João V subia ao trono de Portugal D. José I e com ele Sebastião José de Carvalho e Mello, posteriormente Marquês de Pombal, assumia com plenos poderes os negócios de Estado portugueses. Pombal era um profundo estudioso do mercantilismo e principalmente de Companhias de Comércio. Sua maior preocupação era sobre as relações da Inglaterra com Portugal, acreditando que a Inglaterra tinha sérios interesses no Brasil e que planejava sua invasão para qualquer momento.

Foi dentro da política que o Marquês de Pombal desenvolveu para Portugal, visando suas relações com a Inglaterra, que se reformularam decisões referentes ao Brasil e as consequentes transformações na política traçada para a região amazônica.

Assim esse segundo período de colonização foi caracterizado por uma sofisticação do mercantilismo português, sua evolução, sua decadência e o surgimento de posições liberais\*.

---

\* As posições liberais surgidas no Brasil tiveram características próprias não se distinguindo como na Europa, na luta contra o absolutismo e sim contra o sistema colonial. Segundo Viotti [29]: "a luta pela liberdade e pela igualdade é a luta contra os monopólios, os privilégios e as restrições que a Metrôpole impõe à livre produção e circulação, principalmente as restrições comerciais que obrigam os brasileiros a comprar a venda através de Portugal".

Acredito ser importante uma observação sobre as preocupações e mudanças de Pombal, para uma compreensão mais profunda da evolução da colonização da região amazônica e as condições de organização da sociedade que serviu de base para o ciclo da borracha.

Maxwell <sup>[12]</sup> mostra como se caracterizava o controle inglês sobre Portugal segundo Pombal: "além de suas amplas leituras e observações pessoais, Carvalho e Melo apercebeu-se do controle que a Inglaterra exercia sobre Portugal - não sô em função das dificuldades econômicas e sociais de sua pátria como pelo rápido progresso da economia britânica. Acreditava ele que o tratado cromwelliano de 1654 estabelecera em Portugal, recém-independente, um sistema de controle que a tornara mais escravizada aos interesses britânicos do que jamais o fora aos da Espanha. Os ingleses tinham obtido a posse sem o domínio. Era um relacionamento que lhes permitia absorver as imensas riquezas oriundas das descobertas de ouro e diamantes no Brasil - e Carvalho e Melo sustentava que o fabuloso capital produzido pelas minas passava quase todo para a Inglaterra".

Pombal preocupava-se também com a dependência dos produtos manufaturados ingleses, pois Portugal sobrevivia unicamente do comércio, dependendo das flutuações dos preços dos produtos coloniais que exportava.

"Mecanismo essencial na vinculação do sistema colonial à economia de um mundo em desenvolvimento era o comércio anglo-português. Pelo tratado de Methuen de 1703 os

produtos de lã britânicos, entravam em Lisboa e Porto isentos de tributos e, em troca os vinhos portugueses recebiam privilégios no mercado inglês. Na primeira metade do século XVIII o intercâmbio foi muito favorável a Inglaterra, sendo altos os lucros individuais. Tecidos de lã constituíam dois terços do total das exportações inglesas e de 1756-1760 o vinho do Porto representou, em valor, 72% de todo o consumo de vinho da Inglaterra. Desde o início da década de 1730 o grande influxo de ouro e diamantes exagerara o desequilíbrio do intercâmbio anglo-lusitano. Os déficits podiam ser compensados e a aquisição de produtos estrangeiros era facilitada pela saída de ouro que como observou Henry Feilding: "Portugal distribuiu tão liberalmente para a Europa." Maxwell |<sup>12</sup>|.

Um outro fenômeno desenvolvido dentro do sistema colonial e que Pombal queria terminar era o contrabando. O contrabando era extremamente vantajoso para a Inglaterra pois colocava seus produtos manufaturados nos mercados coloniais portugueses e espanhol na América e com isso suas vendas tinham um aumento que somava-se às vendas oficiais através dos portugueses e do seu monopólio nas colônias. Normalmente, esse contrabando, era realizado por "comissários volantes" - comerciantes portugueses itinerantes que compravam as mercadorias nas metrópoles e as levavam para o Brasil escondidas em suas acomodações de bordo - evitando despesas de fretes, comissões e armazenagem. Com o desenvolvimento do contrabando, comandantes de navios traziam mercadorias para vender e voltavam levando drogas do sertão compradas ilegalmente. Em outras regiões, como nas produtoras auríferas, o ouro era contrabandeado para Buenos Aires ou

outras províncias espanholas perto do Mato Grosso, lá esse ouro era trocado por prata, metal de grande procura pelos ingleses. Trazida a prata de volta ao Brasil era levada para as cidades portuárias e usada para a compra de manufaturados junto aos navios ingleses.

A situação complicava-se ainda mais através das atividades das ordens religiosas, principalmente Jesuítas, que detinham praticamente toda a mão-de-obra indígena, gerando queixas dos colonos que não poderiam dispor de escravos africanos devido aos elevados preços e se viam impedidos de dispor do indígena pelas ordens religiosas. Os Jesuítas impediam o acesso dos colonos portugueses aos indígenas, contrários as suas propostas de utilizá-los como escravos. Com uma produção eficiente geradora de um excedente residual que lhes permitia concorrer com os portugueses, os Jesuítas passaram a praticar largamente o contrabando, usando o Colégio dos Jesuítas em Manaus e Belém como armazém. As mercadorias para lá levadas eram comercializadas isentas de tributos e direitos alfandegários. Essa atitude de concorrência ao comércio oficial veio em decorrência dos projetos de colonização conflitantes entre portugueses e Jesuítas, já que ambos lutavam pelo controle da região sem interesses comuns.

Com o crescimento do comércio colonial e do contrabando, a oferta de produtos importados abarrotou o mercado. Os comerciantes "oficiais", que recebiam cotas determinadas, não mais conseguindo vendê-las integralmente, tiveram suas remessas de produtos coloniais para a metrópole diminuídas. Como o cré-

dito desses comerciantes era regulado por sua capacidade de exportar produtos coloniais ocorreu uma perturbação no mecanismo de crédito entre colônia e metrôpole, que no entanto não atingiu os produtores que conseguiram crédito junto aos ingleses e outros comerciantes estrangeiros.

Com essa série de problemas os interesses monopolistas da metrôpole e da colônia estavam seriamente prejudicados. Os lucros obtidos pelos comerciantes itinerantes e pelos agentes estrangeiros de Lisboa reduziam grandemente o comércio colonial regular.

Caracteriza-se então cada vez mais a interferência inglesa nas relações entre Portugal e Brasil, segundo Maxwell <sup>|12|</sup>: "as dificuldades que embaraçavam os interesses estabelecidos na metrôpole e na colônia ligavam-se, diretamente, à prosperidade dos ingleses e de outros negociantes estrangeiros que, proporcionando crédito e produtos a seus colaboradores portugueses - os comissários volantes - os capitães e os tripulantes dos barcos, davam base ao comércio itinerante e à conexão do contrabando transatlântico, o problema dos devedores da hinterlândia colonial, a concorrência desigual enfrentada pelos comerciantes estabelecidos e os altos lucros dos comissários volantes e dos contrabandistas estavam intimamente relacionados".

Os objetivos de Pombal eram, equilibrar a balança comercial entre Portugal e Inglaterra, fazer com que Portugal se industrializasse, de maneira a romper a dominação existente até então. E para realizar isto, via como primordial reformular o sistema colonial transformando-o em um mercantilismo



mais dinâmico e dirigido para esses interesses. As primeiras medidas tomadas foram reformular os métodos de fiscalização da produção aurífera no Brasil, aumentar a proteção aos produtores de açúcar e fumo, (foram criadas casas de inspeção visando garantir um preço justo para esses produtos).

O Tratado de Madri, assinado em 1750, garantiu a Portugal suas pretensões na Bacia Amazônica. As fronteiras entre a América portuguesa e espanhola deveriam ser demarcadas por duas comissões conjuntas, uma para o sul e outra para o norte, esta chefiada por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão de Pombal. Além de suas missões oficiais trazia de forma secretíssima, uma das grandes aspirações de Pombal, a multiplicação da população da região amazônica, acreditando que a força e a riqueza de todos os países se refletem no tamanho da população. E motivado por esta diretriz Mendonça Furtado proibiu a escravização dos indígenas, tentou promover a vinda de casais açorianos e incentivar a vinda de escravos africanos, tentando também solucionar a falta de mão-de-obra.

Em 1754 Mendonça Furtado revelou em uma série de cartas a Pombal reivindicações dos colonos sobre a criação de uma companhia que facilitasse o comércio de escravos para a região. Junto a essas manifestações surgiram grandes resistências jesuítas quanto à libertação dos indígenas. O que retiraria das mãos jesuítas uma de suas frentes de riqueza e dominação na região. Os jesuítas não se conformavam em se transformarem em meros conselheiros espirituais, pressentindo nas medidas de Pombal um fortalecimento nas posições portuguesas. Em paralelo

Mendonça Furtado havia recebido ordens para investigar as origens da fortuna acumulada pelos jesuítas, deteriorando ainda mais suas relações. Apoiando as reivindicações dos colonos Mendonça Furtado incentivava a criação de uma companhia privilegiada de comércio: "Achava que para criar a prosperidade na Amazônia seria essencial privar os jesuítas do "poder absoluto" que o controle da mão-de-obra indígena e a posição estratégica de suas missões lhes davam tanto no comércio quanto no contrabando". Maxwell |<sup>12</sup>|.

Assim em 1755 Pombal criou a primeira companhia de comércio no Brasil e junto aboliu o poder temporal dos padres sobre os indígenas.

Com a criação da companhia e o estabelecimento oficial do monopólio comercial houve uma maior reação dos Jesuítas que junto com a parte dos comerciantes não favorecidos com o monopólio iniciaram uma série de pressões contra a companhia. Pombal acreditava desde algum tempo que era fundamental isolar os Jesuítas do norte dos que haviam se localizado na região dos rios Uruguai e Paraguai ao sul para evitar a concretização de seu plano de dominação da América. Com a oposição à companhia do Grão-Pará, Pombal convenceu-se de que os Jesuítas tinham algum acordo com os ingleses, ambos prejudicados com as tentativas de terminar com o contrabando. Em 1758 elimina-se todo o poder temporal dos Jesuítas na América portuguesa e finalmente em setembro de 1759 os jesuítas são expulsos de todos os domínios portugueses. As outras ordens religiosas, mais dóceis, menos poderosas e menos ricas foram conservadas.

Segundo Cardoso |<sup>4</sup>| a experiência da criação da companhia foi incentivada pela prosperidade do Maranhão, ocorrida em um momento em que o mercado mundial estava em alta.

Temos basicamente que dentro de uma visão mercantilista Pombal criou a Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão como um organismo de intervenção do estado na região. A Companhia deveria organizar e centralizar a produção que existia até então e incentivar a agricultura, a indústria e o garimpo. Visando consolidar os interesses da metrópole e fazendo da consolidação imperial um empreendimento lucrativo tornava comuns os interesses dos grupos empresariais privados - burguesia mercantil e da metrópole.

"A Companhia do Grão-Pará e Maranhão - disse Pombal a Mendonça Furtado - era o único meio que havia para reivindicarem o comércio de toda a América portuguesa das mãos dos estrangeiros". Maxwell |<sup>12</sup>|. Como o comércio do Brasil com Portugal refletiu a especialização das produções regionais, através das frotas que transportavam as mercadorias:- as frotas do norte transportavam drogas, as de Pernambuco cana-de-açúcar, da Bahia cacau, ouro, prata, diamantes, do Rio de Janeiro ouro, couro e prata. Pombal pretendia criar várias companhias de comércio abrangendo os vários pontos de exportação.

A Companhia de Pernambuco e Paraíba foi a segunda a ser criada em 1759. A criação de novas companhias não foi concretizada, pois em 1765 as pressões dos ingleses, realizadas através dos comerciantes não favorecidos tanto na colônia como na metrópole ou dos seus representantes comerciais junto à Coro

a, fizeram com que Portugal desistisse da criação de novas companhias monopolistas para o Rio e Bahia permitindo que o comércio através desses portos se realizasse sem controle da metrópole.

A partir do momento que Pombal acentuou sua política monopolista, tentando fazer com que todo o comércio entre Portugal e Brasil se realizasse através de seus barcos os ingleses também aumentaram suas pressões exigindo uma maior liberdade para seus barcos comerciarem nos portos coloniais.

A Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão foi abolida em 1778 após a morte de D. José I e a destituição imediata de Pombal em 1777. Com a subida ao trono de D. Maria I toda a oposição a Pombal tornou-se influente na corte. Sob as pressões dos comerciantes não favorecidos pelo monopólio, padres, e o apoio inglês a companhia foi oficialmente extinta. Entretanto, sua influência e atuação no Brasil só terminaram com mudanças no próprio sistema colonial.

Este segundo período de colonização da região Amazônica que iniciou-se em 1750 e deixou em aberto alguma data que simbolize o seu término é caracterizado pela atuação do Marquês de Pombal e sua política para o Brasil.

Na região Amazônica realizou-se uma tentativa de diversificação da estrutura econômica até então somente extrativista com o fortalecimento da agricultura e da pecuária. A criação de uma companhia monopolista visava fortalecer o comércio entre metrópole e colônia através de medidas protecionistas, e-

xigindo que toda a exportação e importação passasse por suas mãos sendo transportada em navios da companhia. Com essas medidas acreditava enfraquecer o comércio paralelo e com o tempo conseguir terminar com a autonomia inglesa forçando-os a comerciar com a colônia através da Companhia do Grão-Pará. O regime de privilégios entretanto acarretou profundas divisões dentro da burguesia mercantil portuguesa ao criar um grupo alienado dos privilégios que, junto com os Jesuítas e, apoiados pelos ingleses reagiram permanentemente contra as medidas de Pombal não permitindo a solidificação de sua política para a colônia. Pombal apesar dos poderes absolutos que a coroa lhe delegou não conseguiu criar instrumentos que lhe permitissem uma obediência ao monopólio estabelecido oficialmente.

As medidas de Pombal não produziram os resultados pretendidos, o comércio continuou influenciado pelos ingleses, com estes colocando-se como ofertantes de crédito para o extrativismo no mesmo nível que Portugal. As companhias monopolistas que chegaram a ser fundadas não impediram que as frota mercantes inglesas continuassem comerciando no Brasil.

A burguesia comercial colonial, privilegiada ou não, tornou-se a responsável pelo financiamento à extração de produtos coloniais, entretanto, era por sua vez dependente do financiamento externo, inglês ou português. O extrativismo e este mecanismo de financiamento não permitiram o surgimento de uma burguesia comercial na colônia com condições de acumular capital de forma a tornar-se independente podendo financiar a extração desvinculada do crédito externo.

A mão-de-obra continuou como um dos sérios problemas, pois a expulsão dos Jesuítas implicou em levar aos indígenas um modelo de exploração que não havia dado certo. A questão não era a escravidão, e sim o modo de produção proposto pelos portugueses, colocando a produção de um excedente como essencial. Os escravos africanos continuaram com preços fora do alcance dos colonos na Amazônia só tendo sido empregados no Maranhão. E a imigração, que se tornou a solução durante o ciclo da borracha, manteve-se em níveis insignificantes.

#### II.4. A ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO APÓS POMBAL\*

A produção extrativa que se desenvolveu na região amazônica, tinha como sua principal fonte de mercadorias, a floresta. O sistema de extração baseou-se em simples expedições às matas nas épocas de colheita, quando se recolhia tudo o que era possível retornando-se aos portos. A terra não tinha utilidade, todas as experiências de seu aproveitamento haviam falhado, não havia propriedade a floresta era considerada inesgotável e à disposição de todos.

A obtenção das drogas do sertão é feita por meio de EXPEDIÇÕES, organizadas de forma a partir na época das colheitas. Os homens necessários eram reunidos por um empresário sob o controle das autoridades públicas. Esses empresários eram colonos que se deslocaram para o extrativismo levados pe-

---

\* baseado em PRADO |<sup>16</sup>|.

los constantes insucessos na agricultura e que, através de contatos com a burguesia comercial, conseguiam que esta financiasse o necessário para organizarem expedições usando como garantias os produtos que iriam colher.

O empresário, que se tornou um organizador da produção era inteiramente dominado pela burguesia comercial, pois esta lhe financiava a expedição e era somente a ela que podiam entregar sua colheita - tanto por ser uma dívida quanto por ser o único meio de exportação - . Pode-se considerar que o empresário era um assalariado com uma remuneração definida pela quantia necessária para que agisse como organizador da produção. A burguesia comercial por sua vez era dominada pela sua incapacidade de acumular, dependendo sempre do financiamento do capital inglês ou português.

Observa-se então que o extrativismo na Amazônia dependeu de dois fatores: a demanda gerada no exterior e determinante dos financiamentos, e a mão-de-obra nesse momento ainda disponível.

Normalmente as expedições eram compostas em sua maior parte de índios, o que era sempre problemático, pois tinham uma extrema má vontade em participar desertando sempre que possível.

Para organizar uma expedição um empresário tinha que lutar com a concorrência dos outros empresários e da administração pública que necessitava também de trabalhadores para suas obras, sem contar os índios levados pelas comissões

de limites para fixarem as fronteiras.

Desta concorrência resultaram diversas disputas, sendo necessária a nomeação de autoridades especiais para decidirem as questões através da repartição dos braços disponíveis. Os Índios apesar de não mais serem considerados escravos e terem direito a salário, conforme a legislação criada pelo Marquês de Pombal, não tiram proveito algum destas disputas e recebiam seus pagamentos em bens. Para demonstrar que as mudanças foram apenas teóricas, o papel do Índio na sociedade amazonense sempre foi de escravo. Até hoje o conceito sobre o Índio na Amazônia permanece inalterado, como mostra Charles Wagley\* (retirado de Souza |<sup>25</sup>|):

"Ser Índio, ou tapuia, significa baixa posição social, as pessoas descendentes do ameríndio, ao contrário dos negros, não gostam que se mencione sua ascendência indígena... Na sociedade amazônica o Índio muito mais frequentemente que o negro, era o escravo da sociedade colonial. Segundo os europeus, o Índio era um selvagem, inferior ao escravo africano e mais dispendioso que este. Hoje em dia, as características físicas de Índios são, um símbolo não só de descendência escrava como também de origem social mais baixa, nos tempos coloniais, do que a do negro".

Uma vez pronta a expedição, ela partia fortemente protegida, pelo fato de ainda existirem tribos hostis, mui-

---

\* Wagley, C. - Uma Comunidade Amazônica - Cia.Ed.Nacional, 1957.



tas delas resistiram à colonização até o século XIX. Assim, em uma frota composta por dezenas de embarcações, a expedição seguia rio acima procurando pontos favoráveis de desembarque. A colheita durava de semanas a meses, quando era feito o embarque e o retorno. O produto recolhido era entregue pelo empresário aos comerciantes que o despachavam aos seus correspondentes no Pará, de onde as mercadorias eram exportadas. Os pontos de organização e partida das expedições eram dispostos ao longo dos rios principais, servindo de centro para a exploração da região em torno, num raio de centenas de quilômetros.

A pesca, além de meio de subsistência, foi também organizada comercialmente. Construíram-se pesqueiros aonde se capturava, preparava e salgava o peixe para a exportação. Seu caráter usual era permanente e de grande extensão.

Como características gerais do tipo de vida levado na região amazônica temos: 1 - uma grande instabilidade e incerteza de vida; 2 - uma sociedade desorganizada, com graves problemas para a assimilação das grandes massas indígenas, que transformaram a colonização da Amazônia muito mais numa aventura, de atrativos temporários, que numa constituição de uma sociedade organizada e estável.

Caio Prado <sup>[16]</sup> assim refere-se a região: " e não foi possível ampliar as bases desta produção e dar-lhes pela agricultura mais estabilidade. A Amazônia ficará na pura colheira; e por isso vegetarão, assistindo impotente ao arrebatamento de suas maiores riquezas naturais por concorrentes melhor aparelhados. Deu-se isto com o cacau, antes seu monopólio no

Brasil, e cuja hegemonia passará, entre nós, para a Bahia. Dar-se-á o mesmo, um século depois, em proporções muito maiores e dramáticas, com a borracha. A colonização do vale amazônico ainda é hoje uma incôgnita".

## II.5. SUMÁRIO

### PRIMEIRA FASE DE COLONIZAÇÃO

A primeira fase foi caracterizada pela luta entre os portugueses e as ordens religiosas, basicamente os Jesuítas, pelo domínio da região amazônica. Os Jesuítas visando a instalação de um império na América do Sul procuravam atrair o indígena para as missões, "catequizando-os", procurando dominá-los com quinquilharias e exigindo somente o trabalho necessário para garantir o domínio da região. Os portugueses por sua vez exigiam uma produção sempre maior o que exigiu o emprego da violência e da escravização para conseguir que os indígenas trabalhassem como desejavam.

Existiram tentativas de agricultura e pecuária na região tentando sair de uma produção exclusivamente extrativista mas, por problemas vários não conseguiram progredir permanecendo o extrativismo florestal como atividade produtiva principal.

### SEGUNDA FASE DE COLONIZAÇÃO

A segunda fase foi o período em que as modificações introduzidas pelo Marquês de Pombal na política portuguesa

produziram uma série de experiências no Brasil.

Pombal tentou dinamizar o mercantilismo português. Na região amazônica reiniciou as tentativas de criar uma agricultura forte e algumas manufaturas. Para terminar com o contrabando - sério concorrente do comércio oficial - fortifica os monopólios comerciais e cria uma companhia de comércio que monopolizava os transportes entre Portugal e Brasil.

Os atritos entre portugueses e Jesuítas originados pela luta por mão-de-obra se intensificaram. Como Pombal acreditava serem os jesuítas aliados dos ingleses e por estarem também praticando contrabando retirou todo o seu poder temporal e logo após os expulsou da região.

As experiências de Pombal não deram resultado e mais uma vez o extrativismo permaneceu como atividade principal na região amazônica. Com isto uma burguesia comercial ligada a exportação e importação e formada por pessoas originariamente ligadas à burocracia portuguesa, militares e colonos bem sucedidos se fortaleceu e conseguiu algum poder econômico às custas de financiamentos externos.

#### ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO

Com o extrativismo como única atividade produtiva desenvolveu-se uma estrutura produtiva na região amazônica.

A burguesia comercial recém formada era a responsável pelo financiamento - com capital obtido externamente - de expedições às matas para a coleta de drogas do sertão, esse fi-

nanciamento era feito em mercadorias necessárias à expedição.

Essa expedição era organizada por um "empresário", normalmente colono que havia abandonado a floresta, que por seus contatos conseguia o financiamento e agenciava mão-de-obra. Para obter o financiamento comprometia-se a pagar com o resultado da expedição e vender o que sobrar ao comerciante que o financiou e, a mão-de-obra utilizada eram basicamente caboclos, indígenas e colonos mal sucedidos.

É importante ressaltar que durante todos esses períodos manteve-se uma agricultura de subsistência e alguns colonos permaneceram na floresta vivendo do extrativismo o que provocou a criação e manutenção de uma pequena frota fluvial para recolher as drogas e abastecer esses colonos.

### CAPÍTULO III

#### III.1. INTRODUÇÃO

Pretendo neste capítulo apresentar algumas características do desenvolvimento do capitalismo mundial e seus reflexos no Brasil. A compreensão de como se realizou a integração do Brasil na divisão internacional do trabalho é fundamental para o entendimento da importância que a borracha teve para o processo de industrialização que realizava na Europa e qual o papel representado por um país periférico nesse processo.

#### III.2. O BRASIL E O CAPITALISMO MUNDIAL\*

O capitalismo industrial, identificando sua origem na Revolução Industrial - 1775/1800, poderia ser descrito em duas fases.

A primeira, 1770/1870, caracterizada por um crescimento da divisão internacional do trabalho e centrada na Inglaterra. Foi nesta primeira fase que as colônias e ex-colônias foram agregadas ao capitalismo mundial como produtores de

---

\* Seguirei como texto base para a apresentação desta seção a referência SINGER [22], à qual é recomendada junto com FURTADO [6] para maiores referências.

"artigos coloniais" - fumo, algodão, açúcar, especiarias, ouro, prata, etc - que eram trocados por produtos manufaturados nos países centrais. Esse procedimento é claramente observado no capítulo anterior, atuando Portugal não como um país industrializado mas como intermediário entre a Inglaterra e o Brasil, Portugal manteve-se praticando uma política mercantilista ligada a capitais comerciais.

A partir de 1870 acentuou-se a industrialização, e penetração do capitalismo na África Negra, os ingleses fundaram uma série de companhias na África, junto com franceses, belgas e alemães. Além dos Estados Unidos em Cuba, Porto Rico e Filipinas.

A economia brasileira durante o princípio deste período estava em crise. As exportações haviam caído para 3 milhões de libras, quando já haviam estado em 5. O açúcar e o ouro tiveram queda em suas vendas que, somando-se ao crescimento da população, provocaram o nível de renda mais baixo do período colonial. A economia brasileira se apresentava como uma série de polos articulados ou isolados, ligados à produção de um único artigo para exportação. Identificava-se um polo ligado à produção de açúcar no nordeste, francamente articulado com a pecuária local. Outro polo era identificado produzindo ouro em Minas Gerais, da mesma forma fracamente ligado à pecuária do sul do país (de São Paulo ao Rio Grande do Sul). A ligação entre esses dois polos era feita através do rio São Francisco. Ao norte podia-se identificar mais dois polos, ambos autônomos do resto do país. O Pará vivendo exclusivamente da economia extra

tiva florestal, e finalmente o Maranhão, o único polo que apresentou um crescimento efetivo e aonde a Companhia Geral do Grão Pará conseguiu seus melhores resultados com a exportação do algodão e do arroz, que tiveram sua demanda aumentada, pelas mudanças nos mercados, ocasionadas pela guerra de independência dos Estados Unidos e Revolução Industrial.

O segundo período é caracterizado pela plena hegemonia do capital industrial. Este período também caracterizou-se pelo fim da hegemonia britânica e o início das disputas interimperialistas pela conquista cada vez maior de mercados para os produtos e fontes de produtos primários. A expansão do capitalismo junto com a rivalidade foi num crescendo até 1914, quando não mais existiam territórios a "adquirir" e as novas expansões deveriam realizar-se a custo de outra potência imperialista, o que ocasionou atritos que desembocaram na Primeira Guerra Mundial que foi de 1914 a 1918. A partir do seu fim o movimento de expansão capitalista teve um período de refluxo.

As datas fundamentais na evolução do capitalismo 1870 e 1918 nada significaram para o Brasil. Na primeira, o Segundo Império estava no seu apogeu e na segunda a República Velha. Dessa defasagem pode-se observar duas coisas: a mais óbvia, é a que o Brasil nunca teve papel de relevância na evolução do capitalismo mundial, sempre esteve como um participante periférico, com uma produção concentrada em dois ou três produtos de origem agrícola, que além disso foi por diversas vezes, suplantado pelos Estados Unidos no mercado mundial de algodão - antes e depois da Guerra de Secessão -. Foi também pelas colônias espanholas na produção de açúcar e finalmente na produção

de borracha pelas colônias inglesas na Ásia, manteve apenas seu domínio na produção de café e alguma importância na de cacau. A menos óbvia é a de que a dinâmica do capitalismo não desempenhou um papel relevante na evolução brasileira. A integração com a economia internacional dava-se através de um setor de mercado externo para cada um dos polos produtivos, dispersamente espalhados pelo país e articulados com o exterior através de uma incipiente economia urbana centrada em cidades portuárias precariamente interligadas. Entre esses polos produtivos e as cidades existia todo um mundo semifechado e em equilíbrio que dificilmente seria desestabilizado por fatos "exteriores". Isto criou um atraso para que qualquer mudança atingisse o Brasil, e explica como as mudanças no capitalismo mundial só vêm a atingir o Brasil vinte anos mais tarde.

Sómente a partir de 1850 houve um nítido aumento no comércio externo, gerado pelo crescimento da demanda externa. A tabela III.1 permite essa verificação, as exportações crescem 86%, e as importações 89% entre a sexta e sétima décadas do século XIX. Um novo crescimento de 47% nas exportações e 41% nas importações, ocorre entre a sétima e a oitava que é quando o saldo na balança comercial torna-se positivo. Quanto a isso Singer <sup>22</sup> coloca que o Brasil se tornou um exportador líquido de recursos, sob a forma de amortizações de empréstimos e pagamentos de juros, e não que as exportações estivessem cobrindo de forma mais que suficiente as importações.



42

TABELA III.1  
COMÉRCIO EXTERIOR NO BRASIL

Período	Médias Anuais (em milhões de £)			Variação %	
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação
1821-1830	3,90	4,25	-0,35	26,0	28,0
1831-1841	4,91	5,44	-0,53	11,0	11,8
1841-1850	5,48	6,08	-0,60	86,0	89,0
1851-1860	10,20	11,52	-1,32	47,0	41,0
1861-1870	14,98	13,14	1,84	33,0	25,4
1871-1880	19,98	16,49	3,49	10,0	16,6
1881-1890	22,06	19,23	2,83	31,6	31,4
1891-1900	29,10	25,28	3,82	63,7	26,1
1901-1910	47,62	31,88	15,73	44,5	71,5
1911-1920	68,81	54,69	14,12	17,1	23,3
1921-1930	80,58	67,44	13,14		

FONTE: SINGER, PAUL - O Brasil no Contexto do Capitalismo Internacional 1889 - 1930, História Geral da Civilização Brasileira, Tomo III, 3ª VOL., DIFEL, 1977.

A economia brasileira tem um lento crescimento, impulsionada basicamente pelo café, com a estrutura social resignada em ampliar sua produção, para o que não faltavam terras nem braços escravos. Os polos cresciam em função do aumento de mográfico e ampliaram-se geograficamente sem alterar sua dinâmi ca própria.

"Do ponto de vista da economia capitalista, toda esta terra e toda esta gente constituia um imenso reservatório que a expansão imperialista, na segunda metade do século XIX,

apenas começou a tocar" |<sup>22</sup>|.

A expansão do capitalismo chega ao Brasil com a abolição do tráfico negreiro imposta pelos ingleses. Com o encarecimento do escravo acentuaram-se as barreiras colocadas pelas relações escravagistas de produção ao desenvolvimento das forças produtivas. Enquanto a penetração do capitalismo na Europa gerava fluxos migratórios para a América, o Brasil permanecia com seu regime escravocrata, o que segundo Singer |<sup>22</sup>|: "deve ter sido a causa básica desta alienação na dependência que caracterizou o país até pelo menos 1888.

Pode-se considerar a Abolição e a República como um lento recolocar do Brasil em uma nova posição na divisão internacional do trabalho e no destino dos fluxos de capital e mão-de-obra que se originavam na Europa.

Voltando à tabela III.1 observamos que as exportações crescem apenas 33% entre 1861/70 e 1971/80 e somente 10% entre 1871/80 e 1881/90, reflexos dos citados fracassos na produção. Com o aumento das imigrações e da entrada de capitais há uma inversão na tendência e a economia volta a crescer criando uma situação adequada para uma integração cada vez maior do Brasil na economia capitalista mundial.

### III.3. BRASIL NA DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO

A produção de mercadorias primárias dependia de condições ecológicas muito particulares, as quais usualmente

não eram encontradas nos países industrializados. As matérias primas produzidas nestes países não constituem mercadorias coloniais pois eram parte de uma produção diversificada, realizada em moldes capitalistas, em economias que lideravam o processo de avanço tecnológico e determinavam a dinâmica da divisão internacional do trabalho\*.

Já nos países de economia colonial o oposto ocorria. Sua economia era totalmente voltada para a exploração de recursos naturais que atendessem às necessidades dos países industrializados.

Sempre que ocorria a necessidade de uma mercadoria colonial, os agentes dos países industrializados procuravam pelo mundo aonde poderia ser obtida, prevalecendo como critério de escolha os menores custos de produção e transporte\*\*, isto, quando existissem várias áreas produtoras da mercadoria desejada. No local escolhido desenvolvia-se uma monoprodução, formando um típico setor de mercado externo da economia colonial, uma atividade dominada pelo capital internacional e desligada economicamente da economia do país.

De uma maneira geral foi desta forma que se estabeleceu a divisão internacional do trabalho.

---

\* Singer |<sup>22</sup>|, pg.353.

\*\* esses dados serão fundamentais a seguir para uma melhor compreensão do ciclo da borracha.

Até 1870 a Inglaterra tinha a hegemonia mundial e impunha suas regras de livre-câmbio, assegurando que, quando das concorrências entre economias coloniais, prevalecesse aquela de menor custo de produção.

No final do século XIX o livre-câmbio foi sendo substituído por preferências imperiais, isto é, as economias coloniais teriam um acesso privilegiado ao mercado da metrópole, tendo suas mercadorias uma alta taxaço nos demais mercados. Por exemplo quando os Estados Unidos através da guerra Hispano-Americana passam a dominar Cuba, Porto Rico e Filipinas, sua primeira medida foi a redução das taxas sobre o açúcar importado. Como consequência o açúcar importado dessas novas colônias americanas expulsou os outros concorrentes do mercado interno americano.

"De uma forma geral, a competição no mercado mundial tornou-se não apenas mais aguda, mas mais "política". As chamadas grandes potências estavam formando suas esferas de influência. Cada uma delas, além de procurar ampliar ao máximo áreas coloniais sob seu domínio direto, buscava ganhar influência e dominar os mercados das economias coloniais que eram politicamente independentes". |<sup>22</sup>|

É no contexto dessas disputas interimperialistas que devemos analisar o processo de inserção do Brasil na divisão internacional do trabalho. Pela tabela III.2 temos que no início do século os principais produtos de exportação eram AÇÚCAR, ALGODÃO e CAFÉ, para os dois primeiros existia forte concorrência de outras áreas produtoras, para o açúcar, o Cari-

be e o açúcar de beterraba difundido na Europa pelo bloqueio continental imposto por Napoleão e, para o algodão a concorrência mais forte vinha dos Estados Unidos. Destes só o café resistiu, pois além do Brasil somente a Indonésia oferecia condições para o cultivo do café, mas acrescia ao seu custo de produção um alto custo de transporte por estar muito afastada dos mercados principais, o que permitiu ao Brasil manter-se absoluto, isto pode ser constatado na tabela III.2. O café iria mais tarde se beneficiar de sua maior lucratividade para atrair tanto a mão-de-obra escrava, quanto os capitais que eram alocados em outras culturas prejudicando-as profundamente.

TABELA III.2

## BRASIL: PRINCIPAIS PRODUTOS DE EXPORTAÇÃO (1821-1929)

Participação (em %) na Receita das Exportações							
Datas	Café	Açúcar	Algodão	Borracha	Couros e peles	Outros	Total
1821-1830	18,4	30,1	20,6	0,1	13,6	17,2	100,0
1831-1840	43,8	24,0	10,8	0,3	7,9	13,2	100,0
1841-1850	41,4	26,7	7,5	0,4	8,5	15,5	100,0
1851-1860	48,8	21,2	6,2	2,3	7,2	14,3	100,0
1861-1870	45,5	12,3	18,3	3,1	6,0	14,8	100,0
1871-1880	56,6	11,8	9,5	5,5	5,6	11,0	100,0
1881-1890	61,5	9,9	4,2	8,0	3,2	13,2	100,0
1891-1900	64,5	6,0	2,7	15,0	2,4	9,4	100,0
1901-1910	52,7	1,9	2,1	25,7	4,2	13,4	100,0
1911-1913	61,7	0,3	2,1	20,0	4,2	11,7	100,0
1914-1918	47,4	3,9	1,4	12,0	7,5	27,8	100,0
1919-1923	58,8-	4,7	3,4	3,0	5,3	24,8	100,0
1924-1928	72,5-	0,4	1,9	2,8	4,5	17,9	100,0

FONTE: SINGER, PAUL - O Brasil no Contexto do Capitalismo Internacional 1889-1930, História Geral da Civilização Brasileira, Tomo III, 3ª VOL., DIFEL, 1977.

A manutenção de um modo de produção escravocrata, com mão-de-obra a altos preços devido à proibição do tráfico, provocou sérias limitações ao desenvolvimento das forças produtivas. O açúcar novamente foi o maior prejudicado, sua produção com a introdução da usina tinha se industrializado, mas a produtividade continuava limitada pela produção escravagista. Além disso como necessitava de grandes quantidades de capital favorecia ao açúcar de beterraba mais barato produzido na Europa. O café não sentia tanto as limitações da produção escravagista, por problemas climáticos, não era possível sua produção em países industrializados e a concorrência não existia, os avanços tecnológicos se concentravam nos processos de torra do grão, realizados no próprio processo de produção industrial logo, fora do Brasil.

O que pode-se concluir é que o Brasil podendo expandir vários setores de mercado externo se concentrou sobre o setor que apresentava maior lucratividade, isto pelo menos até a Abolição.

Com a Abolição e a República dever-se-ia esperar que a inserção do Brasil na divisão internacional do trabalho provocasse a expansão de outros mercados, entretanto, a situação das exportações brasileiras permaneceu inalterada, o café manteve sua importância relativa, atingindo seu máximo de participação nas exportações com 72,5% no fim do período 1924-1929. Durante todo esse período a única ameaça do café foi o ciclo da borracha, que com sua efêmera duração alcançou em seu máximo, na

primeira década do século atual, 40%\* das exportações, mantendo-se como o segundo produto em importância de 1900 a 1918.

Qual a razão dos contínuos fracassos brasileiros no setor de mercado externo?

Ao responder essa indagação chamo atenção para a resposta, a qual adianta um resultado que será importante na explicação do fim do ciclo da borracha.

A razão fundamental encontra-se nas mudanças do capitalismo que a partir de 1870 entra em sua fase monopolista, com o que mudam as regras do comércio mundial. A Abolição e a República vieram quando já não mais era possível transformar a economia brasileira, totalmente voltada para o mercado externo, para uma economia que permitindo o desenvolvimento das forças produtivas se voltasse para o mercado interno, permitindo a industrialização.

O Brasil foi expulso de todos os mercados em que tinha possibilidades de competir - açúcar, algodão e borracha - pela política característica do capital monopolista, a procura de uma cada vez maior expansão imperialista.

No caso do açúcar, por exemplo, a usina implantada na primeira década do período republicano é uma tentativa de com a aplicação de métodos modernos garantir a viabilidade do

---

\* Em VELHO [27] encontramos a maior exportação em 1912, aproximadamente 42.000 ton. Já SINGER [22] afirma uma participação média de 25,7% com uma média de 34508 ton exportadas anualmente entre 1901 e 1910.

produto no mercado internacional. Na realidade não mais existiam condições de enfrentar a posição do açúcar porto-riquenho, cubano ou filipino no mercado americano e do açúcar de beterraba no mercado europeu.

Como já se viu, o açúcar das colônias americanas tinha uma baixíssima taxa de exportação para a metrópole e era produzido, transportado e comercializado em companhias americanas. Na Europa os países produtores de açúcar de beterraba impediam a entrada do açúcar de outros países com taxas muito altas para importação e subsidiavam toda a produção interna. Ao produto brasileiro restou somente o mercado interno. Em última análise, as taxas de lucro oferecidas ao capital monopolista pelas indústrias instaladas nas metrópoles ou em colônias, eram maiores que as oferecidas pelas indústrias no Brasil\*.

Para a borracha desenvolveu-se um processo absolutamente análogo. Sua produção inicial, gerada pela demanda nos países capitalistas, só poderia ser realizada no Brasil, por ser o único país com capacidade de produzir naquele momento. Essa produção foi mantida enquanto taxas de lucro mais atraentes não foram oferecidas.

Quando os ingleses desenvolveram suas plantações na Ásia com custos bem menores e uma produtividade bem maior retiraram seus investimentos do Brasil e, lançaram seu produto a preços bem menores fazendo praticamente acabar a produção brasileira.

---

\* Para maiores detalhes vide SINGER |<sup>22</sup>|



No próximo capítulo aprofundarei a análise sobre esse caso particular, tentando levantar para uma das mercadorias responsáveis pela nossa integração na divisão internacional do trabalho a dinâmica que levou ao seu aproveitamento internacional.

## CAPÍTULO IV

### IV.1. HISTÓRICO DA BORRACHA E SEUS USOS

Existem registros do uso da borracha desde a época pré-colombiana. O látex extraído da árvore era usado para a confecção de bolas para jogos, sapatos e capas devido à sua impermeabilidade por índios do Haiti e do México. As tribos localizadas no Golfo do México obtinham o látex no Panamá e chamavam as árvores que o produziam de castilloa, de onde provem o nome de caucho ou cau-chu. Além de ser usada como matéria-prima para a manufatura de objetos necessários à tribo, era também usada para pagar os tributos desta para com os Astecas, o que demonstra o quanto a borracha era valorizada entre os índios.

Os missionários espanhóis tinham conhecimento do látex e de seus usos desde o século XVII, sem lhe darem importância alguma.

A primeira comunicação sobre a borracha e suas propriedades foi feita por Charles Marie de La Condamine à Academia de Ciências de Paris sobre sua descoberta de um novo produto com os índios Tremembês, quando retornava do Perú para a França seguindo o caminho feito por Orellana. La Condamine chamou a árvore de hêve, donde hevea. Outra comunicação sobre a borracha à Academia de Ciências de Paris foi feita por Fresneau em 1751, contando suas experiências em Caiena e salientando que tal produto poderia ter uma maior utilização. Ambas as comuni-

cações não provocaram maiores interesses na época.

Existe na literatura uma confusão sobre os nomes dados à árvore e ao látex. Encontrei referências àquele como castilloa e a este como caucho, em outras fontes caucho designa a própria árvore. Vários nomes indígenas de sentidos gerais sem especificar quais os tipos usados, foram simplesmente transcritos pelos historiadores. Assim encontram-se referências à borracha através de nomes como olli, ulli, kik, cauchuc, etc. Na realidade existiam duas espécies, na época sem maior distinção a de melhor qualidade "hevea brasiliensis" que era chamada de caucho pelos indígenas e que os portugueses passaram a chamar de "seringa" que é a borracha propriamente dita e que segundo consta foi a espécie descoberta por Fresnau, e a de qualidade inferior chamada "castilloa" que produz o caucho espécie descoberta por La Condamine. Outros estados brasileiros produziram tipos diferentes chamados de maniçoba e mangabeira.

Os portugueses tomaram conhecimento da borracha quando da sua procura por novas drogas do sertão, encontraram com os Índios Cambebas objetos feitos de borracha, aproveitando a propriedade de impermeabilização. A partir da descoberta e da comunicação à Lisboa inicia-se a exportação da borracha que começa a ser utilizada em Portugal na manufatura de sapatos, bolsas, chapéus, etc, impermeáveis. Em fins do século XVII a corte mandou o cirurgião Francisco Xavier Oliveira a Belém para aprofundar os estudos sobre o novo produto, que retornou em 1802 com ordens para realizar novas pesquisas e em paralelo montar u

ma manufatura de velas e algalias\*.

Essa tentativa de utilização industrial local da borracha viveu um pequeno período\*\* de prosperidade e logo desapareceu junto com o interesse pela borracha. Com esta experiência terminou a única tentativa de industrialização da borracha.

Enquanto desaparecia no Brasil a tentativa de se criar uma indústria de aproveitamento da borracha, na Europa uma sequência de desenvolvimentos do uso industrial desta colocavam-na como uma matéria-prima extremamente necessária dentro do processo de industrialização que se realizava.

Utilizada a partir de 1770 para apagar riscos de grafite em substituição ao miolo de pão até então usado, a borracha não despertou mais atenção até o início do século XIX quando Charles Mackintosh, em 1823, descobriu a sua dissolução em hulha permitindo o uso em vestimentas impermeáveis. Thomas Hancock tentou então a industrialização fracassando devido às variações que o produto sofria com a temperatura. Somente com a descoberta da vulcanização em 1839 por Charles Goodyer nos Estados Unidos e Thomas Hancock em 1842 na Inglaterra, a borracha obtém uma forma mais resistente e praticamente insensível às variações de temperatura, assegurando sua elasticidade e impermeabilidade. O produto tornou-se então a matéria-prima mais importante para a produção de objetos domésticos, cirúrgicos, pa

---

\* Reis |<sup>18</sup>|; algalias : sonda uretral

\*\* meados do século XIX, quarta e quinta décadas.

ra laborat6rios, estaleiros e ind6stria b6lica. Novo crescimento nos usos da borracha surgiu em 1850 com seu aproveitamento para o revestimento de aros das rodas dos ve6culos. Mas 6 com a inven76o do pneum6tico em 1890 que a industrializa76o se consolidou aumentando consideravelmente a cota76o da borracha no mercado internacional.

Nesse momento o Brasil era o 6nico produtor de mat6ria-prima com capacidade de suprir a demanda. Foi a partir de ent6o no contexto do capitalismo internacional e de sua economia cada vez mais exportadora que a borracha inseriu um pouco mais o Brasil na divis6o internacional do trabalho consolidando sua posi76o de pa6s perif6rico. O trecho abaixo de Cardoso |<sup>4</sup>| representa um resumo do que pretendo apresentar em seguida, 6 uma s6ntese do sentido do ciclo da borracha para a economia brasileira e mundial. Afirma76es como latif6ndio, agentes estrangeiros ser6o devidamente explicitadas nas pr6ximas se76es.

"Diferentemente da fun76o desempenhada pelas drogas do sert6o durante os s6culos XVII e XVIII que atuaram como uma das alavancas na acumula76o primitiva do capital, o l6tex funcionou como mat6ria-prima do boom industrial europeu e norte americano. Neste sentido, o capital industrial internacional comandou o processo de utiliza76o do trabalho compuls6rio do latif6ndio. A comercializa76o e o funcionamento do l6tex no 6mbito mundial estavam em m6os de agentes estrangeiros, enquanto a intermedia76o comercial e financeira interna e a organiza76o do latif6ndio estavam em m6os nacionais".

## IV.2. O ESTABELECIMENTO DO SERINGAL E DO SISTEMA DE AVIAMENTO

### IV.2.1. INTRODUÇÃO

Com a importância que a industrialização lhe trouxe, a borracha perdeu seu caráter de "material curioso" transformando-se em um dos estímulos da industrialização que se realizava na Inglaterra.

Tornou-se a droga mais rentável das que eram extraídas na Amazônia e conseqüentemente iniciou-se uma procura cada vez maior do produto em detrimento das outras drogas.

A partir de 1827, com 31 toneladas equivalendo a 0,04% do total das exportações, iniciaram-se as exportações de borracha. Sua extração e relevância na balança comercial acompanharam o crescimento da demanda internacional. Esse crescimento continuou até o momento em que a Inglaterra passou a comercializar sua produção asiática provocando uma profunda crise nas exportações brasileiras e um período de decadência na produção.

A extração na fase inicial permaneceu inalterada, mantendo-se dentro dos processos tradicionais usados para a coleta de drogas. O látex era extraído através das expedições financiadas pela burguesia comercial formada pelos grupos ligados às atividades de exportação e importação, e que por conseguinte conseguiram acumular algum capital. Nesta fase inicial o necessário para a realização da extração continuava sendo um pequeno capital para financiar a expedição, um barco e um

pequeno grupo de homens dispostos a enfrentar a selva.

Todas as outras atividades que ainda persistiam na região entraram em colapso. Abandonou-se o sítio, o cacau-al, o cafezal, o engenho, tudo que mesmo de maneira decadente ainda existia. Em uma região que atravessava um período de profunda decadência surgiu a "salvação". Com todos os esforços dirigindo-se para a extração de borracha e uma demanda crescente em função de novos desenvolvimentos industriais, iniciou-se uma mudança nas formas de extração.

Incentivado pela procura crescente o extrator deslocou-se para o interior da floresta, surgiu o seringueiro, homem que morava no mato e dedicava todo o seu tempo à extração do látex. Por utilizar uma técnica de extração destrutiva - ARROCHO\* - era obrigado a uma mobilidade constante além de provocar a destruição de toda a região sob exploração.

Com o seringueiro fixado na floresta a comercialização começou a ser feita junto aos barqueiros que navegavam pelos rios desde muito tempo, comerciando com os primeiro habitantes da região.

Os habitantes obtinham as bolas de látex defumado através da troca por comida, armas, ferramentas e qualquer outra coisa que o seringueiro necessitasse ou não. Essas bo-

---

\*Vide seção sobre a evolução das técnicas produtivas.

las de borracha eram levadas às cidades maiores onde o barqueiro as vendia para o exportador/importador, recebendo como pagamento mercadorias para uma nova viagem e algum dinheiro.

Sobre estas primeiras transformações podemos ressaltar algumas das características da estrutura produtiva que veio se desenvolvendo a partir da procura cada vez maior da borracha no mercado internacional. Em primeiro lugar toda essa atividade era fruto de um fenômeno externo ao país, ou seja, a demanda da borracha era umavariável sob a qual os produtores ou governo não tinham o menor controle, variando de acordo com o avanço da industrialização e, como veremos depois, da produção de outras regiões. Com uma extensão de terras extremamente vasta e disponível e com o método de extração exigindo uma mobilidade constante dos pontos de extração, não se desenvolveu, nessa fase, nenhuma necessidade pela posse da terra.

O comércio fluvial, ou de regatão, entretanto assumiu uma posição de extrema importância, pois a comercialização da borracha era realizada totalmente através dos rios.

Cada vez mais forte se tornaram os comerciantes ligados à exportação/importação que se transformaram nos grandes beneficiados da produção de borracha na região. Como é ressaltado por Velho <sup>[27]</sup>\*: "caracteriza-se como uma região onde a terra não é um bem escasso; não aparecendo o latifúndio; o capital e os meios de comercialização são os bens escassos".

---

\* referindo-se a período de implantação da extração da borracha quando a terra ainda era um bem farto e sem valor.



Todas as suas transações comerciais basearam-se no processo de troca, não havendo quase interferência da moeda. O seringueiro realizava suas compras através da troca com o barqueiro, que os explorava supervalorizando as mercadorias. Por sua vez o barqueiro também obtinha essas mercadorias por troca com o exportador/importador e, normalmente seu saldo quando existia era muito pequeno\*, torna-se, então, o único elemento da cadeia a transacionar com moeda nas exportações e importações.

O consumo mundial de borracha continuava crescendo e exigindo cada vez mais da produção brasileira.

Poder-se-ia colocar como um período inicial no consumo mundial e conseqüentemente nas exportações brasileiras a terceira, quarta e quinta décadas do século XIX com exportações médias de 329, 2.314 e 4694 toneladas e preços médios de 67,72 e 45 libras por tonelada respectivamente. A partir da descoberta da vulcanização temos o primeiro grande salto na demanda. A Inglaterra que até então mantinha-se como a única importadora com uma média anual de 391 toneladas, na década de 1850 passou para 2186 toneladas anuais em média, na década seguinte que foi quando os Estados Unidos iniciaram suas importações, com uma média de 762 toneladas anuais a um preço médio de 116 libras por tonelada.

Para suprir esse crescimento na demanda o siste-

---

\* Para maiores detalhes vide GOULART |<sup>7</sup>|

ma produtivo montado na região amazônica, extremamente calcado nas relações sociais e produtivas que vinham desde a colonização, sob a dominação de uma economia de cunho extrativista sofreu algumas transformações, estabelecendo-se relações que se mantem até hoje em dia na produção extrativa daquela região.

Com a introdução de novas técnicas de extração - MACHADINHA e FACA AMAZÔNICA - conseguiu-se uma melhor produtividade na extração do látex e principalmente permitiu-se que o seringueiro não mais tivesse que se mudar periodicamente, pois as novas técnicas aumentaram bastante a vida útil das árvores. Nesse momento, iniciou-se a formação da estrutura básica de todo o processo produtivo que se desenvolvera - O SERINGAL -. Com a fixação do seringueiro em regiões definidas a posse da terra, até então uma questão irrelevante, tornou-se fundamental para delimitar as áreas de extração para cada seringueiro.

Por outro lado os comerciantes ligados à borracha começaram a financiar o estabelecimento dos seringais, pois eram os únicos que dispunham de capital para empregar. Através do crédito forneciam aos interessados em estabelecer um seringal, as mercadorias necessárias instituindo de maneira mais clara o sistema comercial usado desorganizadamente até então, e que tornou-se a forma básica de se comerciar na região - O SISTEMA DE AVIAMENTO.

O sistema produtivo baseado no seringal e no sistema de aviamento impôs três condições para a realização da produção: o capital, o sistema de transportes e a mão-de-obra. O papel do capital será explicitado em IV.2.2 e IV.2.3 introduzin

do-se em IV.3 e IV.6 as outras duas condições.

#### IV.2.2. SERINGAL

Com o desenvolvimento das técnicas extrativas e o conseqüente abandono do sistema predatório do aniquilamento, a ampliação da área, a exploração cada vez mais intensiva e o surgimento da concorrência entre os que viviam de extração, a posse e posterior propriedade legal da terra tornou-se uma decorrência dessas novas relações sociais.

O estabelecimento dos seringais foi realizado por "seringueiros" que, obtendo o material básico para a construção do necessário ao funcionamento de um seringal, estabelecia-o na região em que vinha explorando ou partia em busca de regiões não exploradas com grande densidade de seringueiras ao de usualmente pela construção do barracão\* consumava sua posse sobre a área.

Surgiu dessa maneira, dentro do grupo dos seringueiros, uma nova divisão a dos proprietários das terras, ou SERINGUEIRO-PATRÃO mais tarde chamado SERINGALISTA transformando os não proprietários em SERINGUEIRO-EXTRATOR ou FREGUÊS ou simplesmente SERINGUEIRO.

Em um seringal o fundamental era o número de se-

---

\* Segundo Prado, M. e Capelato, M |<sup>17</sup>| uma pequena barraca de palha onde passavam a morar.

ringueiras que abrangia. Como estas se espalhavam pela floresta de maneira irregular e dispersa, distanciadas uma das outras de zenas de metros - em um hectare não se contavam geralmente mais de dez árvores\* - a grande propriedade acabou por se impor na região amazônica, sendo o latifúndio a característica do seringal.

A formação dos seringais não foi um período de pacífica ocupação, houveram várias disputas por terras, sempre resolvidas pela violência. Como encontramos em Reis |<sup>18</sup>|: "O empossamento não se procedia sempre com serenidade, com mansidão. O choque entre seringueiros constituía, quando a facilidade de ocupação começou a diminuir pelo menos aparentemente, página do "rush". Os assaltos aos seringais novos, na disputa da propriedade, eram constantes. E com os assaltos as perdas de vida nas lutas travadas". Após a posse da terra estar definida e o seringal em funcionamento, pleiteava-se em Manaus ou Belém a legalização da posse. Requirido o título definitivo, procedia-se à demarcação conforme a legislação determinava.

Os seringais eram inicialmente estabelecidos nas margens dos rios, por ser este o principal meio para a comercialização construía-se o barracão, que era a residência do seringalista e de sua família ou quando este já havia se transferido para a cidade, a do gerente, em uma outra parte do barracão funcionava a chamada parte comercial com o depósito da borracha e

---

\* REIS |<sup>18</sup>| pg.80.

mercadorias, e o escritório. O barracão tornou-se o núcleo do seringal, onde se realizavam todas as trocas e de onde a borra-cha era enviada para as casas-aviadoras, essa parte do seringal era chamada a MARGEM.

Os seringueiros se estabeleciam no CENTRO do seringal, isto é, construíam suas cabanas nos pontos de maior densidade de seringueiras. Desses pontos saíam várias ESTRADAS caminhos abertos pela mata seguindo as seringueiras, normalmente duríssimas picadas de 4 a 6 quilômetros.

#### IV.2.3. SISTEMA DE AVIAMENTO - CASAS AVIADORAS

O escambo era a forma como se comercializava na Amazônia desde a colonização, a moeda não tinha utilidade nem para o colono, nem para o extrator metido no meio da floresta, e quase nunca de lá saindo. Desenvolve-se assim um comércio baseado na troca. Os regatões adquiriam as mercadorias necessárias junto aos comerciantes dos centros maiores trocando-as por drogas do sertão, que por sua vez haviam sido trocadas por mercadorias anteriormente obtidas dos comerciantes.

Em paralelo havia sido desenvolvido um sistema de crédito para o financiamento das expedições de colheita, maneira pela qual os comerciantes obtinham a maioria das drogas exportadas. O parco capital disponível na região acumulava-se nas mãos desses comerciantes. Dessa forma, quando se organizava qualquer expedição, inevitavelmente o financiamento viria desse capital e o pagamento obtido dos resultados da expedição,

pois os organizadores s<sup>o</sup> tinham esses mesmos comerciantes a quem ve<sup>m</sup> der as drogas colhidas. Com isso os comerciantes garantiam seu empr<sup>e</sup>stimo, tiravam seus lucros e evitavam o risco do empreendimento na hora de comprar.

Dessas duas constantes, o escambo e o cr<sup>e</sup>dito, surge o aviamento caracter<sup>i</sup>stica extremamente importante no desenvolvimento das rela<sup>ç</sup>ões sociais, do ciclo da borracha e de toda a regi<sup>ã</sup>o amaz<sup>o</sup>nica.

Com a "corrida" da borracha, organizaram-se as CASAS AVIADORAS, estabelecimentos comerciais que se constituiram para abastecer os seringais, deles recebendo em troca a borracha produzida e de posse desta realizavam as opera<sup>ç</sup>ões de venda para o exterior.

Essas casas foram se reproduzindo e ampliando, quando da forma<sup>ç</sup>ão dos seringais, j<sup>á</sup> que o sistema at<sup>e</sup> ent<sup>ã</sup>o usado tinha uma forma desorganizada. Ao financiarem os primeiros seringalistas obtinham como garantia a pr<sup>o</sup>xima safra, ao receberem a safra, negociavam-na com as mercadorias necess<sup>á</sup>ria para o seringal durante a pr<sup>o</sup>xima safra.

A import<sup>â</sup>ncia da borracha atraiu para o Brasil o capital comercial ingl<sup>ê</sup>s, que diante da insignific<sup>â</sup>ncia do capital comercial nativo assumiu o controle das casas aviadoras e do sistema de aviamento.

A atra<sup>ç</sup>ão exercida sobre esses capitais <sup>e</sup> pass<sup>i</sup>vel de interpreta<sup>ç</sup>ões e hip<sup>o</sup>teses. A literatura trata o sistema de aviamento de forma geral, n<sup>ã</sup>o tendo sido encontrado ne-

nhum trabalho mais preocupado em aprofundar a análise.

Acredito que a motivação principal foi o financiamento da produção da borracha, matéria-prima fundamental ao processo de industrialização inglês. Era claro que o pequeno capital brasileiro disponível para a comercialização da borracha não tinha capacidade de manter o crescimento da produção acompanhando a procura internacional. O desbravamento da selva exigia cada vez mais a mobilização de capitais para as despesas de transporte, pessoal, abastecimento e colocação posterior do que fosse obtido como produção. Havia também o interesse de garantir a colocação das exportações inglesas. Com a concentração de todos os esforços na extração da borracha, tudo o mais que fosse necessário, de alimentos a produtos manufaturados, era importado. Pelas tabelas do apêndice I observamos que em 1865 a importação de bens necessários (2.859:028\$950) e em exportação de produtos de origem extrativa (2.630:684\$600) sem contar a borracha, apresentavam metade do movimento com a exportação de borracha (4.078\$000 - aproximadamente a média anual), o que tornava também atraente a dominação das exportações e importações.

A formação das casas aviadoras no princípio da "corrida" da borracha não implicou na modificação do sistema comercial da região. Podemos no máximo afirmar que o organizou e ampliou com a expansão da borracha. Da mesma forma que a dominação desse sistema pelo capital estrangeiro, nenhuma modificação foi tentada. O sistema de aviamiento foi mantido sem nenhuma ressalva.

Através da dominação das casas aviadoras foi obtido o controle de um dos fatores fundamentais para a extração da borracha - o capital - . A questão que gostaria de levantar é porque não foram introduzidas mudanças no sistema de aviamento a partir do momento em que esse fator que o determinava estava controlado?

Acredito que a vinda desse capital estava caracterizada como algo transitório. Nunca interessou ao capital inglês a dominação do setor de mercado externo de um país periférico, politicamente independente, através da penetração na área da produção\*. Assim como para o café, aonde o capital britânico buscava as condições externas - o transporte, o financiamento e a comercialização - também para a borracha, a mesma política era mantida. Por outro lado os ingleses procuravam investir em suas próprias colônias, e a partir de 1870 essa tendência vai se acentuando. Assim a manutenção do controle dessas condições externas, era uma contingência do desenvolvimento da produção dentro de suas próprias colônias o que resultava, no caso da borracha, em simplesmente manter o sistema produtivo funcionando de forma a atender a demanda, enquanto se estabelecia a produção na Ásia. Observaremos daqui para frente uma dominação crescente dos fatores externos e a partir do início da produção asiática uma retirada praticamente imediata dos interesses ingleses na Amazônia.

As casas aviadoras funcionavam nas capitais - Ma

---

\* SIWEER |<sup>22</sup>| pg.367.



naus e Belém - principais portos da região. Geralmente ocupavam grandes prédios onde se localizavam os escritórios e os depósitos para o armazenamento das mercadorias importadas e da borracha enquanto esperava-se o embarque. Uma das características das casas aviadoras era seu pequeno número. Em 1906 na fase áurea do ciclo, funcionavam 25 casas aviadoras.

O aviamento era enviado ao seringal aproveitando-se o transporte para trazer a borracha recém produzida, eram compostos de tudo que o aviador tivesse disponível, desde o essencial para o funcionamento do seringal, aos bens de luxo. O tamanho de um aviamento dependia da importância do seringal e de sua localização geográfica. A importância era avaliada pela sua produtividade e possibilidades futuras de incrementar a produção. A localização implicava em um maior ou menor custo de transporte, todos os aviamentos eram remetidos por via fluvial. Nos baixos e médios rios, não existiam obstáculos, já nos altos rios ou rios encachoeirados surgiam obstáculos nas épocas de vazante o que significava o encarecimento do custo do aviamento.

Além dos custos da mercadoria e de transporte, agregava-se ao custo do aviamento os lucros da casa aviadora. O custo do aviamento era debitado nas contas dos seringalistas.

Durante o inverno os seringalistas vinham às capitais acertar suas contas e fazer novos pedidos. O normal era o seringalista manter seu saldo com a casa aviadora que se torna responsável por todas as suas despesas.

As casas aviadoras atuavam como verdadeiros ban-

cos, financiando os seringalistas, controlando seus saldos, impondo a taxa de lucro sem nenhum controle e não tendo restrições à sua atuação.

O seringalista tornou-se apenas um intermediário, uma figura que era mantida como um organizador da produção totalmente dominado pelas casas aviadoras.

Esse seringalista tinha uma remuneração. Seus negócios com a borracha tornaram-se altamente lucrativos e uma das características históricas do seringalista eram seus gastos suntuosos em Manaus e Belém. A maior parte do que até hoje se escreveu sobre o ciclo da borracha visava contar como foram exagerados os gastos dos seringalistas. Surge então a pergunta: Qual era o interesse da casa aviadora, que era quem realmente estabelecia os ganhos do seringalista, em permitir essa remuneração tão alta instituindo um alto padrão de consumo não só de bens básicos como de supérfluos. A existência dessa remuneração tinha dois motivos bastante claros. Primeiro que os seringalistas pertenciam a um grupo privilegiado entre os seringueiros, dominando em pequena escala, um grupo de seringueiros que trabalhavam para eles. Logo, para que ele abandonasse essa situação e ampliasse sua participação na organização da produção, exigia uma remuneração mínima maior do que obtinha até então, e suficiente para manter em suas mãos todo o poder necessário para se manter como organizador da produção. Segundo que as casas aviadoras controlavam todo o comércio de exportação e importação da região, e convém mais uma vez lembrar que tudo que era consumido na região era importado, logo as casas aviadoras eram as fornecedoras dos bens vendidos nos centros urbanos. Como os

maiores consumidores eram os seringalistas ou pessoas ligadas a elas era do maior interesse que o seringalista mantivesse uma capacidade de consumir que garantisse o consumo de todos os bens importados (incluindo manufaturas inglesas que assim tinham mercado garantido) e desenvolvesse os dois grandes centros urbanos da região Manaus e Belém. Acompanhando os investimentos no setor de financiamento da produção e no comércio, os ingleses realizaram grandes inversões em infraestrutura. Segundo relatório de Avelino Inácio de Oliveira encontrado em Vergolino |<sup>28</sup>| sobre a Amazônia: "Belém apresenta uma população urbana da ordem de cento e vinte mil habitantes e a locomoção na cidade, além da existência de grande número de automóveis, é feita por bondes elétricos, em carros de 1a. e 2a. classe. Este serviço, bem como a iluminação elétrica, pública e particular, fornecimento de energia para as fábricas e gasômetros são explorados pela companhia inglesa THE PARÁ ELECTRIC RAILWAN AND LIGHTINE CO.LTD", em outro trecho encontram-se referências aos portos, "um dos melhoramentos de grande vulto desta capital são as obras do porto, inauguradas em 1909 e exploradas pela companhia PORT OF PARÁ. O mesmo se passa com relação ao porto da cidade de Manaus cujas obras são administradas pela companhia MANAUS HARBOUR LTD".

Sobre a urbanização de Belém e Manaus encontramos em Singer |<sup>23</sup>|: "Mas a constituição do mercado interno para produtos industriais, que se processa neste período, toma principalmente a forma de urbanização. As cidades crescem em função do movimento exportador, pois elas são a sede de uma série de serviços - transporte, armazenamento, comercialização, emba-

lagem, embarque, desembarque - complementares do comércio externo".

O que observa-se então é a existência de uma grande dependência entre os setores de mercado interno e externo. O que levanta outra questão: Quem é que financiava quem? Recorrendo a um trecho de Singer <sup>[23]</sup> que apesar de referir-se a produção de café em São Paulo, acredito esclarecer um pouco essa questão: "Se a poupança interna era insuficiente para atender à procura de capitais estrangeiros, principalmente ingleses, que pelas suas matrizes podiam colocar papeis no mercado londrino. Além disso, os exportadores ingleses emprestavam a prazo médios aos importadores brasileiros ou de outras nacionalidades que abasteciam o Brasil. Dessa forma, conclui Celso Furtado: o comércio de importação é que financiava o de exportação".

#### IV.3. SISTEMA DE TRANSPORTES

Até agora, o crédito foi apresentado como um dos fatores de produção. Outro fator indispensável no processo da Amazônia foram os transportes, única maneira de se trazer aos portos de onde era exportada, a borracha produzida nos seringais.

As únicas vias de penetração existentes eram os rios e por aí se realizou a conquista e a colonização, estabelecendo-se os núcleos urbanos, nas margens. A partir do momento em que se estabeleciam os núcleos, todas as suas necessidades eram trazidas pelo rio e sua produção comercializada diretamen-

te nesses mesmos barcos que as revendiam nos centros maiores.

Durante o período colonial as frotas que percorriam os rios pertenciam a comerciantes, colonos ou sitiantes que necessitavam de transporte para sua própria locomoção, para o que produziam ou ainda, para as mercadorias que movimentavam as relações de troca.

Tanto os primeiros extratores de borracha quanto os seringais formados posteriormente se fixaram nas margens dos rios. O único motivo para isso era a proximidade das vias de comercialização. Nesses tempos iniciais o acesso aos seringais era realizado por embarcações ligeiras de origem indígena. Com a introdução da navegação a vapor, os novos barcos assumiram praticamente todo o transporte na região. Data desta época a primeira tentativa de formação de uma companhia de transportes, que tinha como meta solidificar a utilização do barco a vapor na região. Foi fundada em 1829 por Joaquim José de Siqueira com o faustoso nome de SOCIEDADE PROTETORA DA AGRICULTURA, COLONIZAÇÃO, CONSTRUÇÃO DE EMBARCAÇÕES, COMISSÕES, INDÚSTRIA PARAENSE fracassando em seguida.

Em 1852 foi fundada a COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO E COMÉRCIO DO AMAZONAS, cujo capital foi obtido do Visconde de Mauã pois não existia disponibilidade na Amazônia. Devido ao fato, de ter uma extensa área a ser coberta e não ter condições para isso, surgiram mais duas companhias: a COMPANHIA FLUVIAL DO ALTO AMAZONAS e a FLUVIAL PARAENSE. Essas companhias, entretanto, não tinham capacidade para monopolizar todo o transporte na região, convivendo com pequenas frotas particulares.

Com a crescente valorização todas as companhias envolvidas em transportes tiveram um contínuo desenvolvimento.

Conviviam nos rios da Amazônia, as novas e modernas companhias de navegação, com o resíduo das épocas anteriores concretizado no REGATÃO (comerciante independente pioneiro na exploração da floresta famoso como explorador e desonesto) comerciando por trocas e crédito. O regatão abastecia-se normalmente nas casas aviadoras ou em comerciantes menores, quando não ia até os grandes centros. Tornou-se para o seringueiro - obrigado a comerciar com o seringalista - a sua única forma de contestação, já que trocava borracha com este escondido do seringalista. Posteriormente com o declínio da borracha vários seringueiros se juntaram aos regatões como remeiros.

Em 1872 o capital inglês passou a dominar o setor de transportes, a Companhia do Amazonas desapareceu transformada no AMAZON STEAM NAVIGATION COMPANY LTD., e dois anos mais tarde nela se fundiram o Fluvial Paraense e a Fluvial do Alto Amazonas. Com isto os ingleses dominaram a maior parte dos transportes na região Amazônica, não obtendo o monopólio da situação pois, as pequenas frotas das firmas comerciais com raízes no interior, continuaram em crescimento e, da mesma forma que os regatões, realizaram uma concorrência importante.

Com a dominação dos transportes os ingleses continuaram a realização de sua política de dominação do setor de mercado externo, através do controle das condições externas à produção. O financiamento e a comercialização já haviam sido dominados, completava-se agora, com a absorção das companhias

de transporte existentes.

Com o controle dessas três condições o capitalismo inglês tinha condições de expandir a produção brasileira de borracha de acordo com as necessidades do mercado internacional além de conseguirem bons lucros, pois não devemos nos esquecer que dentro da economia amazônica o papel das casas aviadoras é o de capitalista.

Uma das manifestações desse comportamento capitalista foi o fato das casas aviadoras não terem nunca procurado acabar com os regatões, enquanto os seringalistas prejudicados por esse comércio paralelo tentavam ou por meios legais, através da sua proibição, ou pela violência, exterminar o regatão. Este tinha como função, a descoberta de novas vias navegáveis e concentrações de seringueiras pois, desde a instituição do latifúndio e o término das expedições para a colheita de borracha, somente o regatão havia permanecido com espírito para novas descobertas. Como a expansão territorial era fundamental para a produção da borracha, as casas aviadoras, ao permitirem a existência do regatão, mantinham a atuação do descobridor de novas terras e, como estes se abasteciam com elas usando também borracha para realizarem as trocas, obtinham borracha mais barata, pois, não tinham o acréscimo do custo de transporte sobre seu custo total.

O custo de transporte era diretamente proporcional à distância entre os pontos de embarque (seringais ou centros urbanos menores) e os dois grandes portos exportadores, Manaus e Belém. Pelos custos de uma libra (peso) de borracha em

diversos locais da região, apresentados na Tabela 1 do Apêndice 2 observamos que onde o produto tinha menor custo (US\$0.0463), a região do alto Rio Xingū, era a mais próxima de Belém com o custo aumentando na proporção em que os pontos se tornam mais interiores.

Através das tabelas do Apêndice 2 montamos a Tabela IV.1 relacionando os principais pontos de produção, a taxa de transporte para 10Kg e a distância até Belém, confirmando-se que quanto maior a distância maiores as taxas.

TABELA IV.1

FONTE	TAXA P/10Kg MIL-RÉIS	DISTÂNCIA ATÉ BELÉM (MILHAS)
RIO BRANCO	2\$200	2590
MANAUS	0\$530	925
TEFFE	0\$840	1293
BENJAMIM CONSTANT	1\$050	1819
CRUZEIRO DO SUL	1\$560	3320
COBIJA	3\$750	2852
LABREA	1\$200	1828
SANTAREM	0\$350	516
ITAITUBA	0\$600	710

Com a Tabela IV.2 apresenta-se o crescimento da frota amazonense através da tonelagem bruta das embarcações de acordo com o ano de fabricação. Esse crescimento acompanhou o da produção e a penetração para o interior, notando-se que os picos de produção em momentos de expansão, como a ida para o



Acre em 1904, implicaram em um significativo aumento na tonelagem bruta em 1905 e 1906, explicados pela necessidade cada vez maior de embarcações para cobrirem as novas regiões. Os picos de 1910 e 1913 mostram como uma extensão territorial cada vez mais ampla (logo um cada vez maior custo de transporte) obrigava a um aumento anual da frota também bastante elevado onerando ainda mais o custo de transporte.

Com a comercialização da borracha oriental e a crise na borracha brasileira concretizada em 1913 o crescimento da frota praticamente terminou.

TABELA IV.2  
FROTA FLUVIAL DA AMAZÔNIA  
1889-1916

ANO DE CONSTRUÇÃO	TONELAGEM EM BRUTO
1890	331
1891	999
1896	1100
1897	150
1898	460
1900	799
1901	349
1903	145
1904	124
1905	1973
1906	1682
1907	621
1908	633
1909	634
1910	2047
1911	2153
1912	2222
1913	5395
1916	160

FONTE: VERGOLINO, J.R. OLIVEIRA; A BORRACHA EXTRATIVA E A ECONOMIA AMAZÔNICA 1890-1930, Tese de M.Sc., PIMES, UFPe, 1975.

#### IV.4. EVOLUÇÃO DAS TÉCNICAS

A evolução das técnicas extrativas de borracha nunca provocou sensíveis modificações na quantidade de látex extraído.

A real importância da substituição da técnica do ARROCHO pela da MACHADINHA foi ter permitido uma evolução do sistema produtivo com a formação de latifúndios e a solidificação do sistema de aviamento, fatores decisivos na evolução econômica da região.

As técnicas de extração e comercialização permaneceram sempre extremamente primitivas, evoluindo lentamente de maneira empírica e sempre sofrendo grandes restrições de todos os envolvidos na produção. Como, por exemplo, o método de coagulação do látex desenvolvido por Henrique Antonio Strauss em 1861 que, apresentava um produto de alto teor lactífero, sem possibilitar nenhum tipo de fraude\*. Que apesar de divulgado e posto a disposição dos seringalistas e seringueiros nunca foi usado.

Inicialmente era utilizada a técnica do ARROCHO, originária dos processos de colheita das drogas do sertão quando o importante era o recolhimento da maior quantidade possível

---

\* A tentativa mais comum de fraude era misturar pedaços de pau e pedras no látex durante a coagulação de maneira a aumentar o peso das bolas de borracha.

de drogas em cada expedição sem maiores preocupações com uma colheita continuada ou fixação na região. O processo consistia: "em apertar com um cipõ a árvore, quase ao rês do chão, de modo que se forme uma orla capaz de dar assento a uma goteira circular de barro, feita ali mesmo pela mão do seringueiro. Debaxo desta goteira colocam uma panela ou outra vasilha qualquer, que possa receber bastante líquido; feito isto golpeiam toda a árvore e por todos os lados, de modo que ela se esgota em um dia; e se não morre, sō se restabelece no prazo de muitos anos\*.

As conseqüências de tal técnica eram uma destruição total de regiões inteiras e, exigências de uma ininterrupta mobilidade da mão-de-obra e uma cada vez maior penetração na floresta.

Mesmo nos primórdios da exploração da borracha essa técnica era criticada alegando-se a necessidade de se criarem novas técnicas de extração e plantações ordenadas.

Entretanto uma nova técnica sōmente foi introduzida quando para suprir as crescentes exigências por borracha no mercado internacional procurou-se aumentar a produção. O método desenvolvido procurava uma maior utilização das árvores já conhecidas evitando um acréscimo nos custos de produção através da fixação do extrator à terra e do aumento das distâncias dos pontos de coleta dos portos, aonde se realizava a comercialização, o que onerava o custo de transporte. Desenvolveu-se então a técnica da MACHADINHA que, consistia em fazer pequenos

---

\* Reis |<sup>18</sup>| pg.57.

cortes no tronco da seringueira recolhendo o látex que escorria em pequenas vasilhas nele fixadas. Uma descrição detalhada desta técnica foi encontrada em Schurz [21]: "The tapping instrument is a small hatchet (machadinho) with a handle about 2 1/2 feet long. The heads are supposed to be of soft iron with a cutting edge 1 1/4 to 1 1/2 inches wide, but many tappers use steel machadinhos with a cutting edge of 3 1/2 inches.

Incisions are made in the bark with a quick upward swing, making a cut with the lowest part to the left and the highest toward the right. If a small machadinho is used, the bark soon heals over and no great damage is done, but with the large machadinho quite often chunks of bark fly out, thus giving borers a chance to enter, or else producing large burs or knots. The cuts are made in parallel lines and the number per tree may have two cuts and larger ones up to 10 or more. The distance between two cuts is about 2 inches vertically. Trees are tapped up to 10 or 12 feet above the ground, and for this height a light ladder is carried or else a platform is built around the tree. After each incision a small notch is made, into which a tin cup with a capacity of about half a pint is fitted to receive the latex flowing from the cut".

Complementando a descrição acima: "No dia posterior opera uma nova série de incisões a 10 cm abaixo das primeiras e continua assim nos dias seguintes, até a base do tronco. Cada série de incisões verticais, distantes de 20 a 30 cm, constitui uma "areação"; as incisões terminam acima do solo ou,

mais raramente e por abuso, nas raízes principais. Enceta, em seguida, uma nova série de incisões do lado das primeiras, sempre na mesma ordem e da mesma maneira"\*.

Essas árvores ficavam ao longo da estrada percorrida diariamente pelo seringueiro, que fazia os cortes e colocava as vasilhas pela manhã retornando à tarde para o recolhimento do látex. Após haver recolhido todo o látex, o que ocorria em torno das 3 horas da tarde, o seringueiro retornava a sua cabana onde pela defumação fazia as bolas de borracha que eram entregues no barracão, semanalmente ou quinzenalmente variando com a distância ao barracão. Nas regiões mais distantes era costume dos seringalistas enviarem comboios de mulas que entregavam o aviamento e recolhiam a borracha. Sendo o saldo contabilizado por meio de vales.

A nova técnica criou uma estrutura produtiva fixada à terra com uma capacidade de produção constante, trazia entretanto como desvantagens deixar o tronco da árvore deformado e cheio de cicatrizes e não aumentando consideravelmente nem a produção nem a vida útil da árvore.

As inovações técnicas eram originárias das que estavam sendo desenvolvidas na Ásia pelo ingleses. Nesse intervalo existiram várias sugestões para mudanças de técnicas mas a demanda crescente e a inexistência de concorrência fez com que nenhuma delas fosse tomada em consideração, mantendo-se os pro-

---

\* Labroy |<sup>10</sup>| pg.31.

cessos produtivos tradicionais. Conta-se\* que José Claudio de Mesquita que havia fundado em Manaus o Clube da Seringueira pa-  
raelamente à criação de um seringal-piloto para treinamento de  
seringueiros, lançou a idéia de substituir o uso da machadinha  
por uma faca especial. O modelo baseado na faca que era empre-  
gada nas plantações orientais foi chamado FACA AMAZÔNICA e acei-  
to. Transformou-se na técnica até hoje utilizada para a san-  
gria das árvores.

Esta técnica evitava a deformação e criação de  
cicatrices nos troncos devido à faca possibilitar cortes mais  
superficiais e eficientes. Apesar de alguns autores afirmarem  
que o emprego da faca amazônica duplicou a produção a observa-  
ção das tabelas de produção não mostra grandes variações que  
nos permitam aceitar tal hipótese. Quando da introdução da fa-  
ca o que observa-se é que a produção já estava em um período de  
estabilização e posterior decrêscimo\*\*.

O que estimulou a adoção da nova técnica é ainda  
obscuro, encontra-se em alguns trabalhos como em Vergolino |<sup>28</sup>|  
afirmações de que quando da introdução da faca amazônica foi  
que se realizou a fixação do seringueiro à terra e que somente  
com o advento da concorrência externa as novas técnicas foram  
introduzidas, existindo entretanto, uma identificação da técni-  
ca da machadinha com o arrocho considerando a faca o único de-  
senvolvimento introduzido. Outros autores como Reis |<sup>18</sup>| e

---

\* Reis |<sup>18</sup>| pg.100.

\*\* Este ponto é aprofundado na seção IV.7

Schurz |<sup>21</sup>| afirmam que inicialmente foi introduzida a técnica da machadinha e posteriormente a faca amazônica.

No meu ponto de vista a introdução da faca amazônica é uma consequência da concorrência oferecida pela borra<sub>cha</sub> que começou a ser produzida na Ásia. E não provocou modificações na produção brasileira que conseguissem afetar fatores do quadro internacional que apresentava um domínio cada vez maior dos ingleses.

As técnicas de corte desenvolvidas na Ásia que, permitiam um maior aproveitamento das árvores e uma maior produtividade não puderam ser aproveitadas na Amazônia pois as árvores já se apresentavam em sua maioria deformadas e cheias de cicratizes o que impedia qualquer mudança no sentido e forma dos cortes. Para maiores dados sobre os cortes utilizados na Ásia é bastante completo o relatório de O. Labroy |<sup>10</sup>| apresentado a Superintendência da Defesa da Borracha em 1913. Como exemplo da extensão do dano causado às árvores retiramos um trecho de um estudo sobre a borracha realizado por Francisco Custódio Freire apresentado à Reunião de Estudos da Borracha para Aumento da Produção (REBAP) realizado no Rio de Janeiro em 1958 : "As pesquisas para aumento da produção se restringiram ao método da sangria e ao tipo de árvore ... As árvores foram sangradas a um metro do solo em "bandeiras" de 22,5cm de comprimento, com uma inclinação de 30° a 35° porque verificamos, de início, a impossibilidade de usar a sangria em meia espiral ou espiral em seringas silvestres trabalhados anteriormente com machadinha...".

Quanto ao desenvolvimento de técnicas de plantação existiram apenas tentativas de adaptação dos métodos orientais quando a hegemonia britânica já havia se estabelecido implicando no fracasso dessas tentativas. Os métodos de estabelecimento dos seringais mantiveram-se sempre inalterados restringindo-se à procura na floresta regiões de grande extensão com grande densidade de hevea.

Da mesma forma as técnicas de coagulação, defumação, etc permaneceram imutáveis. Por se situarem de forma secundária no processo produtivo não descrevo essas técnicas, mas para maiores detalhes o relatório O. Labroy já citado é uma fonte bastante detalhada.

Como resultado desse processo produtivo obtinham-se três tipos de borracha:

FINA - obtida a partir do látex que era defumado com perfeição - a de melhor qualidade e conseqüentemente a de maior valor comercial;

ENTRE FINA OU GROSSA - obtida do látex que não era defumado imediatamente e ficava em um estado grumoso ao ser levado a defumação - de qualidade média;

SERNAMBIS ou SERNAMBYS - obtida a partir do látex que caía ao chão durante a extração ou a defumação misturando-se com terra - a de pior qualidade.



#### IV.5. CRESCIMENTO TERRITORIAL

Uma das características do extrativismo no Amazonas foi sempre a necessidade de grandes extensões de terra. Reflexo da coleta baseada unicamente nas árvores naturais, dispersas por grandes regiões e, pelo uso de técnicas destrutivas que provocavam um gradual decréscimo no rendimento das árvores até sua destruição.

O crescimento da área envolvida na extração é uma consequência imediata da queda de rendimento das seringueiras. Vamos supor que a demanda fosse constante. Para a produção de borracha manter-se constante o que se deveria fazer? Como o rendimento dos seringais era decrescente de uma safra para a seguinte dever-se-ia aumentar o número de seringueiras envolvidas na extração. Como nunca se aplicou nenhum plano de plantio organizado, significava expandir a área envolvida na extração do látex. Tinha-se então, um processo de crescimento territorial praticamente contínuo, ou seja, no momento de ocupação de um território a expansão já se tornava necessária. Isso para que a produção se mantivesse constante. Para o caso de incrementar-se a produção haveria uma aceleração na ocupação de novas terras.

A ocupação procurou inicialmente os locais de menor custo de transporte (proporcional à distância) e cresceu mantendo isto como critério, pois o aumento nos custos proveniente dos outros fatores envolvidos era constante e inevitável.

O setor inicial da produção foi a região do bai-

xo rio Amazonas - Estado do Parã - subiu daí para o médio rio - Estado do Amazonas. A produção seguiu o mesmo caminho, inicialmente o Estado do Parã era o maior produtor posteriormente, em 1887, o Estado do Amazonas tornou-se o maior produtor. A produção foi então dividida entre as duas regiões até iniciar-se a exploração no alto curso dos tributários amazônicos Purús e Juruá. Essa nova ocupação chocou-se com as fronteiras "indecisas e ainda não fixadas"\* entre o Brasil e a Bolívia. Deste conflito surgiu o território do Acre, área de aproximadamente 200.000 km<sup>2</sup> cedida pela Bolívia ao Brasil por 2.000.000 de libras e a obrigação da construção da estrada-de ferro Madeira-Mamoré tornando as cachoeiras do rio Mamoré que, interrompiam a navegação deste rio e embaraçavam a saída da Bolívia para o Amazonas.

O crescimento da população acompanhou o crescimento territorial. Do Parã, onde se iniciou se deslocou para o Amazonas que se tornou o maior produtor enquanto a produção no Parã permaneceu constante. Finalmente deslocou-se para o Acre aonde a partir de 1904 sua produção tornou-se significativa com 2000 toneladas, em 1905 atingiu 8000 toneladas e em 1907 com 11000 toneladas colocou-se em primeiro lugar entre as regiões produtoras no Brasil. O Parã e o Amazonas ficaram ligeiramente abaixo dessas 11000 toneladas.

Nesta seção me preocupei apenas com o crescimento da área explorada, ou seja, do número de seringais. Sobre o crescimento interno dos seringais irei me deter na seção

---

\* Prado |<sup>16</sup>| pg.237

## IV.7.

A tabela IV.3 mostra a produção de borracha no Pará e no Amazonas permitindo observar-se como o processo de ocupação da terra foi representado pela produção.

TABELA IV.3  
PRODUÇÃO DE BORRACHA EXTRATIVA VEGETAL  
AMAZÔNIA E PARÁ  
1890 - 1924

ANOS	PRODUÇÃO DA AMAZÔNIA <sup>1</sup>		PRODUÇÃO DO PARÁ <sup>2</sup>		B/A %
	(A)	(t)	(B)	(t)	
1890	....	16.394	12.953		79,011
1891	....	17.790	13.605		76,475
1892	....	18.609	13.885		74,614
1893	....	19.430	14.696		75,636
1894	....	19.470	13.955		71,674
1895	....	20.975	15.461		73,711
1896	....	22.320	15.348		68,763
1897	....	22.260	15.588		70,027
1898	....	21.900	15.763		71,977
1899	....	25.100	16.398		65,330
1900	....	26.750	15.519		58,015
1901	....	30.300	12.573		41,495
1902	....	28.700	11.681		40,700
1903	....	31.100	10.282		33,061
1904	....	30.000	10.973		36,575
1905	....	35.000	10.669		30,482
1906	....	36.000	11.012		30,588
1907	....	38.000	9.671		35,450
1908	....	39.000	9.963		25,546
1909	....	42.000	10.152		24,171
1910	....	40.800	9.512		23,313
1911	....	37.730	9.185		24,272
1912	....	42.410	9.229		21,761
1913	....	39.370	8.752		22,230
1914	....	37.000	7.747		20,937
1915	....	37.220	8.745		20,808
1916	....	36.500	8.314		22,778
1917	....	39.370	8.047		20,439
1918	....	31.700	6.578		20,750
1919	....	38.000	6.715		17,671
1920	....	30.790	5.475		17,781
1921	....	19.837	4.111		20,723
1922	....	21.735	4.237		19,493
1923	....	22.580	4.336		19,202
1924	....	23.514	4.013		17,066

FONTE: VERGOLINO, José Raimundo - A Borracha Extrativa e a Economia Amazônica 1890-1930, Tese de M.Sc., UFPe, 1975.

#### IV.6. MÃO-DE-OBRA - SERINGUEIRO

Tratamos até agora do capitalista da borracha - casa aviadora - e do organizador da produção - seringalistas -. Fica faltando o último elo desse processo produtivo, o trabalhador.

Desde a colonização a mão-de-obra utilizada era trazida de fora. Inicialmente como colonos vindos para povoar e desenvolver a região. Em 1676 chegou a primeira leva de 234 pessoas de ambos os sexos vindas dos Açores, em 1753/4 mais 430 famílias, em 1770 340 famílias portuguesas\*, o povoamento foi feito através dessas imigrações esparsas e incentivos a micigenação entre índios e brancos, visto haver uma rígida legislação proibindo relações entre brancos e negros. Como por exemplo: "O alvará de 4 de abril de 1755 e instruções posteriores mandou preferir, para cargos públicos, os que casassem com mulher indígena. Como incentivo maior, a fazenda real fornecia, aos que constituíssem lar com uma índia, um machado, uma foice, uma enxada, uma peça de bretanha, um furo de cova e sete varas de linhagem, ou estopa"\*\*.

Quando a demanda por borracha começou a requisitar uma maior mão-de-obra a primeira a ser utilizada foi o caboclo amazonense, tipo criado dessa micigenação, adequado às condições da região e empregado na pequena agricultura e pecuária

---

\* Reis |<sup>18</sup>| pg.38

\*\* Reis |<sup>18</sup>| pg.40

então existente.

Essa mão-de-obra local foi sendo absorvida pela borracha e com isso abandonando as atividades agropecuárias que, mesmo em nível de subsistência, ainda praticavam. Com isso ocorreu um total abandono de toda a atividade que não fosse a extração de borracha obrigando a importação de todas as mercadorias que eram consumidas na região.

Sobre a situação econômica da região amazônica neste período concordo com Furtado <sup>[6]</sup> que a descreve como estagnada ("letargia econômica") apesar de se encontrar na literatura descrições ufanistas do período como em Reis <sup>[18]</sup> \*.

A imigração para a Amazônia é intensificada a partir do momento em que toda a mão-de-obra nativa disponível foi empregada na extração da borracha. Segundo Benchimol <sup>[2]</sup> : "Desde 1850 começaram a entrar no Amazonas os primeiros imigrantes. Os Relatórios da Presidência da Província descrevem o início do movimento: Das Comarcas de Gurupá e Santarém, da Província do Pará, tem entrado pelos rios Madeira e Purús alguns milhares de pessoas que neles se dedicam a indústria extrativa".

Esses imigrantes eram nordestinos atraídos pela fama que a borracha espalhava, inicialmente maranhenses, depois pernambucanos, paraibanos, etc, e principalmente cearenses, no-

---

\* "Vivia-se, assim, no vale, um novo ciclo, que se alentava dia a dia, num ensaio de perspectivas as mais animadas. Os rebanhos cresciam no Marajó e no Baixo Amazonas..." (sic.)

me pelo qual ficou caracterizado o imigrante nordestino na Amazônia - CEARENSE.

A partir de 1870 a imigração do nordeste para a Amazônia se acentuou, os altos preços e a seca de 1877/80 são responsáveis por um pico na imigração. Celso Furtado calcula que o número de imigrantes no período de 1870 a 1910 que se agregaram a extração de borracha tenha sido da ordem de 500.000. Os dados sobre o fluxo migratório são extremamente precários referindo-se, os existentes, ao embarque de imigrantes em alguns portos do nordeste. Segundo Furtado |<sup>6</sup>| comparando-se a população dos estados do Pará e Amazonas segundo os censos de 1872 e 1900, observa-se um aumento de 329.000 para 695.000 habitantes.

Com um crescimento vegetativo de 1% depreende-se que o influxo interno teria sido da ordem de 260.000 pessoas, não contando com os que teriam ido para o território do Acre. Desse total cerca de 200.000 correspondem à última década do século passado. Admitindo-se um idêntico influxo para a primeira década deste século teríamos uma população imigrada para a região não inferior a meio milhão de habitantes. Esses resultados são contestados por H.D.Graham e Sergio Buarque de Holanda\* que calculando os saldos migratórios por dois métodos distintos obtiveram um crescimento de 191200 pessoas pelo primeiro e 144900 pelo segundo, alegando que o aumento populacional restante veio do crescimento vegetativo. Teríamos então, cerca de 500.000 pessoas nascidas na região, o que implicaria em um alto crescimento vegetativo. Fato extremamente improvável de ter

---

\* Para maiores dados e referências ver Cardoso |<sup>4</sup>| pgs.28-30

acontecido se levar-se em conta as hipóteses de Celso Furtado em seu modelo, ou seja, que as "condições de salubridade são extremamente precárias na região" e que a maioria dos imigrantes não levava mulher.

A influência da imigração será aprofundada a seguir quando tratar da produção, adiantando, a tese de Celso Furtado |<sup>6</sup>| é que: "o aumento da produção da borracha, que subiu de 6000 toneladas, em média nos anos 70, para 35.000 na primeira década deste século, deveu-se exclusivamente (grifo do autor) ao influxo de mão-de-obra, pois os métodos produtivos não se modificaram".

Essa enorme quantidade de imigrantes demonstra que existia um substancial reservatório de mão-de-obra no nordeste. Como a imigração européia supria as necessidades da lavoura cafeeira por mão-de-obra esse excedente criado pela decadência da economia açucareira a partir da metade do século XVII foi transferido para a Amazônia\*.

Antes de qualquer discussão sobre a necessidade dessa quantidade de trabalhadores para o aumento da produção podemos considerar que a grande maioria dos trabalhadores envolvi

---

\* "A população do nordeste estava ocupada desde o primeiro século da colonização em dois sistemas econômicos: o açucareiro e o pecuário. A decadência da economia açucareira determinou a transformação progressiva do sistema pecuário em economia de subsistência. Nesse tipo de economia, a população tende a crescer em função da disponibilidade de alimentos, a qual depende diretamente da disponibilidade de terras". Furtado |<sup>6</sup>| pg.140

dos na extração da borracha vieram imigrados do nordeste.

A imigração se fazia sob os auspícios do governo brasileiro que, aproveitando a incapacidade dos latifundiários nordestinos de reterem a mão-de-obra, realizou intensa propaganda nas capitais sobre as possibilidades de enriquecimento na extração da borracha e aos interessados financiava a passagem. A idéia difundida é representada pelas declarações de um imigrante a um indeciso\*: "Você não vai ao Amazonas? Que é que você está fazendo aqui? Olhe que lá tem gente ajuntando dinheiro com ciscador. A seringa esta enricando todo mundo. É só chegar, apanhar e voltar. Vamos embora, rapaz, que o governo garante a passagem, o sustento e ainda da a colocação".

A realidade era bastante diferente. Os seringueiros chegados a Amazônia eram imediatamente distribuídos aos seringalistas a quem se tornavam devedores das passagens, reembolsadas pelos seringalistas ao governo. Essa passagem por Manaus e Belém é descrita por Souza <sup>[26]</sup>: "Sentados em seus escritórios, os coronéis, os comerciantes e os financiadores controlavam a enxurrada de deserdados e aventureiros que chegavam. No auge da corrida, tocavam no porto de Manaus, sem ao menos desembarcarem, cento e cinquenta mil indivíduos por semana, já a caminho dos seringais. Os retirantes esfarrapados não maculavam a civilização das cidades".

Ao chegar ao seringal a sua dívida se acrescenta

---

\* Benchimol <sup>[2]</sup> pg.223



va o transporte até o seringal, o adiantamento da compra de seus utensílios de trabalho - botão, bacia, tijelas, machadinhas, machado, terçado, rifle, etc. - os gêneros alimentícios necessários para viver até a primeira entrega de borracha.

Aí ainda era um "BRABO", um iniciante que desconhecia as técnicas, a floresta, que criava e cometia imprudências. Em um ano tornava-se apto para o trabalho, dominado pelo seringalista havia transformado-se em um "MANSO".

Após ter recebido seu material ia para o "CENTRO" aonde viveria isolado, trabalhando em média dezesseis horas por dia. Alimentando-se de jabá, farinha d'água, arroz e conservas. Alguns se mantinham com uma bebida, mistura de água, açúcar ou rapadura e farinha de mandioca chamada "CHIBÉ". Não era permitido ao seringueiro plantar nos seringais o que obrigava-o a obter no barracão tudo que necessitasse.

Os primeiros seringueiros, ainda caboclos amazenses ou retirantes fugindo da seca foram com suas famílias, já os que foram na ilusão de um rápido enriquecimento pensavam em voltar logo para o nordeste por isso imigraram sōzinhos. Neste contexto a mulher tornou-se uma mercadoria extremamente cobiçada, encomendada aos seringalistas (ou regatões) que as enviavam como parte do aviamento.

Quando da entrega da primeira leva de borracha o seringueiro comprava no barracão o que necessitava, usualmente

---

\* carne seca ao sol, carne-de sol.

sua primeira safra não era suficiente para pagar a dívida inicial o que levava a aumentá-la ainda mais. O seringueiro era obrigado a comprar as mercadorias que necessitava do seringalista sob pena de ser multado em 50% sobre a importância que tivesse comprado de outra fonte. Essas mercadorias tinham seu preço aumentado em 50% ou 100% pelo seringalista que dessa maneira garantia um contínuo aumento na dívida dos seringueiros e dessa forma mantendo-os em um estado de total dominação. Quando endividado o trabalhador não podia abandonar o seu patrão. Existia entre os seringalistas um compromisso de não empregarem seringueiros com dívidas não salgadas. Sobrepondo-se a tudo existia o recurso da violência, o seringalista era a autoridade máxima com direito a castigar e matar para manter a disciplina. Como ilustração anexo no Apêndice 3 o regulamento de um seringal em 1923 quando todos os direitos e deveres já estavam bem definidos e aceitos.

Toda a produção de borracha era entregue pelos seringueiros aos seringalistas em troca de novas mercadorias (aviamento) para que se continuasse produzindo e na tentativa de saldar a dívida o que, na verdade nunca acontecia. Reis <sup>|18|</sup> afirma que bastava ao seringalista a venda compulsória das mercadorias a preços majorados para manter a dívida dos seringueiros. Já Prado <sup>|16|</sup> afirma que quando isso não era suficiente os seringueiros, em sua maioria analfabetos eram enganados nas contas.

Com esse sistema a exploração do trabalhador estava assegurada, o seringalista através da exigência de tudo

ser comprado em suas mãos, da proibição da agricultura de subsistência pelos seringueiros e do conhecimento do preço da borracha pagava ao seringueiro somente o equivalente ao seu salário de subsistência. Uma série de relatos encontrados apresentam várias formas do seringueiro comercializar a borracha, ou vendendo ao seringalista por 50% da cotação ou ao aviador tendo o seringalista como intermediário. Todas essas descrições deixam transparecer que o seringueiro conseguiria obter algum lucro com a borracha, entretanto, tornam-se imediatamente contraditórias com a descrição das relações sociais entre seringalistas e seringueiros. Na verdade todas as formas se reduziam ao seringueiro explorado pelo seringalista que se apropriava de toda a produção pelo salário de subsistência do seringueiro.

Euclides da Cunha\* na descrição de suas viagens pelo Amazonas já denunciava a condição dos seringueiros: "nas paragens exuberantes das hêveas e castilloas o aguarda a mais criminosa organização do trabalho que ainda engendrou o mais de sacamado egoismo".

Nas relações entre seringalistas e seringueiros encontra-se novamente o sistema de aviamento. O sistema de crédito entre a casa aviadora e o seringalista era reproduzido na relação seringalista-seringueiro, a venda compulsória da casa aviadora ao seringalista é repassada ao seringueiro.

A situação do nordestino na Amazônia reduziu-se a um regime de servidão como bem o descreve Furtado |<sup>6</sup>|: "A

---

\* Souza |<sup>25</sup>|

situação do nordestino na Amazônia era bem diversa: começava sempre a trabalhar endividado, pois via de regra obrigavam-no a reembolsar os gastos com a totalidade ou parte da viagem, com os instrumentos de trabalho e outras despesas de instalação. Para alimentar-se dependia do suprimento que, em regime de estrito monopólio, realizava o mesmo empresário com o qual estava endividado e que lhe comprava o produto. As grandes distâncias e a precariedade da sua situação financeira reduziam-no a um regime de servidão. Entre as longas caminhadas na floresta e a solidão das cabanas rudimentares onde habitava, esgotava-se sua vida, num isolamento que talvez nenhum outro sistema econômico haja imposto ao homem".

#### IV.7. PRODUÇÃO NO BRASIL

O período de 1827 a 1913 é caracterizado por um grande crescimento na produção e na exportação da borracha acompanhado de uma extraordinária elevação nos preços. A questão fundamental que quero analisar aqui é quais as condições que permitiram a um sistema produtivo como o da região Amazônica sair de um estado de estagnação conseguindo responder ao crescimento da demanda no mercado internacional?

Deixarei a questão do crescimento dos preços um pouco de lado, pois pretendo discuti-la na última seção.

A demanda por borracha foi um reflexo da importância que esse produto passou a ter no processo de industrializ

zação. Este processo desenvolveu-se principalmente na Inglaterra acompanhado, alguns anos depois, pelos Estados Unidos. Ambos foram os maiores importadores de borracha durante todo o período em questão, a Inglaterra iniciou suas compras em 1827 e os Estados Unidos em torno de 1860. Esse consumo se manteve em contínuo aumento, a partir daí, como pode ser observado nas Tabelas IV.4 e IV.5.

TABELA IV.4

IMPORTAÇÃO DE BORRACHA NATURAL NOS EUA E INGLATERRA  
1830 - 1900  
(X 1.000 kg)

	EUA	INGLATERRA
1830	-	23
1840	-	312
1850	-	391
1860	762	2186
1870	4365	7778
1880	8239	8615
1890	15581	13411
1895	18944	17351
1900	20828	26075

FONTE: FONSECA, Cássio, A ECONOMIA DA BORRACHA, Comissão Executiva de Defesa da Borracha, Rio de Janeiro, 1950.

TABELA IV.5  
SITUAÇÃO MUNDIAL DA BORRACHA NATURAL, 1900 - 1930

Ano	P R O D U Ç Ã O			C O N S U M O		
	S.E.Ásia	Restantes	Total	E.U.A.	Restantes	Total
1900	508	45.212	45.720	20.828	32.512	53.340
1901	508	45.212	45.720	23.368	29.972	53.340
1902	508	42.072	43.180	21.844	28.956	50.800
1903	1.016	49.784	50.800	23.876	34.544	58.420
1904	2.032	51.308	53.340	26.416	39.624	66.040
1905	2.540	53.340	55.880	27.432	43.688	71.120
1906	3.048	60.452	63.500	29.464	46.736	76.200
1907	7.620	68.580	76.200	29.464	49.276	78.740
1908	5.080	68.040	71.120	33.020	43.180	76.200
1909	5.588	73.152	78.740	40.640	48.260	88.900
1910	11.176	85.344	96.520	43.180	58.420	101.600
1911	17.780	78.740	96.520	42.672	58.928	101.600
1912	34.036	82.804	116.840	56.896	65.024	121.920
1913	54.356	67.504	121.920	52.832	79.248	132.080
1914	75.692	48.768	124.460	63.500	58.420	121.920
1915	118.364	54.356	172.720	100.584	61.976	162.560
1916	164.592	83.848	218.440	119.888	68.072	187.960
1917	225.044	56.896	281.940	160.020	66.040	226.060
1918	183.896	39.624	223.520	162.560	76.200	238.760
1919	354.584	51.816	406.400	218.440	99.060	317.500
1920	309.880	38.100	347.980	209.296	92.964	302.260
1921	281.940	25.400	307.340	180.848	99.000	279.903
1922	385.572	23.368	408.940	306.324	105.156	411.480
1923	385.572	25.908	411.480	324.612	127.508	452.120
1924	398.272	30.988	429.260	334.264	138.176	472.440
1925	495.300	40.640	535.940	394.716	166.624	561.340
1926	591.312	43.688	635.000	372.364	178.816	551.180
1927	573.024	46.736	619.760	378.968	225.552	604.520
1928	632.460	33.020	665.480	443.992	251.968	695.960
1929	851.916	32.004	883.920	474.980	342.900	817.880
1930	816.864	21.336	838.200	382.016	339.344	721.360

FONTE: ANUÁRIO ESTATÍSTICO, SUPERINTENDÊNCIA DE DEFESA DA BORRACHA, 1958.

Como no Brasil não se realizou um processo de industrialização que demandasse borracha, a produção amazônica era inteiramente dependente de uma demanda criada externamente. Posteriormente quando analisar as influências da produção asiática pretendo apresentar alguns resultados sobre a demanda.

Quando do início da procura por borracha o sistema extrativista amazônico conseguiu precariamente produzir o requisitado internacionalmente, através do abandono de todas as outras atividades, agropecuárias ou extrativas, de subsistência que ainda existiam na região. Entretanto toda a acumulação até então realizada na região era insuficiente para, investida na extração da borracha, aumentar a produção de forma que esta acompanhasse a procura internacional. Por sua vez o capitalismo internacional estava atado ao Brasil como único produtor com capacidade de ser expandido. A África somente começou a produzir em 1878 e nunca apresentou resultados significativos, como indica a Tabela IV.6.

TABELA IV.6  
 PRODUÇÃO MUNDIAL DE BORRACHA NATURAL  
 BRASIL E ÁFRICA  
 1827 - 1900  
 (X 1000 kg)

	BRASIL	COSTA DO OURO	NIGÉRIA	SERRA LEOA	CONGO BELGA
1827	31	-	-	-	-
1830	156	-	-	-	-
1850	1395	-	-	-	-
1878	6456	-	-	227	-
1880	6723	0.5	-	457	-
1888	17062	398	-	762	137
1890	15355	1524	-	457	203
1895	27794	1825	2359	635	681
1898	21218	2715	2087	279	2184
1900	24302	1566	1291	125	5599

FONTE: FONSECA, Cássio, A ECONOMIA DA BORRACHA, Comissão Executiva de Defesa da Borracha, Rio de Janeiro, 1950.

O Brasil tornou-se um atrativo para as potências imperialistas por dois motivos. Por um lado incrementavam e mantinham a produção de uma matéria-prima básica para sua industrialização, e por outro lado controlavam o setor de mercado interno o que lhes assegurava um mercado para seus produtos.

A penetração britânica vinha se realizando desde 1810 quando Portugal e Inglaterra assinaram um tratado permitindo a entrada dos ingleses em sua colônia. Segundo Pinto <sup>15</sup> : "Basta que se tenha conhecimento de algumas de suas cláusulas para se sentir a instalação da tutela britânica sobre o Brasil. Pelo segundo artigo do tratado era permitido aos respectivos súditos negociar, viajar, residir, estabelecer-se nos portos, cidades, vilas ou lugares, o que explica a imediata instalação de comerciantes ingleses no Brasil e seu monopólio do comércio exterior. Simples transferência de monopólio, dos comerciantes portugueses para comerciantes ingleses, atestado pela abundância de produtos britânicos encontráveis em todas as partes do Brasil e descritos pelos próprios viajantes ingleses...".

A produção de borracha necessitava, como condições externas para seu aumento, um melhor setor de exportação/importação, uma maior capacidade de financiamento e um setor de transportes mais dinâmico.

Durante o desenvolvimento anterior da tese procurei descrever como se formou o sistema produtivo da borracha e como o capital inglês paulatinamente assumiu o controle das condições externas à produção, dentro de sua tática de controlar somente essas condições.



As casas aviadoras que realizam todas as operações de exportação/importação e de financiamento da produção como atuavam quando necessário, como casas bancárias, tornaram-se imediatamente agentes do capital comercial inglês. Através dessa injeção de capital tornou-se possível a criação de novos seringais e o aumento na importação das mercadorias necessárias para o funcionamento destas e dos centros maiores que cresciam com o ciclo.

O sistema de transportes foi, em seguida, adquirido e controlado sendo fator fundamental para a comercialização da produção, cada vez realizada em regiões mais distantes de Manaus e Belém e por rios mais difíceis de se navegar. Isto exigiu uma posterior extensão do sistema com barcos menores e mesmo mulas para se conseguir atingir os pontos mais distantes.

Assim todas as condições externas que exigiam um investimento de capital, não existente no Brasil para que a produção continuasse crescendo, estavam nas mãos do capital inglês o que garantia dessa parte, o aumento da produção.

Sobrou, entretanto, como condição interna, a mão-de-obra que se tornou o fator fundamental para o crescimento da produção.

Ao analisarmos o processo de expansão territorial verificamos que, para que a produção simplesmente se mantivesse constante, devido à produtividade decrescente, deveria ocorrer uma contínua ocupação de novas terras, o que significava encontrar novas seringueiras, acarretando um aumento na necessidade por mão-de-obra. Assim, supondo que sempre existiram ter-

ras disponíveis, o único fator que deveria comandar a produção seria a mão-de-obra.

Ao colocar-se como questão a simples manutenção da produção teríamos a exigência de um fluxo de mão-de-obra, no caso amazônico, crescendo sempre, o que nos explicaria os altos índices de imigração. Comparando-se as Tabelas IV.3, IV.5 e IV.7 com as taxas de crescimento demográfico dos estados do Pará e Amazonas. Teremos que, para o período de 1872-1890, que é quando iniciou-se a ocupação do Estado do Amazonas, as taxas de crescimento demográfico foram 0,3% a.a. para o Amazonas e 0,1% a.a. para o Pará, o que mostra uma maior necessidade de imigrantes para a nova região que tinha um crescimento da produção mais acelerado que para o estado do Pará, que mantinha sua produção crescendo mais lentamente.

TABELA IV.7  
 EXPORTAÇÃO DE BORRACHA SILVESTRE AMAZÔNICA  
 PARA O EXTERIOR - PERÍODO 1821-1947

ANO	QUANT.	VALOR TOTAL		TAXA MÉDIA ANUAL		VALOR TOTAL		E/TON	
	TON.	MIL REIS/CR\$		DA LIBRA		EM £			
1821/1830	329	Rs.	156.000\$	no decênio	7\$052	£	22.121	£	67
1831/1840	2.314		1.228.000\$	" "	7\$378		166.440		72
1841/1850	4.693		1.913.000\$	" "	8\$951		213.710		45
1851/1860	19.383		20.140.000\$	" "	8\$887		2.266.231		116
1861/1870	37.166		48.943.000\$	" "	11\$319		4.323.968		116
1871/1880	60.225		107.904.000\$	" "	9\$765		11.050.076		183
1881/1890	110.048		185.490.000\$	" "	11\$080		16.740.974		152
1891/1900	213.755	1.163.334.000\$		" "	26\$018		44.712.660		209
1901	30.241		182.566.000\$	" "	21\$304		8.569.564		283
1902	28.632		147.719.000\$	" "	20\$157		7.328.421		256
1903	31.717		196.217.000\$		20\$078		9.772.736		308
1904	31.866		221.105.000\$		19\$794		11.170.304		350
1905	35.393		226.174.000\$		15\$208		14.872.041		420
1906	34.960		210.285.000\$		14\$971		14.046.155		401
1907	36.490		217.504.000\$		15\$917		13.664.886		374
1908	38.206		188.358.000\$		15\$983		11.784.896		308
1909	39.027		301.940.000\$		15\$983		18.891.322		484
1910	38.547		376.972.000\$		14\$927		25.254.371		655
1911	36.547		226.395.000\$		15\$029		15.063.876		412
1912	42.286		241.425.000\$		15\$000		16.095.000		380
1913	36.232		155.631.000\$		15\$044		10.345.054		285
1914	33.531		113.598.000\$		16\$375		6.937.282		206
1915	35.165		135.786.000\$		19\$272		7.045.765		200
1916	31.495		152.239.000\$		20\$105		7.572.195		240
1917	33.998		144.080.000\$		18\$893		7.626.104		224
1918	22.662		73.728.000\$		18\$618		3.960.038		174
1919	33.252		105.537.000\$		16\$860		6.259.608		188
1920	23.587		58.350.000\$		23\$167		2.518.668		106
1921	17.493		35.903.000\$		28\$554		1.257.371		72

ANO	QUANT. TON.	VALOR TOTAL MIL REIS/CR\$	TAXA MEDIA ANUAL DA LIBRA	VALOR TOTAL EM 	E/TON
1922	19.855	48.760.000\$	33\$994	1.434.370	72
1923	17.995	81.177.000\$	44\$971	1.805.096	100
1924	21.568	79.212.000\$	40\$707	1.945.906	90
1925	23.537	191.803.000\$	39\$485	4.857.616	206
1926	23.263	114.877.000\$	33.960	3.382.714	145
1927	26.162	115.008.000\$	41\$095	2.798.588	107
1928	18.826	58.999.000\$	40\$752	1.447.757	76
1929	19.861	61.114.000\$	40\$710	1.501.203	75
1930	14.138	33.584.000\$	43\$992	763.411	54
1931	12.623	25.599.000\$	63\$025	406.172	32
1932	6.224	10.626.000\$	48\$965	217.012	34
1933	9.453	21.687.000\$	52\$965	409.459	43
1934	11.150	33.642.000\$	59\$420	566.173	50
1935	12.370	36.063.000\$	58\$133	620.353	50
1936	13.247	68.016.000\$	57\$802	1.176.706	88
1937	14.792	76.001.000\$	57\$056	1.332.042	90
1938	12.064	46.649.000\$	86\$385	540.012	44
1939	11.805	56.680.000\$	75\$179	753.933	63
1940	11.835	77.467.000\$	67\$220	1.152.439	97
1941	10.734	91.185.000\$	67\$220	1.356.515	126
1942	12.204	Cr\$148.416.000	Cr\$ 67.620	2.194.853	179
1943	14.575	189.057.000	67,620	2.795.874	191
1944	21.192	365.839.000	67,620	5.410.218	255
1945	18.887	345.924.000	67,620	5.115.705	270
1946	18.159	267.767.000	77,225	3.467.361	190
1947	14.510	204.221.000	75,409	2.708.178	186
TOTAIS	1.550.215	8.089.993.000		349.691.503	

FONTE: BENCHIMOL, S.; AMAZONIA, ED. UMBERTO CALDERARO, MANAUS, 1977.

Estes dados nos permitem observar que enquanto uma nova região estava sendo ocupada, a mão-de-obra continuava a ser intensificada na região de ocupação anterior. Assim o crescimento interno de um seringal continuava através da descoberta de novas seringueiras e do conseqüente aumento do número de seringueiros. Dessa maneira existia sempre, uma opção de escolha quando surgia a necessidade de expansão, ou se iria mais longe criando-se novos seringais ou se intensificaria a extração nos seringais já existentes. A opção escolhida seria aquela que acarretasse o menor aumento nos custos de produção.

No período de 1890-1900 que foi quando a produção cresceu de forma considerável - desenvolvimento da indústria automobilística - a produção do Estado do Pará, que já estava virtualmente todo ocupado, manteve-se constante como demonstra a Tabela IV.3, entretanto sua taxa de crescimento demográfico foi de 0.3% a.a. Já para o Estado do Amazonas, aonde existiam terras a ocupar e aonde se deu realmente o crescimento da produção, a taxa de crescimento demográfico foi de 5,3% a.a.

O que podemos concluir é que para o Estado do Pará em um período de produção crescente sua taxa de crescimento demográfico foi menor que quando no período posterior teve que manter sua produção constante. Já para que o Amazonas suportasse o aumento da produção no período 1890-1900 a taxa de crescimento demográfico foi bem mais alta que a normal até então\*.

---

\* Dados sobre crescimento demográfico obtidos em Vergolino<sup>28</sup> |.

De encontro a esses resultados temos a tese de Celso Furtado\*, que afirma que com o crescimento da demanda a produção no Brasil teve que responder à questão de como aumentar a produção. "Impunha-se evidentemente, uma solução a longo prazo, porquanto era óbvio que a possibilidade de aumentar a produção da borracha extrativa na Amazônia não era muito grande. Uma vez demonstrado que uma ou mais das plantas que produzem a matéria-prima da borracha poderia adaptar-se a outras regiões de clima similar, a produção de borracha teria de desenvolver-se de preferência ali onde existisse um adequado suprimento de mão-de-obra e recursos para financiar o seu longo período de gestação"\*\*.

Entretanto, a demanda exigia soluções de curto prazo, com isso a economia mundial desenvolveu-se em duas etapas: a primeira uma solução de emergência para produção imediata e uma segunda caracterizada pela produção organizada em bases racionais.

A primeira fase foi totalmente realizada na Amazônia, aonde se mantiveram os métodos de extração tradicionais visando obter uma produção que solucionasse os problemas imediatos de procura por borracha.

---

\* FURTADO |<sup>6</sup>|, Capítulo XXIII

\*\* Esse longo período de gestação inclui além dos 4 ou 5 anos para uma seringueira iniciar a produção um prazo normalmente longo para a implantação de uma cultura racionalizada.

Nesta fase a produção dependia de três condições externas, dominadas diretamente pelo capital inglês e, de uma condição interna, a mão-de-obra, controlada indiretamente pelo mesmo capital que controlando o seringalista controlava a imigração e o estabelecimento da mão-de-obra. Todas essas quatro condições estavam interligadas dentro de uma dinâmica toda própria. A expansão dos seringais e o financiamento da imigração dependiam das casas aviadoras que, através do aviamento e do pagamento ao governo do transporte do seringueiro do nordeste até o seringal (pago pelo seringalista mas financiado pela casa aviadora) viabilizavam o aumento da produção. Além disso, sem um crescimento no sistema de transportes não se conseguiria comercializar mais borracha, o que também dependia das casas aviadoras.

Entendo então, que o que se pode afirmar sobre esta fase é que o aumento da produção foi condicionado por esses quatro fatores só se realizando através da combinação de todos.

Já na segunda fase o capital inglês se transferiu para suas colônias na Ásia pois, o sistema produtivo brasileiro trouxe um cada vez maior custo de produção o que ocasionou um crescimento muito grande nos preços (Tabela IV.7).

São muitas as explicações sobre os motivos que levaram os ingleses a desenvolverem uma produção racional em suas colônias na Ásia. Para Singer <sup>22</sup>: "a resposta óbvia é que ao governo inglês - que encarregou seu agente Wickman de organizar uma plantação de seringueiras no planalto do Tapajós,

perto de Santarém, exclusivamente para se apoderar das sementes - só interessava que o novo modo de se produzir a borracha fosse estabelecido dentro das fronteiras do Império Britânico". Isto provocado por uma série de fatos surgidos nos últimos anos, tais como o mercado americano ter se tornado um consumidor tão ativo quanto a Inglaterra oferecendo possibilidades de importação tentadoras, o desenvolvimento de novas técnicas de produção que não eram mais passíveis de aplicação no Brasil e que, aplicadas na Ásia produziram uma borracha de qualidade muito superior com custos de produção muito menores, a ausência de taxas de importação além da lucrabilidade com a borracha ter-se tornado maior que a obtida plantando-se chá e café que eram os principais produtos coloniais ingleses.

Se algum dia os ingleses tiveram pretensões de desenvolverem o cultivo da seringueira no Brasil esbarraram em uma série de problemas que inviabilizaram essas pretensões. As relações de produção deveriam ser totalmente mudadas, o papel de organizador da produção teria que ser assumido pelos ingleses fazendo com que os seringalistas não mais tivessem função. Além disso, as seringueiras existentes deveriam ser destruídas e tudo deveria ser replantado, o que implicaria em um prazo bastante longo para a produção retomar níveis já obtido, enquanto a demanda crescia ininterruptamente. Como veremos na próxima seção esses problemas não ocorreram na Ásia, não existiu necessidade de mudar as relações de produção e a seringueira já adaptada só faltava expandir as plantações.



A transferência dos interesses ingleses foi gradual, proporcional ao aumento de sua produção. A produção brasileira tornou-se cada vez mais uma complementação à produção oriental e, a partir de 1913 quando foi suplantada o mercado foi totalmente dominado pela borracha asiática. O capital inglês retirou-se completamente deixando a região amazônica a defrontar-se com toda a sua estagnação.

Foram apresentadas até aqui duas motivações para o desenvolvimento da produção da borracha no Brasil. Uma, a demanda pelo produto e, a outra a possibilidade de "vender" suas manufaturas no mercado amazônico. Temos agora que os capitais se retiraram. E como ficou a venda de manufaturas?

O que ocorreu foi que existiu uma motivação principal, a demanda por borracha e, uma secundária, a colocação dos manufaturados que, apenas influenciava a organização da produção. A produção de borracha era financiada por meio de mercadorias que eram os manufaturados, temos então que, antes de quererem colocar seus manufaturados, os ingleses as usaram para produzir borracha, a própria produção destas servia à acumulação capitalista. Compreende-se assim que, quando da retirada dos capitais ingleses do Brasil o setor de importação de manufaturados tenha sido abandonado resumindo-se em um conflito entre capitalistas na Inglaterra. Pode-se ver então o processo de produção de borracha na Amazônia como um processo circular onde se produziu manufaturados que produziram borracha que novamente produziu manufaturados.

Existiram a partir de então uma série de planos

para recuperar a borracha, tendo o Banco do Brasi como financia dor, sobre esses planos existem referências e detalhes aprofundados em toda a literatura sobre a borracha, os resultados de todas essas tentativas que, visavam apenas descobrir uma maneira de aumentar (manter) a produção da borracha, mantendo o extrativismo, foram um total fracasso. A partir de 1913 a produção caiu inapelavelmente. A borracha oriental produzida a um custo muito menor faz os preços baixarem enquanto, a borracha brasileira mantinha seu alto custo de produção e novamente a região amazônica retornou a sua "letargia econômica".

#### IV.8. PRODUÇÃO NA ÁSIA

Enquanto na região amazônica nunca existiu uma preocupação com o desenvolvimento das técnicas de plantio e extração da borracha, mantendo-se uma visão otimista do potencial produtivo da região acreditando-se na impossibilidade de qualquer concorrência internacional devido à crença de ser o Brasil o único habitat possível para a borracha. Os ingleses entretanto, preocuparam-se sempre em desenvolver dentro de seu império colonial as fontes de matéria-prima necessárias a sua industrialização, realizaram pesquisas e terminaram por desenvolver plantações racionalizadas de borracha nas suas colônias asiáticas.

A proposto inicial de desenvolver cultivo e mêtodos mais modernos de extração partiu do Dr. Joseph Hooker, diretor do Jardim Botânico de Kew na Inglaterra que, pretendia desenvolver e aclimatar todas as espécies vegetais que tivessem

potencialidades de um dia virem a ser exploradas.

Foi enviado então ao Brasil pelo Dr. Hooker, Henry Alexandre Wickman, aventureiro com experiência nas Honduras Britânicas e na Venezuela, já conhecedor da seringueira sobre a qual escrevera um relatório - *Notes of a Journey through the wilderness* -.

Na Amazônia Wickman estabeleceu-se no Tapajós, aonde dedicou-se ao estudo e à colheita de mudas. Com a ajuda dos índios Mura conseguiu colher 70.000 sementes que, enviou a Inglaterra, em 1876, como se fossem "espécimes botânicos delicados"\* especialmente enviados para o Jardim Botânico da Rainha Vitória, artifício usado para burlar o sistema fiscal.

Em 1877 as sementes que resistiram ao transplante em Kew foram remetidas para o Jardim Botânico de Singapura, produzindo sementes em 1881, que foram levadas para o Ceilão. Foi no entanto, somente a partir de 1895 que essas plantações tomam vulto e sua rentabilidade tornou-se totalmente aproveitada. Os motivos para esse período de estagnação da cultura de borracha no Oriente foram a concorrência com o chá e o café que apresentavam uma maior lucratividade e crédito que os baixos custos de produção no Brasil tornavam mais interessante manter a produção asiática dividida mantendo a borracha no Brasil. Com o salto que a demanda tem com a criação da indústria automobilística, que colocou também os Estados Unidos como consumidor a produção na Ásia foi incrementada.

---

\* Reis |<sup>18</sup>|

Pela Tabela IV.4 observa-se a simultaneidade do incremento dado pelos ingleses a sua produção com o aumento na demanda nos dois maiores consumidores, os Estados Unidos e a própria Inglaterra - representada por suas importações -.

As plantações iniciais na Malásia e no Ceilão expandiram-se rapidamente para Sumatra, Java e Bornéu. Os resultados foram obtidos a partir de 1900 quando as plantações começaram a produzir.

TABELA IV.8

## PRODUÇÃO ASIÁTICA DE BORRACHA SILVESTRE

(ton. inglesas = 1.016 kg)

ANO	PRODUÇÃO
1900	4
1905	145
1906	500
1910	8500
1914	71400
1915	107900
1916	152700
1917	204300
1918	200900
1919	240200
1920	278400
1921	259500
1922	366000
1923	369500
1924	387600
1925	477000
1926	576900

FONTE: MACEDO SOARES, J.C. - Le Cautchouc: Étude Économique et Statistique, Paris, A.D Cillard Editeur, 1928.

Os ingleses estabeleceram na Ásia um conjunto de plantações que, a partir do momento em que começara a produzir apresentaram várias vantagens sobre a produção brasileira.

Devido aos problemas de adaptação das árvores à nova região os ingleses haviam desenvolvido e aprimorado toda uma tecnologia de organização da plantação e adubação. Contando com árvores não cicatrizadas pela extração com métodos de sangria primitivos puderam desenvolver novas técnicas de corte que não só produziam mais como alongavam a vida útil da árvore e, com o plantio planejado só necessitavam sangrar cada árvore cada dois dias. Com todos esses novos desenvolvimentos a borracha oriental apresentava-se toda de maneira homogênea e com uma qualidade muito superior à brasileira. As técnicas de depuração e secagem também lá desenvolvidas, apresentavam marcante superioridade.

Além dos desenvolvimentos de ordem tecnológica as colônias inglesas dispunham de mão-de-obra abundante e barata, fretes reduzidos e transportes fáceis, não existiam taxas de importação para os ingleses e com o crescimento da industrialização americana um mercado garantido para qualquer excedente na produção.

Enquanto isso, a produção amazônica permanecia com técnicas de extração, preparação, etc, imutáveis, o custo de produção muito mais alto, um sistema de transportes oneroso e um rendimento menor (um trabalhador na Malásia recolhia 3 kg de látex por dia enquanto um seringueiro na Amazônia obtinha 1 kg de oito a quinze dias). Essa passividade diante de inova-

ções tecnológicas só o foi rompida a partir de 1911/12 quando já era muito tarde para oferecer uma concorrência ao produto asiático.

O desconhecimento dos problemas da borracha pelos brasileiros é demonstrado pelo relatório de Labroy |<sup>10</sup>| de 1913 quando os preços já vinham caindo desde 1910 e a produção asiática (54356 ton) já havia suplantado a brasileira (36232ton) onde encontra-se: "Hoje estamos na presença de uma indústria forte e hábilmente organizada que, se esforça por conquistar (grifos do autor) o mercado da borracha..... Essas plantações estabelecem pois, uma concorrência séria à produção brasileira, um crescente perigo que foi compreendido pelo Governo Federal, o qual se esforça atualmente por conjura-lo, pelo estabelecimento de um novo regime econômico...".

A política inglesa de desenvolvimento das plantações de borracha em seu império, tornou muito claro o papel em que a borracha brasileira foi colocada dentro de sua estratégia imperialista. O Brasil seria considerado um país periférico, produtor de uma matéria-prima essencial a sua industrialização enquanto não fosse possível obter toda sua demanda em suas próprias colônias. No caso da borracha a produção na Ásia foi mantida estacionária enquanto o café e o chá apresentavam melhores possibilidades comerciais que a borracha que, se mantinha com o preço baixo. A partir do momento que houve uma alta nos preços da borracha sua produção foi incentivada.

#### IV.10. SUMÁRIO

##### SEÇÃO IV.1

Desenvolvimento do uso da borracha:

- 1770 - usada para apagar riscos de grafite;
- 1823 - com a dissolução em hulha adquire impermeabilidade possibilitando o uso em vestimentas, mas, ainda sujeita a grandes deformações pelas variações de temperatura;
- 1839/42 - com a descoberta da vulcanização as deformações são evitadas possibilitando o uso industrial irrestrito;
- 1850 - usada como revestimento em aros de rodas de veículos;
- 1890 - invenção do pneumático provoca considerável aumento na demanda internacional.

##### SEÇÃO IV.2

Com a demanda internacional por borracha sempre aumentando a extração de drogas do sertão especializou-se, abandonaram-se todas as atividades desligadas da extração e produção de borracha.

Inicialmente as técnicas de extração foram mantidas o que implicou ser a terra um bem sem qualquer valor. Com o desenvolvimento de técnicas que permitiam uma exploração das seringueiras mais prolongada e menos destrutiva formaram-se os primeiros seringais grandes propriedades, caracterizadas por sua grande extensão com sede nas margens dos rios aonde se cons

truíam a residência do seringalista e seus escritórios e depósitos.

Os seringalistas foram extratores ou empresários que através de financiamentos obtidos em mercadorias conseguiram o capital inicial para o estabelecimento dos seringais.

Todo o comércio na Amazônia se realizava por meio de trocas, os comerciantes ligados à exportação/importação obtinham as mercadorias necessárias e as trocavam por borracha, eram os únicos com capacidade de acumular capital. Esse sistema se aperfeiçoou surgindo o SISTEMA DE AVIAMENTO, o seringalista recebia das casas aviadoras (comerciantes ligados à exportação/importação) as mercadorias em troca de sua produção de borracha ficando a diferença dessa troca numa conta na casa aviadora. Essas mercadorias formavam o AVIAMENTO que seria utilizado pelo seringalista para trocar com os seringueiros por borracha, ficando sempre o seringueiro devendo ao seringalista.

Com o aumento da importância da borracha o capital inglês assumiu o controle das casas aviadoras.

Nesse sistema o aviador tornou-se um funcionário do capital inglês, o seringalista era um organizador da produção com uma remuneração para isso proporcionada pelas casas aviadoras.

### SEÇÃO IV.3

Todo o transporte na Amazônia era realizado pe-



la rede fluvial. As frotas inicialmente pertenciam aos colonos, comerciantes ou extratores mas, com o desenvolvimento da extração da borracha e o crescimento territorial as companhias de transporte mais importantes foram adquiridas pelo capital inglês.

Ao assumir o controle sobre o grosso dos transportes o capital inglês completou sua dominação sobre as condições externas à produção - financiamento, comercialização e transportes.

Os custos de transporte eram proporcionais a distância seringal-casa aviadora.

#### SEÇÃO IV.4

Os desenvolvimentos nas técnicas extrativas não produziram variações significativas na produção.

O abandono da técnica do ARROCHO pela MACHADINHA permitiu o estabelecimento dos seringais.

Todas as técnicas utilizadas tiveram um caráter destrutivo ocasionando, com maior ou menor velocidade, queda na produtividade das árvores e sua destruição.

#### SEÇÃO IV.5

Devido às técnicas empregadas que provocavam um decréscimo na produção de safra para safra e ao constante au-

mento na demanda internacional houve um ininterrupto aumento nas terras ocupadas pela produção de borracha.

#### SEÇÃO IV.6

A mão-de-obra foi inicialmente obtida na própria Amazônia e posteriormente quando esta fonte se esgotou através da imigração.

Toda a mão-de-obra disponível na Amazônia foi utilizada na extração de borracha provocando o abandono de qualquer outra atividade.

A dívida crescente do seringueiro com o seringaísta acabou por torna-lo praticamente um servo do seringaísta recebendo apenas o necessário para sua subsistência.

#### SEÇÃO IV.7

A demanda mundial por borracha teve um grande crescimento no período de 1823 a 1913, acompanhado de um proporcional aumento nos preços.

O Brasil foi durante maior parte deste período o único produtor, conseguindo aumentar sua produção de maneira a atender a procura. Como o sistema produtivo amazônico conseguiu expandir-se deveu-se exclusivamente ao capital inglês ter assumido o controle dos fatores já citados anteriormente, a burguesia comercial local não teria capacidade de financiar um crescimento de tal nível. Mesmo a mão-de-obra necessária para

tal expansão obtida através de imigrantes nordestinos foi indiretamente financiada pelo capital inglês.

A produção no Brasil começará a decair quando os ingleses conseguem produzir borracha na Ásia com uma maior lucratividade e uma produção muito maior fazendo com que os capitais aqui investidos se transferissem para o oriente.

#### SEÇÃO IV.8

Sementes de seringueira foram retiradas do Brasil em 1876 e enviadas a Inglaterra e de lá para a Ásia para um período de adaptação.

As plantações de borracha começam a ser incrementadas quando os custos de produção no Brasil tornam-se extremamente altos. Os resultados são excelentes e a produção asiática começou a ser comercializada em 1900 e já em 1913 suplantava a produção brasileira crescendo violentamente daí para frente dominando inteiramente o mercado internacional.

CAPÍTULO VFORMALIZAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO E  
DISTRIBUIÇÃO DE RENDIMENTOS

Neste capítulo procura-se finalizar o desenvolvido no capítulo anterior através de uma formalização da organização da produção na região amazônica no período de 1823 a 1913 e de como se distribuíram os rendimentos ali gerados.

Os preços de mercado da borracha tiveram um rápido crescimento durante o período analisado, de 67 libras por tonelada em 1827 chegou em 1910 ao seu máximo com 655 libras por tonelada. Com a comercialização da borracha produzida na Ásia pelo ingleses houve uma grande queda nos preços. Na esquematização apresentada a seguir não existe preocupação com as oscilações no preço de mercado nem com as influências da comercialização do produto oriental nesse preço. Deseja-se, apenas, apresentar como se formava o preço de produção da borracha brasileira a partir do seu custo de produção. Assim como só é considerado o preço de produção, daqui para frente será referido apenas como preço.

Desenvolve-se em seguida uma representação dos fatores determinantes do custo de produção e termina-se com algumas conclusões gerais sobre como se distribuíam os rendimentos gerados nesse período.

Tanto nas curvas apresentadas quanto nas equa-

ções declina-se explicitar as unidades consideradas, mantendo-se apenas a preocupação com a coerência da formulação. Isto porque, o propósito deste trabalho é apenas apresentar a dinâmica da exploração da borracha no que ela tem de essencial.

As curvas apresentadas a seguir visam de forma esquemática apresentar uma série de relações importantes no sistema produtivo de borracha brasileiro.

Considera-se produção de borracha na região amazônica no período em questão sob dois enfoques distintos, por um lado olhando o seringal individualmente, por outro a região Amazônica como um todo.

O seringal é uma unidade produtiva fechada, isto é, sua extensão territorial não pode mais ser ampliada e, sua expansão é limitada pelo número de seringueiras não exploradas contidas em sua área, o que por sua vez limita a número de trabalhadores alocáveis nessa unidade.

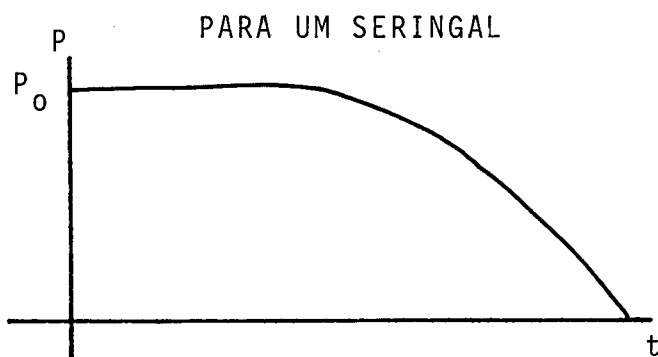
A região amazônica, considerada no período 1823-1913, é suposta sempre com terras a serem ocupadas e exploradas ou seja, nesta análise considera-se que a produção total podia ser sempre aumentada, bastando para isso o aumento nos aviamentos, transportes, etc, como já foi descrito na seção IV.7, O QUE SERÁ DAQUI EM DIANTE SUPOSTO SEMPRE POSSÍVEL.

Naquela seção observou-se que a produtividade de cada seringal decrescia com o tempo, exigindo um fluxo contínuo de mão-de-obra para ao menos manter a produção inalterada. Como as técnicas de exploração eram destrutivas e se man-

tiveram inalteradas a produção em um seringal decrescia a partir de um dado momento até se anular com a destruição completa das seringueiras. Ressalvo que isto somente foi válido para o caso brasileiro onde nunca houve tentativas nem de plantações organizadas nem mesmo de reposição das árvores já destruídas. Suponha-se que um instante de tempo inicial,  $t=0$ , aloca-se em um seringal um número determinado de trabalhadores, que não mais será alterado, neste caso a produção por período\* tem uma magnitude inicial  $P_0$  e decresce sempre a partir daí, raciocinando-se de maneira contínua\*\* pode-se representar essa relação pela curva V.1.

#### CURVA V.1

PRODUÇÃO ( P ) X PERÍODO ( t )



\* Os períodos são determinados através das entregas de aviamento aos seringalistas pela casa-aviadora. Por exemplo o período  $t$  se inicia quando é entregue o  $t$ -ésimo aviamento e termina na entrega do  $t$ -ésimo mais 1 que coincide com a entrega pelo seringalista ao aviador da borracha produzida durante o período.

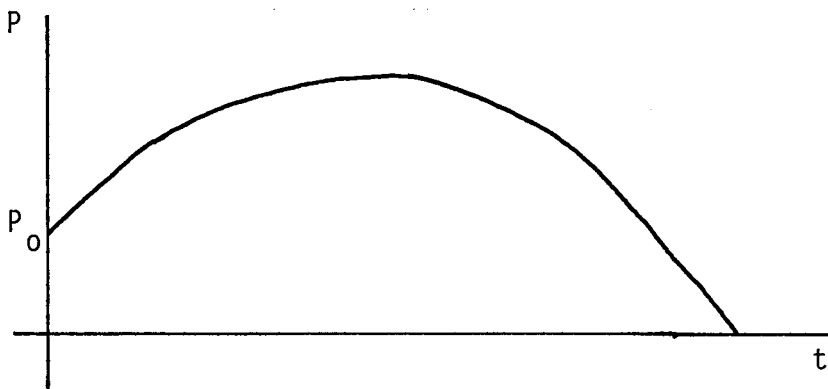
\*\* Como o objetivo de apresentar-se curvas é fornecer a ideia da evolução de algumas relações, estas serão contínuas. Sem esquecer-se entretanto, que os dados são obtidos período a período.

Se consideram-se incrementos no número de trabalhadores de modo que a queda de produtividade seja compensada, conseguir-se-á um crescimento na produção durante algum tempo até a exploração de todas as árvores e, a queda na produção não conseguira ser evitada. Este caso pode ser representado por curvas semelhantes à curva V.2.

CURVA V.2

PRODUÇÃO ( P ) X PERÍODO ( t )

PARA UM SERINGAL



As curvas V.1 e V.2 representariam também a evolução completa da produção total por período da região amazônica caso não se estivesse trabalhando em um período de tempo bem determinado\*. Deste modo considera-se nesta análise que a produção total será sempre crescente, exigindo para isso quantidades cada vez maiores de aviamento, transporte e remuneração de seringalistas, principalmente transportes, e como as técnicas se mantem inalteradas ter-se-á um aumento exagerado

---

\* A curva V.2 de forma mais detalhada apresentaria oscilações suaves provocadas pelo uso de novas seringueiras que trariam um aumento na produtividade variando a taxa de crescimento da produção.

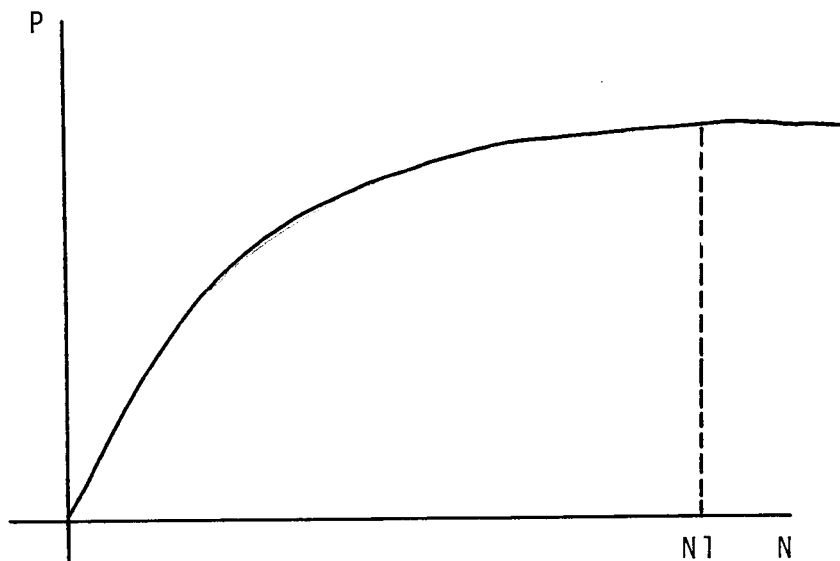
no custo de produção\*.

As curvas V.3 e V.4 mostram a relação entre a produção e o número de trabalhadores em um período determinado.

Para um seringal a produção não se altera se o número de trabalhadores for maior que uma certa quantidade  $N_1^{**}$ . Já para a produção total como considera-se a hipótese da existência de terras disponíveis quanto maior o número de trabalhadores maior a produção.

### CURVA V.3

PRODUÇÃO ( P ) X NÚMERO DE TRABALHADORES ( N )  
PARA UM SERINGAL




---

\* VIDE SEÇÕES IV.3, IV.5, IV.6, IV.7 e IV.9

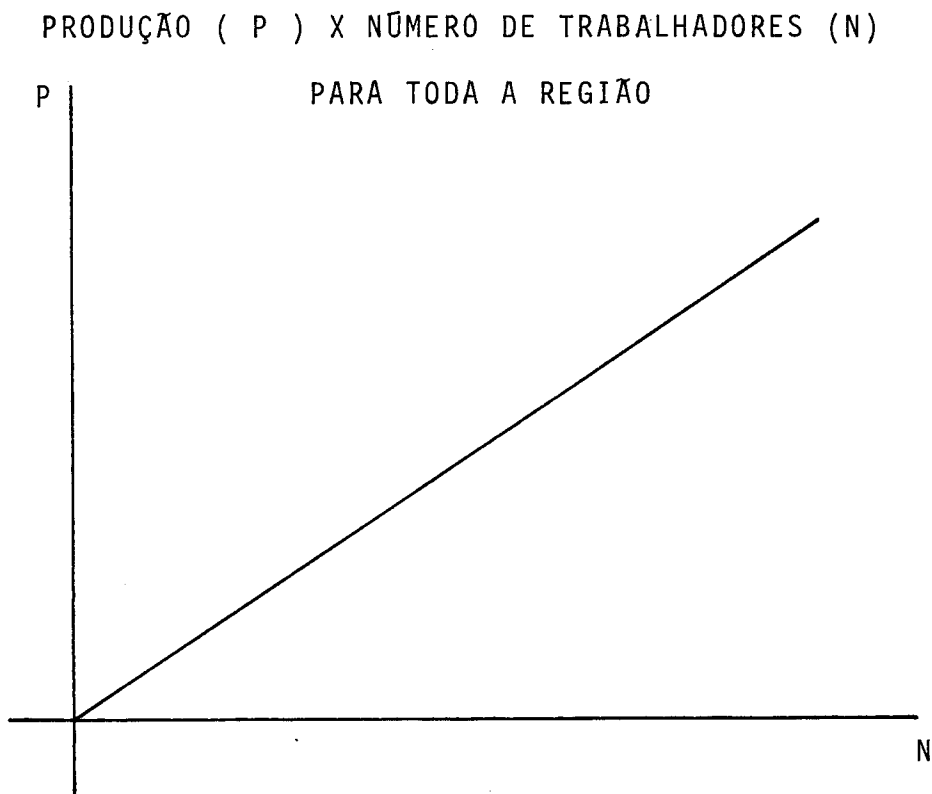
\*\*  $N_1$  indica que não existem seringueiras a serem exploradas.



A relação entre produção e terra ocupada é semelhante a entre produção e número de trabalhadores podendo ser também representada pela curva V.4\*\*\*.

Devido a existência de terras não exploradas a relação entre a terra ocupada e o número de trabalhadores foi sempre crescente. Entretanto, existiram período em que uma variação no número de trabalhadores implicou em uma variação

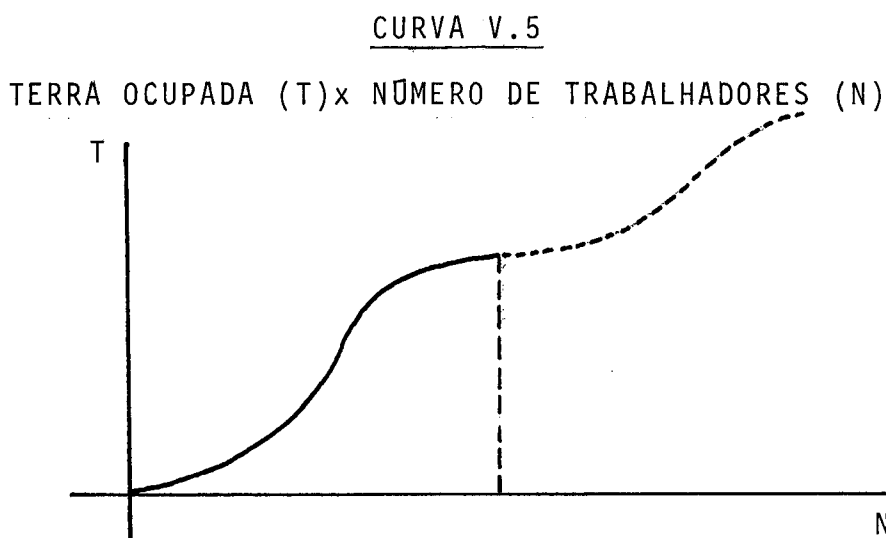
CURVA V.4



---

\*\*\* Vale a mesma observação feita anteriormente sobre a curva V.2.

pequena na quantidade de terra ocupada, isto foi devido a necessidade de crescimento interno dos seringais já existentes para aumento ou mesmo manutenção de sua produção, o que não excluiu um pequeno aumento territorial. Em seguida, quando a terra ocupada começou a não permitir grandes expansões internas o movimento para exploração de novas terras se acelerou fazendo com que uma variação no número de trabalhadores implicasse em uma maior variação na quantidade de terras ocupadas. A dinâmica da ocupação de terras gerada por aumentos na demanda internacional está desenvolvida com maiores detalhes nas seções IV.5 e IV.7. A curva V.5 procura ilustrar esta situação.



A procura por borracha surgiu da sua crescente importância como parte do capital constante necessário no processo de industrialização inglês e americano, desse modo a demanda foi sempre um dado definido exteriormente e conhecido para o próximo período. O Brasil foi o único produtor até 1900, a partir de então a Inglaterra inicia sua produção na Ásia apresentando um produto de melhor qualidade e com menores cus-

tos de produção. A partir de 1913 a produção oriental suplantou a brasileira e supriu praticamente toda a demanda.

Ao Brasil que, devido a sua produção baseada na extração unicamente de seringueiras silvestres sem nunca ter colocado em prática um plano de plantio e utilizando técnicas destrutivas, sobrou a parte da demanda mundial que a Inglaterra não conseguiu cobrir. Observa-se pela Tabela IV.5 que essa demanda por borracha brasileira só permaneceu existindo devido a alta taxa de crescimento da demanda mundial. O problema da queda na produção nacional e da concorrência asiática estão melhor explicitados nas seções IV.7 e IV.8 do capítulo anterior.

Sejam:

$D^t$  - demanda mundial por borracha no período  $t$ ;

$DB^t$  - demanda por borracha brasileira no período  $t$ ;

$BI^t$  - produção oriental de borracha no período  $t-1$ .

Temos então que:

$$DB^t = D^t \quad t \in |1823, 1900| \quad V.1$$

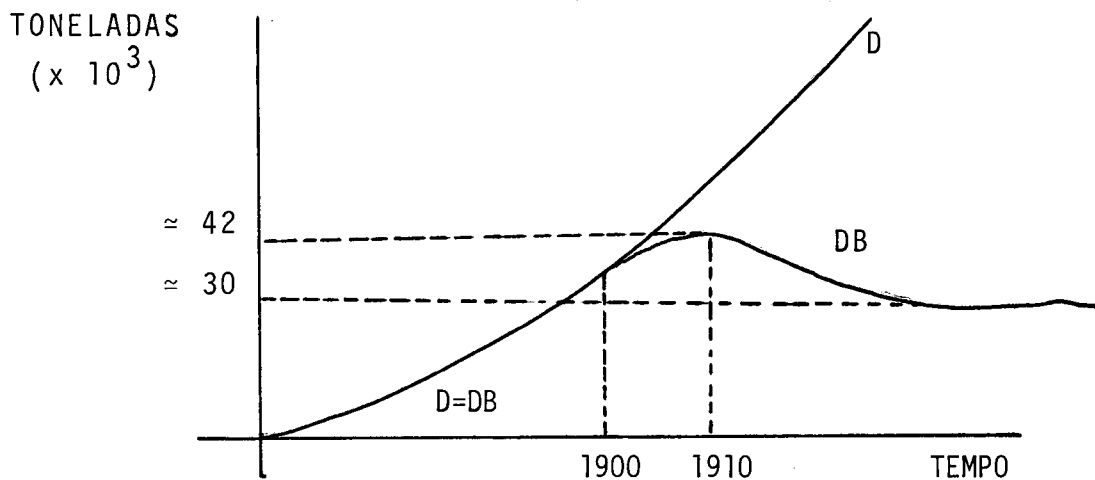
$$DB^t = D^t - BI^t \quad t \in (1900, -)$$

A evolução da demanda mundial e da demanda por borracha brasileira pode ser representado pelo curva V.6.

CURVA V.6

DEMANDA MUNDIAL POR BORRACHA - D

DEMANDA POR BORRACHA BRASILEIRA - DB



Considerar-se-ã sempre no modelo que:

$$i) D^t \geq B^t \quad t \in |1823, 1913| \quad V.2$$

onde:

$B^t$  - produção total de borracha no Brasil no período  $t-1^*$ .

ii)  $D^{t+1}$  - é sempre conhecida para período  $t$

Considerar-se-ã também que fatores como aviamento, transporte e mão-de-obra são disponíveis sempre que requisitados para o aumento da produção. Os dois primeiros forneci-

---

\* A produção de borracha  $B_i^t$  entregue ao aviador no início do período  $t$  é a borracha extraída durante o período anterior, essa notação será seguida daqui em diante.

dos pelo capital inglês e a mão-de-obra pela imigração\*.

As casas-aviadoras financiavam a produção através de uma conta mantida para casa seringalista. Nessa conta creditava-se a borracha entregue e debitava-se o custo do aviamento para o próximo período, o transporte da borracha entregue e o transporte do aviamento recém remetido. De acordo com a produtividade de cada seringal, seu porte e de seu saldo os seringalistas recebiam um crédito com a casa-aviadora o que lhes garantia um certo padrão de consumo. Esse crédito era inteiramente consumido em bens de consumo importados pelas casas aviadoras, foi este consumo que restrito pelo crédito determinava a remuneração de cada seringalista. O porque dessa remuneração esta explicado no capítulo anterior.

Assim o capital inglês investia na produção brasileira o aviamento, os transportes, a remuneração do seringalista e a remuneração do aviador e recuperava esses investimentos em borracha.

Esses gastos definiam o preço da borracha de maneira a garantir a taxa de lucro do capital inglês e a amplia-

---

\* Essa imigração de forma indireta financiada pelo capital inglês pois, o que era gasto pelo Governo brasileiro no transporte dos imigrantes era reembolsado pelos seringalistas que só tinham capital para tal devido as casas-aviadoras ou seja, o capital inglês.

ção do sistema produtivo de forma a suprir a demanda do próximo período.

Para um seringal a casa-aviadora não tinha como garantir que o valor da produção em um período fosse superar o valor investido em aviamento e transportes. Assim o valor da produção em cada seringal no período  $t+1$  podia ser maior, menor ou igual que o valor do aviamento fornecido em  $t$  mais o valor do transporte da borracha entregue em  $t+1$ , mais o valor do transporte do aviamento em  $t$ , mais o lucro do capitalista que, é calculado sobre esses gastos. Esta relação formalizada fica:

$$B_i^{t+1} \cdot P_B^{t+1} \geq |1+\pi| |N_i^t \cdot \alpha_i^t \cdot P_{A+D_i}^t \cdot N_i^t \cdot \alpha_i^t \cdot P_{T+D_i}^t \cdot B_i^{t+1} \cdot P_T^{t+1}| \quad V.3$$

onde:

$N_i^t$  - número de trabalhadores no seringal  $i$  durante o período  $t$ ;

$\alpha_i^t$  - aviamento consumido por trabalhador no seringal  $i$  durante o período  $t$ ;

---

\* Como o aviamento total de cada seringal era redefinido a cada período, o aviamento por trabalhador também é considerado variando a cada período, o que não significa que o trabalhador recebesse mais ou menos, as variações no aviamento eram provocadas por mercadorias supérfluas impostas ao seringalista pela casa-aviadora, que as repassava aos trabalhadores.

$D^i$  - distância do seringal  $i$  e a casa-aviadora;

$\pi$  - taxa de lucro do capital industrial inglês;

$P_B^t$  - preço da borracha no período  $t$ ;

$P_A^t$  - preço do aviamento no período  $t$ ;

$P_T^t$  - preço do transporte no período  $t$ .

De um período para outro a casa aviadora podia sempre redistribuir o aviamento entre os vários seringais e, fazer modificações nos créditos dos seringalistas.

A partir da agregação de todos os seringais obteremos uma equação que defina o preço da borracha a partir dos componentes necessários a sua produção e garanta o lucro do capitalismo internacional.

Definindo:

$A_i^t = N_i^t \cdot \alpha_i^t$  - aviamento do seringal; para o período  $t$ ;

$TA_i^t = D_i \cdot N_i^t \cdot \alpha_i^t$  - transporte do aviamento do seringal  $i$  no período  $t$ ;

$TB_i^t = D_i \cdot B_i^t$  - transporte da borracha do seringal  $i$  no período  $t$ .

Substituindo em V.3:

$$B_i^{t+1} \cdot P_B^{t+1} \geq |1+\pi| |A_i^t \cdot P_A^t + TA_i^t \cdot P_T^t + TB_i^{t+1} \cdot P_T^{t+1}| \quad V.4$$

Agregando temos:

$$B^{t+1} \cdot P_B^{t+1} \geq |1+\pi| |A^t \cdot P_A^t + TA^t \cdot P_T^t + TB^{t+1} \cdot P_T^{t+1}| \quad V.5$$

onde:

$$B^{t+1} = \sum_i B_i^{t+1} - \text{quantidade total de borracha produzida na Amazônia durante o período } t$$

$$A^t = \sum_i A_i^t - \text{aviamento total entregue para o período } t$$

$$TA^t = \sum_i TA_i^t - \text{transporte total de aviamentos no período } t$$

$$TB^{t+1} = \sum_i TB_i^{t+1} - \text{transporte total de borracha no período } t+1$$

A partir da inequação V.5 o preço de produção para a borracha pode ser determinado pela igualdade:

$$P_B = \frac{1}{B^{t+1}} |1+\pi| |A^t \cdot P_A^t + TA^t \cdot P_T^t + TB^{t+1} \cdot P_T^{t+1}| \quad V.6$$

O lado direito da inequação V.5 tem dois componentes que são extremamente importantes para a compreensão do processo de ampliação da exploração da borracha no Brasil e de onde se originavam os capitais responsáveis por essa ampliação.

A primeira componente  $1 \cdot |A^t \cdot P_A^t + TA^t \cdot P_T^t + TB^{t+1} \cdot P_T^{t+1}|$  seria a responsável pela reprodução simples da extração, isto é, supondo que a produtividade não fosse decrescente o re-investimento dessa primeira parcela garantiria a manutenção da pro-



dução no mesmo nível que no período anterior.

A segunda componente,  $\pi | A^t \cdot P_A^t + TA^t \cdot P_T^t + TB^{t+1} \cdot P_T^{t+1} |$ , era o lucro do capital inglês obtido na exploração da borracha no Brasil, desse lucro eram retirados, na forma de bens de consumo, a remuneração do seringalista e a do aviador, que era um simples funcionário do capital inglês no Brasil. O restante era incorporado aos investimentos totais que o capital inglês realizava internacionalmente e foi dos lucros obtidos por meio desses investimentos que era retirado o capital necessário para expandir a produção de borracha no Brasil de acordo com uma demanda já determinada.\*

A remuneração do seringalista e do aviador provocava uma diminuição no lucro obtido no Brasil, isto fazia com que os capitalistas ingleses interessados na borracha visassem um rendimento sempre melhor de maneira a tentar recuperar esse gasto. Ao nos colocarmos no papel do capitalista diretamente interessado na exploração da borracha o que se verifica é que existia uma perda nos seus lucros, porém do ponto de vista do capitalismo inglês como um todo não existia perda alguma em seus lucros, pois o gasto que existia com a borracha exigia a participação de produtos de outro capitalista para

---

\* A folga existente na inequação V.6, se esta existir, deve-se a uma renda temporária que seria a contrapartida do controle da comercialização, renda bastante instável tendo em vista a concorrência capitalista.

sua produção, produtos que por sua vez exigiam outros e assim por diante. Essa dinâmica foi toda realizada através de lucros, o que garantia os lucros do sistema econômico como um todo. Os gastos de cada capitalista podem ser encarados como perdas na disputa interna por uma parte nos lucros totais. Assim quando se pretendia um melhor rendimento na exploração da borracha o que se queria obter não era uma diminuição nos gastos com remunerações mas sim uma maior participação desse capitalista nos lucros totais da economia.\*

Este mecanismo pode ser demonstrado através de um desenvolvimento simples.

Seja a remuneração do seringalista  $L_s$  e a do aviador  $L_a$ , em bens de consumo e, seja  $P_L$  seu preço. Assim o lucro líquido obtido com a borracha será dada por:

$$\pi |A^t \cdot P_A^t + TA^t \cdot P_T^t + TB^{t+1} \cdot P_T^{t+1}| - |L_s + L_a| P_L \quad V.7$$

---

\* Essa pretensão que se manifesta no âmbito da concorrência entre os capitalistas, leva os capitalistas ligados à produção de borracha a acabar interferindo na organização da produção, mesmo ao nível das relações de produção - transferência da produção para a Ásia.

A oposição a esse movimento, exercido pelos produtores de aviação etc, historicamente é superada pela direção do capital industrial mais avançado. Um primeiro ensaio desse movimento pode ser detectado na utilização crescente de transportes modernos ainda no Brasil.

No entanto, para a produção de  $|L_s + L_a|$  emprega-se a mercadoria composta  $M_1$ , com um preço  $p_1$ , logo:

$$\begin{aligned} |L_s + L_a| P_L &= |1 + \pi| M_1 \cdot P_1 \\ \therefore |L_s + L_a| P_L &= M_1 \cdot P_1 + \pi \cdot M_1 P_1 \end{aligned} \quad V.8$$

Já para a produção de  $M_1$  se necessita da mercadoria composta  $M_2$  com preço  $P_2$ , então:

$$M_1 \cdot P_1 = M_2 \cdot P_2 + \pi \cdot M_2 \cdot P_2 \quad V.9$$

De V.9 temos que:  $M_1 \cdot P_1 > M_2 \cdot P_2$

Substituindo V.9 em V.8:

$$|L_s + L_a| P_L = M_2 \cdot P_2 + \pi M_2 \cdot P_2 + \pi \cdot M_1 \cdot P_1 \quad V.10$$

Prosseguindo no mesmo raciocínio para a produção do  $k$ -ésimo menos um insumo secundário necessitar-se-ia da mercadoria composta  $M_k$  de preço  $P_k$ , assim:

$$M_{k-1} \cdot P_{k-1} = M_k \cdot P_k + \pi \cdot M_k \cdot P_k \quad V.11$$

De onde se obtém que:

$$M_1 \cdot P_1 > M_2 P_2 > \dots > M_{k-1} \cdot P_{k-1} > M_k \cdot P_k \quad V.12$$

Através de uma série de substituições na equação V.8 se chega que:

$$|L_s + L_a| p_L = M_k \cdot p_k + \pi \sum_{j=1}^k M_j \cdot p_j \quad V.13$$

Pela equação V.12 observa-se que a parcela  $M_k \cdot p_k$  torna-se cada vez menor na proporção que aumentamos  $k$ , o que nos permite afirmar que para um  $k$  suficientemente grande a parcela  $M_k \cdot p_k$  torna-se desprezível. Fica evidente portanto, que se computarmos o lucro total do sistema, adicionando o lucro obtido na produção de borracha:  $\pi |A^t p_A^t + TA^t - P_T^t + TB^{t+1}, p^{t+1}|$  ao lucro obtido nos outros setores, o termo  $|L_s + L_a| P_L$  se traduzirá como lucro de outros capitalistas. Vale lembrar entretanto, que além de limitar diretamente os investimentos dos produtores de borracha, a mobilização de uma parcela do lucro total (consumida pelos aviadores e seringalistas) limita também a acumulação capitalista como um todo.

No processo de geração de lucros que a casa aviadora produz é importante notarmos que além do lucro obtido no Brasil através da exploração da borracha haverá também um lucro na própria Inglaterra criado pela importação dos bens de consumo e das mercadorias necessárias a produção.

A produção para cada período era definida pela demanda por borracha brasileira para o próximo período que era conhecida. Essa produção era obtida através do aviamento determinado para cada seringal e caso necessário, do destinado a abertura de novos seringais.

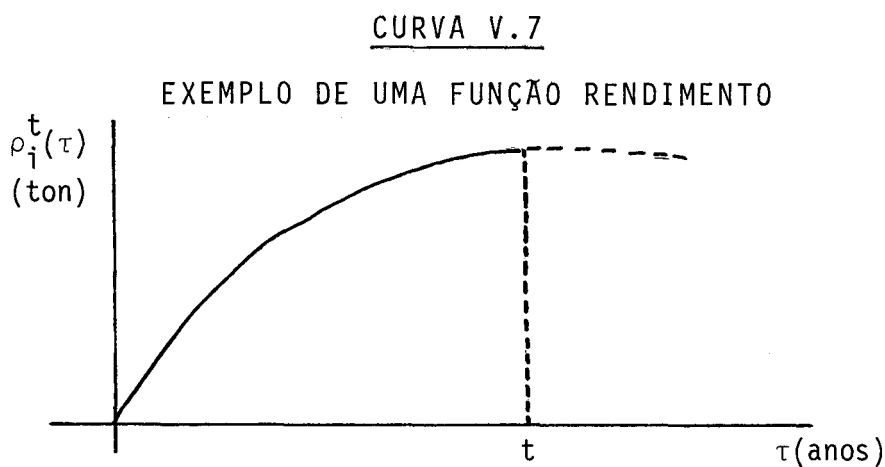
Como esse aviamento era distribuído será determinado por uma função RENDIMENTO, determinada para cada seringal através da análise de uma série de dados sobre esse seringal e que expressa as expectativas sobre o comportamento da produção do seringal no período  $t$ . Essa função reflete a prã-

tica das casas-aviadoras em analisar o comportamento dos serin-  
gais prevendo suas possibilidades de crescimento e de declínio.  
Com esse conjunto de funções determinado a aviador ia alocando  
partes do aviamento dos seringais com maior potencial produ-  
tivo para os mais fracos e caso necessário incentivando a cria-  
ção de novos seringais até atingir a demanda requisitada. As-  
sim seja:

$\rho_i^t(\tau)$  - função rendimento do seringal  $i$  até o  
período  $t$ ,  $\tau < t$ , (em quantidade física  
de borracha)

$$\rho_i^t(\tau) = f_i^t, (D_i, B_i^\tau, A_i^{\tau-1}) \quad \text{V.14}$$

A forma das funções rendimento é exemplificada  
na curva V.7



Assim com  $DB^{t+1}$  conhecido e as  $\rho_i^t(\tau)$  determinadas o aviador definia os aviamentos  $A_i^t$ , mecanismo que pode ser esquematizado como abaixo\*.

Sejam:

$n_t$  - número de seringais durante o período  $t$

$n_{t+1}$  - número de seringais durante o período

$n_{t+1}$

$$DB^{t+1} \rightarrow \boxed{\rho_1^t(\tau), \rho_2^t(\tau), \dots, \rho_{n_t}^t(\tau)} \rightarrow \begin{bmatrix} A_1^{t+1} \\ A_2^{t+1} \\ \vdots \\ \vdots \\ A_{n_t}^{t+1} \\ \vdots \\ \vdots \\ A_{n_{t+1}}^{t+1} \end{bmatrix} \quad V.15$$

Com a definição dos aviamentos reiniciava-se o processo produtivo.

Ao terminar acho importante ressaltar que toda a análise desenvolvida neste trabalho foi centrada no sistema

\* tanto na equação V.14 como na V.16 está subentendido que o número de seringueiros em cada seringal fica determinado pelo seu respectivo aviamento.

de produção e não no mercado. Foi mantida sempre uma visão intersetorial mesmo dando-se enfase a apenas o setor de produção da borracha e procurou-se não se perder de vista sua inserção no sistema como um todo. Além disto foi seguida uma abordagem de tipo insumo-produto e não do tipo "função de produção".

APÊNDICE I

IMPORTAÇÃO DOS PORTOS DE ESCALA DA 1ª LINHA, ENTRE  
MANAUS E BELÉM, NOS PAQUETES DA COMPANHIA DO  
AMAZONAS, EM 1865

Armamento . . . . .	36:796\$000
Arroz . . . . .	25:732\$000
Açucar . . . . .	129:893\$000
Azeide doce . . . . .	10:590\$000
Bebidas espirituosas . . . . .	116:997\$000
Bolacha . . . . .	12:753\$200
Café . . . . .	26:497\$000
Cal . . . . .	5:036\$000
Calçado . . . . .	10:600\$000
Carnes . . . . .	15:403\$000
Carvão-de-pedra . . . . .	2:350\$000
Cera em velas . . . . .	19:500\$000
Charutos . . . . .	9:550\$000
Chumbo . . . . .	17:425\$500
Cobre em artefatos . . . . .	17:030\$000
Comestíveis . . . . .	62:060\$700
Cordoalha . . . . .	5:471\$000
Diversos . . . . .	67:384\$220
Drogas . . . . .	7:236\$000
Farinha de mandioca . . . . .	40:158\$000
Farinha de trigo . . . . .	65:991\$000
Fazenda diversas . . . . .	1.720.296\$500
Ferragens . . . . .	159.771\$780
Ferro em bruto . . . . .	4:103\$600
Louça . . . . .	22:920\$000
Manteiga . . . . .	31:272\$000
Óleos . . . . .	14:721\$000
Pólvora . . . . .	10:061\$000
Sabão . . . . .	49:260\$000
Sal . . . . .	14:734\$000
Estearina em velas . . . . .	13:844\$000
Tabaco . . . . .	16:240\$000
Vinagre . . . . .	5:701\$000
Vinho . . . . .	91:640\$750

---

2.859.028\$950

---



EXPORTAÇÃO EFETUADA PELOS MESMOS PAQUETES DOS  
MESMOS LUGARES

Gêneros	Quantidades	Preços Médios	Valores
Algodão	263 arrobas	16\$000	4.208\$000
Breu	73 ditas	4\$000	292\$000
Cacau	25.455 ditas	6\$000	152:730\$000
Cafê	489 ditas	9\$000	4:401\$000
Carne seca	8.789 ditas	5\$500	48:339\$500
Castanha	17.944 alqueires	5\$800	104:075\$200
Cavalos	58	150\$000	8:700\$000
Chapéus de bombanaça	93.884	5\$000	469:420\$000
Couros	6.894	4\$000	31:023\$000
Couros de veado	2.180	2\$500	5:450\$000
Cravo	4 arrobas	8\$000	32\$000
Cumarú	14 ditas	10\$000	140\$000
Estopa	682 ditas	2\$000	1:364\$000
Feijão	50 alqueires	6\$000	300\$000
Gado vacum	325	50\$000	16:250\$000
Goma elástica	69.605 arrobas	18\$000	1.252:890\$000
Guaranã	281 ditas	60\$000	13:860\$000
Manteiga de tartaruga	950 potes	12\$000	11:400\$000
Maqueiras(redes)	1.100	10\$000	11:000\$000
Mexira	563	10\$000	5:630\$000
Óleo de copaíba	72.660 libras	\$470	34.150\$200
Piaçaba em obra	6.893 polegadas	1\$500	10.339\$500
Piaçaba em rama	3.453 arrobas	1\$200	4:143\$600
Pirarucu	64.426 ditas	6.000	386:556\$000
Puxuri	37 ditas	12\$800	473\$600
Salsaparrilha	1.603 ditas	25\$000	40:075\$000
Sebo	747 ditas	6\$000	4:482\$000
Tabaco	315 ditas	20\$000	6:300\$000
Tartarugas	132	4\$000	528\$000
Tucum	70 arrobas	25\$600	1:792\$000
Vinho de caju	34 dúzias de garrafas	10\$000	340\$000
			2.630:684\$600

FONTE: TAVARES BASTOS, A.C., O VALO DO AMAZONAS, 3a.ed., Ed.Nacional, Brasília, INL, 1975.

APÊNDICE IITABELA 1 : CUSTO DE UMA LIBRA DE BORRACHA EM 1923 EM RELAÇÃO À ORIGEM (DOLLAR)

## TERRITÓRIO DO ACRE:

RIO ACRE	\$ 0.1404
ALTO JURUA	0.1030
ALTO MADEIRA	0.7000
ALTO TAPAJÓZ	0.1030
ALTO XINEU	0.0463
ALTO JAVARY	0.1030

## BOLÍVIA:

RIBERALTA	0,0850
ALTO ABONA	0,0821
COBIJA	0,0978

TABELA 2 : CUSTO DE TRANSPORTE ATÉ BELÉM (POR 10 kg)

## DE:

PORTO VELHO	1\$000
MANAUS	0\$530
TEFÉ	0\$840
BENJAMIM CONSTANT	1\$050
CRUZEIRO DO SUL	1\$560
RIO BRANCO	2\$200
COBIJA	3\$750
LABREA	1\$200
SANTAREM	0\$350
ITAITUBA	0\$600
CAMETA	0\$300
ALTO XINGU	0\$772

TABELA 3 : DISTÂNCIA ENTRE MANAUS E PONTOS IMPORTANTES NA EX-  
TRAÇÃO DE BORRACHA (milhas)

RIO MADEIRA E TRIBUTÁRIOS

PORTO VELHO	792
ABUNA	929
EUATARA MIRIM	1.012
CACHUELA ESPERANZA	998
RIBERALTA	1054

RIO PURUS e tributários (incluindo Rio Acre)

LABREA	903
CACHOEIRA	1028
BOCA DO ACRE	1366
RIO BRANCO	1665
COBIJA	1827

RIO JURUA e tributários (incluindo Rio Taranaca)

SÃO FELIPE	1724
CRUZEIRO DO SUL	2395

RIO SOLIMÕES

CODAJAS	178
TEFÉ	368
S.PAULO DO OLIVENCA	752
BENJAMIM CONSTANT	894

## RIO NEGRO e tributários

SANTA ISABEL 423

CARACARAI 420

TABELA 4 : DISTÂNCIA ENTRE BELÉM E PONTOS IMPORTANTES NA EX-  
TRAÇÃO DA BORRACHA (milhas)

MAUES 733

ITACOATIARA 817

PARINTINS 679

OBIDOS 584

SANTAREM 516

BOIM 572

ITAITUBA 710

SÃO LUIZ 759

PORTO DE MOZ 318

VICTORIA 384

CURRALINHO 102

OBS: A distância entre Manaus e Belém é 925 milhas aproximadamente.

FORNE: SCHURZ, WILLIAM L.; RUBBER PRODUCTION IN THE AMAZON VALLEY, TRADE PROMOTIONS SERIES Nº 23, WASHINGTON, GOVERNMENT WRITING OFFICE, 1925.

APÊNDICE IIIREGULAMENTO DE UM SERINGAL

SERINGAES DE OCTÁVIO REIS

Regulamento interno para 1934 e annos a seguir,  
atê a nova deliberaçãoEditôra Livraria Escolar de Porto de Oliveira e Cia.  
Campos Sales, 105 - Parã

"Toda a nação tem as suas leis para ellas reger-se, e se estas leis não são obedecidas por seus habitantes será uma noção em completa desorganização, onde não poderã haver garantias para os que nella vivem, nem para quem com ella manter negócios.

Succede o mesmo com toda a sociedade que tem os seus sôcios, e se não se obedece a elles será uma sociedade desbaratada e sem duração. Atê nas casas de famílias, para serem bem organizadas, teem que obedecer a uma ordem, sem a qual virã logo a desorganização, e dahi os resultantes desgostos de família, que infelizmente é o que mais acontece.

Como, pelo que vemos, tudo precisa de organização e ordem. Um Seringal, por exemplo, onde habitam centenas e centenas de almas, com diversos costumes, sexos diversos, e até nacionalidades diversas, não pôde deixar de ter o seu regulamento, pelo qual todos os seus habitantes possam orientar-se de seus deveres de acordo com as posições e trabalho de cada um.

Tenho convicção de que todos os que vivem em seringas desejam uma vida tranquilla de paz, amor, trabalho e justiça, e estou certo que, obedecendo fielmente a este regulamento, viverão bem e felizes. Precisamos notar que no seringal somos uma sã família no cumprimento de nossos deveres, sem excepção de raça, crença religiosa, nacionalidade e posição. Somos todos iguaes e devemos trabalhar para um mesmo fim, que é o de vivermos bem, sem prejudicar aos outros, tendo por lema este princípio: respeitar aos outros porque respeita-se a si próprio.

Deveres dos gerentes encarregados dos depósitos:

- (a) Tratar a todos, quer extractor, que empregados subalternos, com delicadeza, não os maltratar com palavras offensivas, nem com outro qualquer meio que venha offendel-os.
- (b) Zelar e vigiar tudo que lhe está entregue, não podendo desviar o seu tempo e actividade em assumptos alheios aos interesses da casa que dirige.
- (c) Procurar pela forma mais sensata diminuir as despezas para o augmento da receita, tendo em conta que do engrandecimento da casa vem o bem geral para todos que della dependem.
- (d) Dimittir e admittir empregados, quando o preciso fôr, collocar e descollocar extractores, e para descollocar é preciso que o extractor por treis vezes tenha infringido o regulamento a que está sujeito, fazendo-o com justiça e imparcialidade, e não por qualquer vingança fútil, ou para proteger a um terceiro.
- (e) Avisar aos 30 dias ao escriptório geral as occorrências dadas em seu departamento.

- (f) Não aceitar freguez de outro deposito, sem autorização do gerente daquelle, e facilitar tudo que estiver ao seu alcance em benefício do outro deposito, facilidades estas que não trabam prejuizo ao seu.
- (g) Attender com promptidão, na medida do possível, a necessidade do freguez, especialmente em caso de doença.
- (h) Trazer sempre em equilíbrio a conta do freguez, quando não seja possível trazel-a com saldo a favor do mesmo, tendo em consideração que o freguez sō é amigo e cumpridor dos seus deveres quando tem saldo.
- (i) Reparar com criterio o trabalho de seus empregados e se estes merecem a continuação do emprego. Não collocar ninguém por pretecção, nem descollar por odiosidade.
- (j) Fazer com que todos produzam e vivam satisfeitos, tanto empregados como extractores.
- (k) Consultar sempre que seja preciso o escriptorio central.
- (l) Fazer cumprir fielmente o regulamento geral da casa.

Deveres do guarda-livros ou encarregado da escripta:

- (a) Trazer em dia a sua escripta
- (b) Orientar sempre o gerente das condições financeiras de cada freguez, ou de qualquer outro assumpto que, a seu juizo, julgue necessário, tendo em consideração que é a segunda pessoa da casa, e como está ao par da conta de todos, tem capacidade mais que sufficiente para qualquer orientação.
- (c) Explicar com calma ao freguez qualquer duvida que porventura este tenha em suas contas, procurando mesmo não se aborrecer.

- (d) Fornecer guias com preços todas as vezes que remeter mercadorias para os centros, quer em comboio, quer por embarcação, e mensalmente fornecer os talões ou factura geral das compras, durante o mez, e de dois em dois mezes fornecer contas correntes.
- (e) Viver sempre em harmonia com o gerente, trocando idéias, e fazer tudo quanto esteja a seu alcance para o engrandecimento da casa.
- (f) Tratar bem a todos e com o devido respeito, sem excepção de classe.
- (g) Zelar pelos interesses geraes da casa, porque do seu bem estar vem o bem estar de todos que estão ligados a ella.
- (h) Cumprir a fazer cumprir fielmente este regulamento.

Deveres dos empregados de balcão:

- (a) Trazer sempre limpas e bem assejadas as mercadorias.
- (b) Vigiar as mercadorias para que não haja falta, e que esta falta venha resultar em seu próprio prejuizo, tendo em conta que um empregado de balcão, relaxado, não pôde satisfazer aos desejos da casa, muito menos aos seus proprios interesses.
- (c) Ser fiel nos pesos e medidas, e não impingir por bõa, ao freguez, mercadoria que saiba ser de inferior qualidade, tendo em conta que a casa não precisa do freguez somente por uma vez, e que o homem deve ser honesto para merecer a confiança geral. Ter muito cuidado em suas notas ao remettel-as ao escriptorio, para que não haja engano que venha trazer reclamação, tendo em conta que o productor perde dois a



treis dias para vir do centro reclamar uma caixa de fósforos que lhe saia por engano a mais na sua conta, deixando de produzir muitas vezes, por este pequeno engano, borra-cha que lhe daria para comprar uma lata, ficando por este facto mal visto tanto o empregado do balcão como o guardalivros que forneceu a nota, e por muitos são ainda considerados de ladrões. Portanto é preciso a maxima attenção para não se enganar nem a favor nem contra a casa.

- (d) Tratar sempre ao freguez com bom humor e seriedade, como se estivesse num balcão que elle não fosse forçado a comprar e precisasse atrahil-o com boas maneiras e attentiosamente, e não se prevalecer nunca de ser a unica casa que tem para servir ao freguez, e por tal motivo não servil-o bem e com carinho.
- (e) Ter em conta que o balcão é um lugar de muita responsabilidade e uma escola que tem elevado muitos homens de bem ao auge da grandeza. Por conseguinte o meu desejo é que imiteis aos que teem sabido se fazer no balcão, e para imital-os basta somente o trato, a seriedade e todo o cuidado naquilo que está a seu cargo.
- (f) Cumprir e fazer cumprir este regulamento para o seu bem e para o bem geral.

#### Deveres dos comboieiros:

- (a) Devem ter em consideração que o comboieiro é um homem de muita responsabilidade, porque tem a seus cuidados o interesse alheio. É o condutor do meio de transporte nos seringaes, e como tal precisa ser honesto e cuidadoso para que pos

sa entregar o que recebe nas mesmas condições de conservação que recebeu. Muitas das vezes o seu relaxamento pode ocasionar sérios prejuízos a terceiros, em razão do que deve ser cuidadoso, trabalhador e sobretudo honesto. Como vive sempre em contacto com as famílias deve ser também um homem respeitador para que tenham nelle inteira confiança. Respeitar para poder ser respeitado.

- (b) Tratar bem os animaes, não espancal-os, não carregal-os de mais do que possam supportar para viajar folgadamente. Sõ leval-os para a viagem os necessãrios e que estejam em condições de viajar. Quando em viagem não devem dormir amarrados, e o comboieiro deve procurar alcançar sempre pontos de dormida, onde possam pernoitarem soltos. Não viajar mais de oito horas por dia, e viajar devagarinho para que o animal não se maltrate.

Quando na margem, deve dar ração pela manhã e a tarde. As rações obdecedrão aos seguintes horários: das 5 às 7 horas da manhã, terminada a ração do costume leval-os, curar alguma enfermidade que tenham, aparar cascos, quando seja preciso, e soltal-os. Juntal-os novamente às 4 horas da tarde para dar-lhes nova ração, variada da ração que tiveram pela manhã. (Costuma-se dar canna ã tarde).

- (c) Estando em viagem deve dar ração ao animal pela manhã e laval-o ã trade.
- (d) Tratar com zelo e limpeza os arreios e ter constantemente promptos tantos quantos sejam precisos a cada animal, arreios estes que lhe serão entregues em condições de viajar, recebendo-os contados, e, quando já estragados, trocal-os-ã por outros, e não os tendo para a devida permuta, lhe se-

rão debitados em conta.

- (e) Receber na margem as mercadorias conferidas e entregal-as no centro nas mesmas condições que recebeu, sendo-lhe debi-  
tadas as que por falta de cuidado deixar de entregar.
- (f) Dar sciencia ao gerente do occorrido durante a viagem e de qualquer anormalidade que note nos centros entre fregue-  
zes.

Não contar historias infundadas, que disso venha trazer qualquer desgosto entre freguezes, ou a quem quer que seja.

- (g) Ter em consideração de que não pode dispor de animaes a não ser para o serviço usual da caso. Mesmo em viagem e estando a tropo viajando descarregada, não pode fornecer a  
animais a quem quer que seja para montada ou para carga e sobrecarga. Esta falta será punida com a multa de cem mil reis que lhe será debitada em c/c. Não obtante, poderã for-  
necer animaes a qualquer possoa que esteja doente e que pre-  
cise transportar-se, memos que para isso seja preciso dei-  
xar cargas nos centros.

Deveres dos fiscaes:

- (a) O fiscal do seringal, que pelo nome bem indica a confiança que merece, vivendo em continuo contacto com o productur, é preciso ser um homem sério e de bem, trabalhador e honesto, tratando a todos com imparcialidade em todos os seus actos para assim poder merecer a confiança que a casa lhe deposi-  
ta.
- (b) Tem o dever de fiscalizar todas as entradas e ver se estão trabalhadas de accordo com o regulamento de corte em vigor,

e quando não estejam, chamar o dono da referida estrada mal trabalhada e ensinar-lhe, se preciso fôr, a forma de trabalhar bem e de accordo com o regulamento, avisando à casa dessa anormalidade. Fazer o mesmo pela segunda vez e suspender o productor de seus trabalhos em caso de reincidência pela terceira vez, e neste caso deverá valorizar os prejuízos causados para que sejam cobrados pela casa. Havendo qualquer duvida neste seu acto, irá alli o gerente do deposito que verificará a estrada em questão e fará valer ou não a multa aplicada.

- (c) É dever do fiscal ensinar ao extractor a forma de corte, e quando seja preciso, ajudal-o a melhorar a estrada, caso tenha menos de 150 árvores para que se verifique o aumento do leite.
- (d) Avisar ao deposito de qualquer anormalidade que note pelos centros, quer seja com extractores ou com empregados.
- (e) Cumprir e fazer fielmente este regulamento, e com especialidade o regulamento do corte, que deve com calma ensinar aos que não tenham ainda bastante pratica.

Deveres dos empregados de campo e diaristas:

- (a) Obedecer o horário
- (b) Fazer o serviço que lhe fôr designado, com vontade e capricho, tendo em consideração que tudo quanto se faz com má vontade não dá bom resultado, quer para quem o faz, quer para quem o manda fazer, e todo o homem bem intencionado deve procurar não prejudicar a quem quer que seja, quanto mais a quem lhe dá serviço, e que deste serviço resulta o seu bem

estar.

- (c) Respeitar a seus companheiros e tratá-los bem para que não haja desgosto entre companheiros de trabalho.
- (d) Fazer com a devida prudencia qualquer reclamação que se julgue com direito, quanto este lhe seja negado.
- (e) Respeitar as ordens recebidas de seus chefes e procurá-las executar, quando no mister de seu serviço.
- (f) Respeitar e fazer respeitar este regulamento.

Deveres a que está sujeito o extractor

Todo o homem de bem tem os seus deveres a cumprir, e para bem geral de todos os que habitam os seringaes e dos que hão de vir, não podia eximir-se o extractor de uns certos deveres a que está sujeito.

- (a) Viver em harmonia com todos, respeitando para ser respeitado.
- (b) Obedecer estrictamente o regulamento do corte.
- (c) Trabalhar em borracha, cortando e colhendo as suas estradas 4 dias na semana, notando que este trabalho lhe proporciona o seu bem estar e agrada à casa, que é estabelecida para produzir borracha, contando tão somente com a sua cooperação que, falhando, falham também todos os cálculos e esperança que se tem numa certa produção, encarecendo desse modo a vida nos seringaes, consequencia prejudicial para si próprio e para quantos nelle habitam. Deve ter em consideração que quando vem para os seringaes e se colloca como extractor, é para produzir borracha. Se o seringueiro adoptasse trabalhar quatro dias por semana em borracha, empre-

gando o restante dos dias noutra mister, seria um homem rico.

- (d) Fazer borracha fina e de bõa qualidade, e quando seja para ser transportada em animaes não deve ter mais de 50 latas de leite, nem menos de 45. É preciso ter em conta que se regeita a borracha que não fõr fina e de bõa qualidade, e que sõ pode sahir dos centros cortada a borracha que, a jui so do comboieiro, tiver mais de 65 kilos, e tendo também menos de 50kg prejudica a casa na condução, e o dever do bom extractor é zelar pelos interesses da casa onde vive, porque do engrandecimento della depende o seu bem estar.
- (e) Fazer as suas transacções somente com o deposito onde trabalha para engrandecimento deste, e não o fazer com outro deposito, mesmo que seja da mesma firma, muito menos com pessoas extranhas ã casa. Entretanto lhe é permitido, ao ir para os seringaes, levar para o seu uso tudo que julgue conveniente, excepto bebidas alcoolicas que é terminantemente prohibido nos seringaes.
- (f) Fazer com calma e bom humor qualquer reclamação para que lhe seja attendida, se for justa; esta pôde ser dirigida por escripto ou verbal, que tendo de ser attendida, será. Levar ao conhecimento da gerencia do deposito, onde trabalhar, qualquer queixa que tenha a fazer de duvidas entre companheiros, ou com qualquer empregado da casa, antes de tomar qualquer resolução, porque se lhe ouvirã com toda a atenção, e procura-se-ã resolver com o melhor criterio e desapaixadamente.
- (g) Trazer sempre limpas as suas estradas para que viva comprar em seu trabalho que lhe proporciona o seu bem estar. Ter

limpeza em sua casa, trazer sempre tudo bem limpo e asseiado, porque sem asseio não pôde haver saúde.

Trabalhar em estradas que não vão além de suas forças, para que viva sempre com vontade de trabalhar diariamente, tendo sempre em conta que sô se pôde carregar a carga que não vai além de nossas forças.

O bom extractor não é aquelle que tira muito leite e sim aquelle que tem o seu trabalho methodisado em condições de ir vel-o sempre, para o que precisa de saúde e vontade.

- (h) Não fazer negócio com a sua collocação, sem previo consentimento do deposito onde trabalhar.
- (i) Pagar fielmente as suas dividas contrahidas no deposito onde trabalhar, porque isso não sô lhe proporciona crédito e mais conceito, como garante a sua estadia no seringal por todo o tempo que lhe convenha nelle permanecer.
- (j) Dirigir ao escriptorio central as suas reclamações por escripto, quando não forem attendidas no deposito onde trabalha, e que, a seu juiso, tenham deixado de ser por espirito de perseguição ou para proteger a terceiros.

Dou aqui o sisthema do corte para a extracção do leite da hevea-ouro(seringueira), arvore-mãe. Mãe devemos chamar-lhe porque é a arvore amiga do homem. Com o seu leite alimentam-se milhares e milhares de familias que vivem da borracha. Proporciona tantas facilidades a seringueira, que quem se habitua a viver alimentado do seu leite não se acostuma mais a outro qualquer serviço, porque encontra-se feliz o seringueiro extrahindo o leite e vivendo em continuo contacto com as fertilidades da natureza. O homem que vive nos seringaes não conhece necessidades. Pena é que ainda haja quem não conheça o valor da serin-

gueira; porém pouco valor damos ao ar que aspiramos de onde depende a nossa vida, ao sol que nos mantêm, à água que bebemos, e tudo mais deixado por Deus, para o bem estar do homem, não é de ignorar não darmos à seringueira o valor que ella merece. Há até homens illustres que dizem ser o Amazonas pobre, devido à seringueira. Verdadeira injustiça. Falta de reflexão. Pouco conhecimento para saber dar valor ao que merece, porque a seringueira é uma das maiores riquezas da floresta brasileira. Soubessem os homens do Amazonas explorar methodicamente e com intelligência a seringueira, o Amazonas seria o orgulho do Brasil e pasmaria o mundo inteiro. Portanto, devemos ter carinho para com a seringueira que nos proporciona tantos dias felizes e não sejaes ingratos, senhores extractores, para com a árvore bem dita que vos proporciona um trabalho remunerador, que vos livra do chicote do capataz, que faz do extractor senhor de si proprio, dono de sua casa, sabendo a que horas que come e que dorme, vivendo em contacto directo com a sua família, tendo conceito de todos, merecendo a estima do patrão que trata o bom produtor como um de seus melhores amigos. Pensem e reflectam que não há outro mister que favoreça ao homem inculto tantas vantagens - digo inculto porque para cortar seringa não precisa ser formado em cousa alguma, basta somente ter character e vergonha para ser um bom seringueiro.

As experiências feitas nos seringaes do mundo civilizado, onde se explora methodicamente a seringueira, deram como melhor forma de cõrte o sistema "faca", tanto por ter mais abundancia de leite como pela conservação da árvore.

O perspicaz governo boliviano, no intuito de conservar as



riquezas de seu paiz, votou uma lei salvadora da seringueira, obrigando o cōrte pela "faca" em todos os seringaes bolivianos, punindo os infractores. (Conheço uma firma que foi multada em dez mil bolivianos - quarenta contos de nossa moeda naquele tempo).

Como em tudo que se deseja melhorar, afastando-se do sistema rotineiro, hã maldizentes, não podia deixar de haver obstaculos na referida lei. Houve gritos, protestos, paralização de fabrico, o diabo a quatro, porẽm o governo, consciente de sua açãõ, manteve cada vez mais rigorosa a sua lei, e hoje todos bem dizem esse acto altamente intteligente e de salvaçãõ dos seringaes, que actualmente se encontram mais abundates de leite que nos tempos do assassino machadiano.

Pena ẽ que o Brasil não tenha lei igual que proteja os seus seringaes extensissimos e ferteis, e quasi que abandonados.

O Snr. José Claudio de Mesquisa (hoje falecido) inesquecível protector da seringueira, que foi o inventor do cōrte pelo sistema "faca", e o proprio confeccionador da "faca" de cortar seringa, não encontrou lei governamental que o amparasse, nem auxilio de espẽcie alguma. Serviu a sua invençãõ para os ingleses e hollandezes, e para nōs foi um grande mal, porque se elles tivessam continuado a cortar com o machadinho, não haveria no Oriente nem mais uma seringueira viva, enquanto que as nossas ainda iriam resistindo pela fertilidade da terra.

Mas, seja como fõr, não podemos deixar de reconhecer na intelligẽcia lũcida do Snr. Comendador José Claudio de Mesquita a sua bõa intençãõ de defender as riquezas do Amazonas. Infelizmente, este nome ẽ hoje esquecido como o de muitos inventores de valor.

Sendo, como está provado, o cōrte pela "faca" o unico de todas as vantagens, tanto na abundacia de leite como sobretudo na conservação da árvore, não podia eu deixar de adoptá-lo nos meus seringaes e nos de minha administração, convicto de uma medida de benéficas finalidades.

Assim é que menciono aqui algumas instruções que orientarão ao extractor a maneira de trabalhar, e, estou certo que o seringueiro intelligente reconhecerá ser a melhor forma até hoje sem igual. Porém, como todo o trabalho feito com vontade e intelligência traz novos conhecimentos, ao ponto de muitas vezes nos ensinar o meio mais facil e rendoso de fazel-o, espero receber de meus extractores suggestões a respeito, que, depois de estudadas, poderão ser adoptadas.

Altura da arreação: - 1,60 - 7 palmos mais ou menos

Largura de arreação e raspagem: - 17 centímetros de largura e outro tanto de comprimento, notando-se que a raspegem que deve ser bem leve, de forma a não maltratar a árvores. Há seringaes em que não se raspa, limpa-se apenas a madeira em vez de raspagem. Recomenda-se não parar de cortar a seringueira estando raspada, perdendo também o extractor o tempo que gastou na raspagem, e a seringueira aquella parte raspada que não produziu. Há extractores que começam raspando uma chave e terminam com dois palmos. Preciza evitar esta anormalidade, tendo o máximo cuidado de não enlarguecer a raspagem na proporção que vai baixando a arreação. Deve procurar trazer sempre a mesma largura com que principiou.

Comprimento do corte: - 17 centímetros - uma chave mais ou menos

Distância de um corte a outro: - 1/2 centímetros, mais ou menos.

Distância das arreações: - o espaço de uma arreação a outra, em volta das árvores, deve ser de 60 centímetros ou 3 palmos, mais ou menos.

O productor é obrigado a adoptar este sistema acima explicado, salvo se apresentar sugestões de melhores resultados, sem danificar a seringueira que, neste caso, serão estudadas, e, se aprovadas, aceitas para o regulamento geral.

Deveres da casa com o pessoal extractor:

- (a) Fornecer 3 estradas e elementos, quando seja preciso, para que o extractor possa produzir.
- (b) Ajudar-o gratuitamente, quando entre a collocar-se, no preparo de sua casa, limpeza de estradas, etc., para que o freguez não comece atrasado, em condições de não poder pagar com brevidade.
- (c) Tratar-o em caso de doença, ou facilitar-lhe elementos para tal fim, se for necessario.
- (d) Entregar em sua casa as mercadorias e trazer os respectivos productos, fazendo isso nos dias marcados de entrada de comboio para a linha de cada freguez.
- (e) Pagar pontualmente os saldos ao proprio extractor ou à família deste.
- (f) Fornecer-lhe mensalmente as facturas e c/correntes de 2 em 2 mezes.
- (g) Attender as suas reclamações, quando sejam justas.

- (h) Dispensal-o dos seus serviços nos seringaes, quando por tre is vezes tenham infringido o regulamento em vigor.
- (i) Respeital-o e fazer com que os outros o respeitem.

Um momento de conversa com o meu pessoal:

- (a) Todos voces que habitam os meus seringaes sabem que teem em mim um amigo. Não é verdade? Vou lhes dizer o motivo.

Para que sejam também meus amigos e da casa onde vivem, tomem em consideração de que quem trabalha numa casa onde imperam o respeito e o espírito de justiça, como na minha, sô pode viver tranquilo, assim proceda bem.

- (b) Sabem muito bem quanto procuro interessar-me, por tudo que está ligado a sorte de voces. Não é verdade? Vou lhes dar as razões:

Compreendo que zelar pelo bem estar de todos voces, vem reflectir directamente em meu proprio beneficio. Dar-lhes-ei um exemplo: Suponhamos que eu tivesse viajando pelos seringaes, sem levar rancho, e fosse dar na casa de um de voces, onde encontrasse tudo farto, e me fosse proporcionada alimentação bôa, estaria eu de certo, feliz. E de onde provinham estes meus momentos de satisfação? Da sua propria fe licidade, do seu trabalho honeste e productivo, do seu esforço para viver bem.

- (c) Todos voces sabem que os não abandono na doença, mesmo que não tenham saldo. E sabem porque? Não é por caridade, porque quem vive em seringal não precisa de caridade, quando trabalha com o fim de viver independente. Faço-o porque o homem doente nada produz, é um inútil, e para que possa

produzir os mando tratar.

- (d) Sabem que recebem os seus saldos quando querem. Não é verdade? Faço isto com regularidade para manter o meu credito perante vocês, que com essa confiança trabalham com gosto e sem receio. Agora deseja que todos voces me imitem e não deixem de pagar-me, quando me devam, porque disso dependem o credito de voces em minha casa e a confiança que me possam inspirar.
- (e) Todos voces sabem que conversam conmigo em completa liberdade, como se estivessem fallando a um seu colega. Explicar-lhes-ei o motivo: Considero que todo o homem que trabalha honestamente, seja qual fôr a sua profissão, é merecedor de meu inteiro acatamento e respeito assim proceda bem.
- (f) Sabem voces que tenho um movimento de transporte organizado, e que recebem as suas mercadorias em suas proprias casas e em datas certas, seja de verão ou inverno. Não obstante essas mercadorias serem conduzidas por agua, em lancha, e por terra, em costa de animaes, voces a recebem em perfeito estado de conservação, e ainda lhes dou o direito de devolverem-nas se não estiverem em condições. Sabem quanto isso me custo, e o prejuiso que me causam se o combôio regressa sem o producto correspondente? Devo dizer-lhes para que voces façam uma idéia, e procurem evitar que isso aconteça.
- Para trazer a mercadoria de Manaos até a casa de voces, e em perfeito estado, custa-me muita força de vontade e sobretudo muito dinheiro. E se ainda o combôio chega em suas casas e não encontra o producto para o devido pagamento, os prejuisos certos são estes: Percas de tempo e gastos do combôio que fez a viagem para entrar e sair carregado; igual-

mente a lancha que levou a carga e tambem voltou vazia fez a mesma despeza como se tivesse vindo carregada. O meu compromisso na praça tambem não foi attendido, porque fallhou a quantidade de borracha com que eu contava de meus freguezes, e este eu considero o maior prejuisos, tanto para mim como para voces proprios, que deixam de ser servidos a contento na outra viagem da lancha, simplesmente porque se descuidaram de trabalhar o sufficiente para o compromisso de voces, e depois se queixam que a casa lhes serve mal. Digam com franqueza de quem é a culpa?

Se voces tivessem o cuidado de nunca faltar com a borracha que podem produzir, dada a fertilidade de leite nos seringaes, podia-se francamente contar com 250 kilos mensaes de cada homem. Agora, digam-me voces se produzissem todos, mesmo 200 kilos mensaes cada um, em que condições de fartura não viveriam? E tudo haveria de sobra nos seringaes. Eis a razão por que digo que do nosso esforço depende a nossa situação melhor. Portanto, tenham animo e trabalhem com a firme vontade de nunca sofrer necessidade.

Tenho observado sempre, quando viajo pelo centros dos seringaes, que hã casas de seringueiros que são uma verdadeira riqueza, e outras que são uma lastimavel vergonha. E por que isso? Porque aquelles são caprichosos e trabalham com cuidado, ao passo que estes são relaxados e pouco trabalham.

#### Regulamento Geral

Todos os habitantes deste seringaes teem por dever:

- (a) Respeitarem-se mutuamente

- (b) Trabalhar para se manter decentemente, porque, sendo os seringaes um nucleo de trabalho, para onde se vai com a vontade exclusiva de ganhar dinheiro e consequentemente melhorar as suas condições de vida, sō se pōde adquirir o desejado com um trabalho firme e honroso.
- (c) Dirigir ao escriptorio central por escripto as suas reclamações, quando não tenham sido attendidas pelo deposito onde trabalha, e que, a seu ver, julgue ter razão, e estejam de accordo com o regulamento em vigor.
- (d) Pagar as suas dīvidas pontualmente, uger contrahidas no deposito onde trabalha ou onde quer que seja, porque o homem que se nega de pagar o que deve não ē um homem de bem.
- (e) Ter confiança em si proprio, porque aquelle que perde a confiança de sua pessoa e sō espera pela noção dos demais, ē um homem perdido e inūtil.
- (f) Cumprir fielmente todos os seus deveres para poder ser respeitado e benquisto.

#### Pagamento de Saldos

Os saldos sō pagos pontualmente, quando o freguēs deseja retirar-se, sisthema que vem sendo adoptado com regularidade.

#### Retiradas de Pessoal

Quando sejam gerente, guarda-livros ou comboieiros, aviso antecipado de 90 dias. Outro qualquer empregado, 30 dias. Salvo doença. Quando seja extractor de borracha, nos mezes de Janeiro, Fevereiro, Março e Abril. Salvo doença que o impossibilite de continuar. Quando o extractor pede estradas para trabalhar,

deve occupal-as pelo menos até o termino do fabrico, razão pela qual as retiradas destes são em datas certas.

#### Compra de borracha e castanha

A borracha paga-se 70% dos preços de Manaos, com taxa de 10%.

É rejeitada a que não for fina e de boa qualidade, que então só pôde ser aceita mediante convênio especial.

#### Condições

O seringal é cedido gratuitamente, com as condições do extractor obedecer fielmente o regulamento de corte e trazer sempre bem preparada e limpa a casa onde habita, e limpas as estradas em que trabalha. Com utensílios alugados ao deposito, é obrigado a entregar na sua casa a mesma quantidade que recebe, juntos, limpos e contados.

É permitido a colheita de castanha nos mezes de Janeiro, Fevereiro e Março até o dia 15, tempo em que a casa mandará receber a que ainda não tenha sido recebida, e pagar pelo preço combinado e condições ajustadas, fazendo ver que deve ser bem limpa, reservando-se a casa o direito de recusar a que apresentar mau aspecto de limpeza e conservação.

#### Transferencia ou mudança de collocação

As tranferencias de collocação só podem ser nos mezes de Janeiro, Fevereiro e Março, e as mudanças a não serem feitas nesses mezes só pôdem ser permitidas no mez de Setembro.



O transporte é também feito gratuitamente do deposito a casa do extractor e vice-versa.

### Crise mundial

A crise que, com os seus terríficos efeitos, tem avassalado o mundo inteiro, e está universalmente conhecida, não podia deixar de influir também no preço da borracha.

Sendo nós nos seringaes acostumados a trabalhar pouco e ganhar muito, nos aureos tempos, fomos imprevidentes em não reservarmos um pouco do muito que ganhâmos com que pudessemos atravessar a phaze aguda da crise, sem que fossemos forçado a alterar aquelles nossos costumes.

Mas a crise que não attende supplicas, maximé quando estas supplicas são immerecidas, porque muito se esbanjava superflua-mente, na enganosa crença de que o alto preço da borracha seria eterno, veio mistêr seja confessar, em bôa hora corrigir aquelles nossos prejudiciaes costumes.

Em vão foram estas tentativas, e hoje quasi todos voltam aos seringaes, convencidos de que alli é onde se vive mais fartamente.

Felizmente posso dizer, sem nenhum vislumbre de exagero, que nos meus seringaes e nos de minha dependencia, graças ao esforço de seus habitantes, foi onde a crise menos attingiu. Nota-se mesmo que todos vivem felizes e sem difficuldades.

Nesta minha ultima viagem, percorrendo os depositos, vi, com agradável surpresa, reuniões de crentes com os seus cultos regulares, catholicos em festa, dansando alegremente, e todos bem decentemente vestidos, Em todas as barracas por onde passei, no

tei com satisfação abundancia em tudo, e em todas ellas me offereciam refeições, e onde acceitei tive ovos, galinha, carne de caça, feijão verde, etc., e tudo mais que se possa desejar para uma boa refeição. Não ouvi siquer a menor declamação de mal passadio.

Jã se vê, pois, que não é sô com borracha cara que se pôde viver nos seringaes com regular conforto e independentemente, realizando-se desse modo, a profecia dos meus constantes conselhos: NA CASA QUE SE TRABALHA COM ORDEM E VONTADE NÃO HÁ MISE-RIA.

Assim é que a crise veio nos dar uma proveitosa lição de economia e trabalho, mostrando que na região em que vivemos, rica de borracha, castanha, caça, terra fertilíssima e muito salubre, sô precisamos de saúde e vontade para o trabalho para vivermos verdadeiramente felizes.

### Trabalhos

É de maxima importancia considerarmos a nossa emoção de prazer ao findarmos um trabalho honesto, e feito com vontade, ainda que afanoso. Concluida a obra da qual sabemos o resultado certo em dias não muito remotos, e que deste resultado irão auferir proventos os entes que nos são caros, sentimos naquelle momento o nosso coração transbordar de satisfação.

Acontece o mesmo com o seringueiro, que depois da defumação diária, tendo deixado todos os seus utensílios no devido apresto para o labor do dia seguinte, vê a sua borracha, envaidecido, satisfeito, como que maior e mais pesada do que a quantidade que ella realmente contém. Sô isso é sufficiente para dar ao

seu espírito infatigável nova disposição para o trabalho que se completa com o prazer de terminá-lo à tarde, ou mesmo já depois das Ave-Marias.

Não sucede assim com o nosso estado de alma, depois de uma festa. Aborrecidos, pernoitados, tudo nos parece triste e enfa<sup>u</sup>donho, e dos fugazes momentos de alegria nos ficou apenas o tédio.

Entre estes dois contrastes devemos preferir o primeiro - o trabalho com o qual a natureza foi generosa nas suas leis, designando-o para o homem que d'elle obterá os melhores triumphos na sua missão sublime.

OCTÁVIO REIS

FONTE: BENCHIMOL, Samuel - A Amazônia, Manaus, Ed. Umberto Calderaio, 1977.

BIBLIOGRAFIA

- |<sup>1</sup>| - BASTOS, A.C.Tavares - O Vale do Amazonas, São Paulo, Editora Nacional, 1975.
- |<sup>2</sup>| - BENCHIMOL, Samuel - A Amazônia, Manaus Editora Umberto Calderaro, 1977.
- |<sup>3</sup>| - CANO, Wilson - Raízes da Concentração Industrial em São Paulo, Rio de Janeiro, DIFEL, 1977.
- |<sup>4</sup>| - CARDOSO, Fernando Henrique; MÜLLER, E. - Amazônia: Expansão do Capitalismo, São Paulo, Editora Brasiliense, 1977.
- |<sup>5</sup>| - FONSECA, Cássio - A Economia da Borracha, Rio de Janeiro, Comissão Executiva de Defesa da Borracha, 1950.
- |<sup>6</sup>| - FURTADO, Celso - Formação Econômica do Brasil, São Paulo, Editora Nacional, 1966.
- |<sup>7</sup>| - GOULART, José Alípio - O Regatão, Rio de Janeiro, Editora Conquista, 1968.
- |<sup>8</sup>| - GUIMARÃES, Alberto Passos - Quatro Séculos de Latifúndio, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1977.
- |<sup>9</sup>| - GUIMARÃES, Alberto Passos - Uma Etapa do Crescimento Agrícola: Da Revolução Industrial à Crise Geral, em Temas de Ciências Humanas Nº 2, São Paulo, Editorial Grijalbo, 1977.

- |<sup>10</sup>| - LABROY, O. - Hevea, Manicoba, Cancho e Mangabeira, Rio de Janeiro, Relatório apresentado ao Ministro da Agricultura Indústria e Comércio, Superintendência da Defesa da Borracha, 1913.
- |<sup>11</sup>| - MACEDO SOARES, José Carlos - Le Caout-chauc: Étude Economique et Statistique, Paris, A-D Cillar Editeur, 1928.
- |<sup>12</sup>| - MAXWELL, Kenneth - A Devassa da Devassa, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1977.
- |<sup>13</sup>| - MEIRA, A.M. - Evolução Histórica de Belém do Grão-Pará, Belém do Pará, Companhia Gráfica e Editora Globo, 1976.
- |<sup>14</sup>| - MONTEIRO DE CASTRO, Raimundo - Cultura e Exploração da Borracha no Valle do Amazonas, Manaus, Associação Comercial de Manaus, 1913.
- |<sup>15</sup>| - PINTO, V.N. - Balanco das Transformações Econômicas no Século XIX, em Brasil em Perspectiva, Rio de Janeiro, DIFEL, 1977.
- |<sup>16</sup>| - PRADO, Caio - História Econômica do Brasil, São Paulo, Editora Brasiliense, 1977.
- |<sup>17</sup>| - PRADO, Maria L.C. e CAPELATO, Maria H.R. - A Borracha na Economia Brasileira da Primeira República, em O Bra-  
Republicano, História Geral da Civilização Brasileira, São Paulo, DIFEL, 1975.
- |<sup>18</sup>| - REIS, Artur César Ferreira - O Seringal e o Seringueiro, Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola, 1963.

- |<sup>19</sup>| - REIS, Artur César Ferreira - A Amazônia que os Portugueses Revelaram, Rio de Janeiro, Serviço de Documentação-MEC, 1956.
- |<sup>20</sup>| - SCHURZ, William L. - Merchandising Methods and Trade Conditions in the Amazon Valley, Washington, Bureau of Foreign and Domestic Commerce, 1925.
- |<sup>21</sup>| - SCHURZ, William L. - Rubber Production in the Amazon Valley, Washington, Trade Promotions Series nº 23, Government Writing Office, 1925.
- |<sup>22</sup>| - SINGER, Paul - O Brasil no Contexto do Capitalismo Internacional 1889-1930, em O Brasil Republicano, História Geral da Civilização Brasileira, São Paulo, DIFEL, 1975.
- |<sup>23</sup>| - SINGER, Paul - Desenvolvimento Economico e Evolução Urbana, Rio de Janeiro, Cia.Ed.Nacional, 1968.
- |<sup>24</sup>| - SOUZA, Márcio - Galvez Imperador do Acre, Rio de Janeiro, Editora Brasilia, 1977.
- |<sup>25</sup>| - SOUZA, Márcio - A Expressão Amazonense: Do Colonialismo ao Neocolonialismo, São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1977.
- |<sup>26</sup>| - TOPALOV, Christian - Estruturas Agrárias Brasileiras, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves S.A., 1978.
- |<sup>27</sup>| - VELHO, Otávio G. - Frentes de Expansão e Estrutura Agrária, Rio de Janeiro, Ed.Zahar, 1972.
- |<sup>28</sup>| - VERGOLINO, José Raimundo - A Borracha Extrativa e a Eco-

nomia Amazônica 1890-1930, Tese de M.Sc., UFPe, 1975.

|<sup>29</sup>| - VIOTTI, Emília - Da Monarquia a República: Momentos Decisivos, São Paulo, Editorial Grijalbo, 1977.